

# JASPER DEWITT

ELE IRÁ EXPLORAR  
OS SEUS PIORES MEDOS

# O PACIENTE

Direitos cinematográficos adquiridos pela 20th Century Fox/New Regency

MELHOR  
ROMANCE  
DE ESTREIA

*Library Journal*

TOP  
SELLER

«Tenso e incrível. Para fãs de  
*A Paciente Silenciosa*, de Alex Michaelides.»  
*Publishers Weekly*

JASPER DEWITT

ELE IRÁ EXPLORAR  
OS SEUS PIORES MEDOS

# O PACIENTE

Direitos cinematográficos adquiridos pela 20th Century Fox/New Regency

MELHOR  
ROMANCE  
DE ESTREIA  
*Library Journal*

TOP  
SELLER

«Tenso e incrível. Para fãs de  
A Paciente Silenciosa, de Alex Michaelides.»  
*Publishers Weekly*



*Para o Roy, que me ensinou a ver o melhor que há em mim,  
em vez do pior que os outros imaginavam.*

O manuscrito que se segue foi publicado em vários fascículos sob o tema «O motivo pelo qual quase desisti de Medicina», no site MDconfessions.com, um fórum entretanto extinto (desde 2012) destinado a profissionais de saúde. Um amigo meu, da turma de 2011 de Yale com interesse em medicina, arquivou-o por uma questão de curiosidade e teve a amabilidade de o partilhar comigo, conhecendo o meu interesse em histórias de terror aparentemente reais. O autor original, como podem verificar, escreveu sob um pseudónimo, e todas as tentativas para descobrir a sua verdadeira identidade, ou a identidade dos restantes intervenientes na história, provaram-se infrutíferas, uma vez que ele parece ter alterado vários pormenores identificativos para evitar ser descoberto.

13 de março de 2008

Faço estes regtos porque, a partir deste momento, não sei se sou cúmplice de um segredo terrível ou se estarei louco. Sendo eu psiquiatra de profissão, tenho a perfeita noção de quão prejudicial isso seria para mim, tanto em termos éticos como também do ponto de vista profissional.

Contudo, uma vez que me recuso a acreditar que estou realmente louco, publico aqui esta história, pois vocês devem ser as únicas pessoas que a poderiam considerar possível. Para mim, trata-se de uma questão de responsabilidade para com a humanidade.

Antes de começar, permitam-me que vos diga que gostaria de poder ser mais específico em relação aos nomes e lugares que aqui refiro, mas a verdade é que preciso de manter o meu emprego, e não me posso dar ao luxo de ser colocado numa lista negra da medicina, ou da saúde mental, por revelar os segredos dos meus pacientes, por muito especial que seja este caso. Como tal, embora os acontecimentos que descrevo neste relato sejam reais, os nomes e os locais foram alterados como forma de preservar a minha carreira e de manter os meus leitores em segurança.

Os poucos pormenores que posso revelar são os seguintes: a minha história teve lugar no início dos anos 2000, num hospital psiquiátrico estatal nos Estados Unidos da América. A minha noiva, a Jocelyn, uma bolseira endiabradamente inteligente, impressionantemente conscienciosa e radiamente bela que também se encontrava a tirar um curso sobre Shakespeare, andava atrapalhada com a tese de doutoramento sobre as

mulheres em *Rei Lear*. Por causa dessa mesma tese, e uma vez que eu queria estar o mais perto possível dela, decidi ir apenas a entrevistas para hospitais situados em Connecticut.

Por outro lado, tendo frequentado a licenciatura numa das mais prestigiosas faculdades de Medicina na Nova Inglaterra, imediatamente seguida de um internato igualmente rigoroso noutro estabelecimento conceituado na mesma região, os meus mentores estavam mais do que decididos quanto ao meu passo profissional seguinte. Consultas em hospitais pouco conhecidos e mal financiados destinavam-se aos meros mortais do Estado de Nenhures, e não a médicos com *Lux et Veritas* nos seus diplomas, em especial médicos que se tinham saído tão bem como eu nos estudos e na formação clínica.

No entanto, eu pouco me importava com tais demonstrações de superioridade. Uma breve experiência com o lado feio do sistema de saúde mental durante a minha infância — acompanhando o internamento da minha mãe por esquizofrenia paranoide — deixara-me muito mais interessado em consertar as partes danificadas da Medicina do que em esconder-me nos seus escalões superiores confortavelmente funcionais.

Não obstante, para conseguir emprego, mesmo no pior hospital que fosse, necessitaria de referências, o que significava que os preconceitos da faculdade teriam um papel importante na minha tomada da decisão. Um médico particularmente desagradável a quem recorri era amigo de faculdade da diretora clínica do hospital estatal mais próximo. Pelo menos, explicou-me ele, trabalhar sob a chefia de alguém com a qualidade dela impedir-me-ia de adquirir maus hábitos, e talvez os nossos «hiperativos sentidos de altruísmo» se complementassem. Aceitei de imediato, em parte para obter a dita referência, em parte porque o hospital que o meu professor recomendara — um lugar pequeno e sombrio a que chamarei Hospício Estatal de Connecticut (HEC), para evitar ser processado — ia perfeitamente ao encontro das minhas preferências, sendo um dos mais desafortunados e mal financiados no sistema de saúde de Connecticut.

Se não me tivesse comprometido com a mentalidade científica que se recusa a antropomorfizar os fenómenos naturais, quase poderia acreditar que o ambiente em si estava a tentar avisar-me, aquando da minha primeira visita ao hospital para a tal entrevista de emprego. Se por acaso já estiveram na Nova Inglaterra durante a primavera, sabem que é costume o tempo piorar sem aviso prévio; isto porque, e as minhas desculpas ao Forrest Gump, o clima na Nova Inglaterra mais parece uma caixa de trampa: independentemente do que se encontra, cheira sempre mal.

Mas, mesmo segundo os padrões da Nova Inglaterra, o dia estava pavoroso. O vento rugia nas árvores e fustigava-me, e depois também ao meu carro, com a violência de um touro enraivecido. A chuva batia com força no para-brisas. A estrada, parcialmente visível graças aos meus limpadores-de-parabrisa, assemelhava-se mais a um trilho de carvão negro rumo ao purgatório do que a uma via propriamente dita, demarcada apenas pelo amarelo apagado e pelas carroçarias dos outros condutores, que mais pareciam fantasmas do que propriamente humanos nessa imensidão molhada e pardacenta. O nevoeiro sufocava o ar com as suas gavinhas sinistras, algumas espalhando-se sobre o pavimento, desafiando o navegador a arriscar a solidão da estrada rural.

Assim que a indicação da minha saída emergiu do nevoeiro, virei e comecei a subir a primeira estrada do que me parecia ser um autêntico labirinto de estradas sombrias cobertas de névoa cerrada. Não fosse o fiel conjunto de direções MapQuest que imprimira antecipadamente, o mais certo teria sido andar perdido durante várias horas, na tentativa de me orientar pelos diferentes caminhos de montanha que, com uma indolência serpenteante que desconcertava e fazia troça do navegador, se estendiam colinas acima em direção ao Hospício Estatal de Connecticut.

Embora o percurso em si me tivesse parecido sob maus auspícios, isso não era nada em comparação com os maus pressentimentos que me assolararam assim que entrei no parque

de estacionamento e observei o *campus* do Hospício Estatal de Connecticut pela primeira vez. Dizer que o local causava uma impressão impactante e desagradável é a descrição mais diplomática que posso fazer. O complexo era surpreendentemente vasto para um lugar com tantos problemas de financiamento, e revelava a deterioração peculiar de uma instituição outrora orgulhosa e agora marcada pela negligência. Enquanto passava de carro por cada fila de ruínas entaipadas e abandonadas que em tempos albergaram várias alas, algumas construídas com tijolo vermelho gasto e descolorido, outras com arenito ressequido e coberto de trepadeiras, tive alguma dificuldade em imaginar como é que alguém poderia ter trabalhado, quanto mais vivido, naqueles túmulos fantasmagóricos que compunham o vasto monumento à decadência que era o Hospício Estatal de Connecticut.

Majestoso em pleno centro do *campus*, rebaixando os seus irmãos abandonados, erigia-se o único edifício que conseguira permanecer aberto não obstante todos os cortes orçamentais: o edifício principal do hospital. Mesmo no seu formato relativamente funcional, essa pilha colossal de tijolos vermelhos parecia ter sido edificada para fazer tudo menos dissipar as obscuridades da mente. Construído em forma de torre, dominado por ângulos retos e com janelas que não eram mais do que buracos retangulares com grades, o edifício parecia ter sido concebido para aumentar o desespero e lançar ainda mais ameaças. Até na imponente escadaria branca que conduzia às portas de entrada — a única concessão que o edifício fazia em termos ornamentais — pareciam ter pougado na tinta, de tão pálida. Enquanto contemplava o edifício, o odor fantasma a agentes de esterilização invadiu-me as narinas. Nenhum outro edifício que vi desde então me pareceu personificar tão completamente as linhas austeras e lúgubres da sanidade imposta de uma forma arbitrária.

Paradoxalmente, o interior do edifício era por demais asseado e organizado, ainda que incolor e austero. Uma rececionista com

um ar entediado indicou-me o gabinete da diretora clínica no piso de cima. O elevador zuniu baixinho durante uns segundos, como seria de esperar, e depois parou súbita e inesperadamente com um solavanco, no segundo andar. Preparei-me para a entrada de mais um passageiro quando as portas se abriram lentamente. Todavia, não se tratava apenas de mais um passageiro. Eram três enfermeiros em torno de uma maca que transportava um homem. Embora o homem estivesse amarrado, bastava olhar para ele para perceber que não era um paciente. Vestia a farda de um auxiliar de ação médica. E estava *aos gritos*.

— Larguem-me! — rugiu o homem. — Eu ainda não tinha acabado de lidar com ele!

Sem lhe responderem, dois dos enfermeiros empurraram a maca para o interior do elevador, e a terceira, uma mulher mais velha com o cabelo escuro preso num puxo ridiculamente apertado, seguiu-os, dando um estalido com a língua ao mesmo tempo que premia o botão para o terceiro andar também.

— Meu caro Graham — disse-lhe ela, a sua voz revelando uma ligeira melodia que identifiquei como sendo um sotaque irlandês —, é a terceira vez este mês. Não lhe dissemos para se manter afastado daquele quarto?

Ao testemunhar tal interação, ocorreu-me, ingenuamente, que aquele hospital talvez necessitasse realmente dos meus conhecimentos e cuidados com urgência. Por isso não fiquei surpreendido quando me ofereceram o emprego de imediato, embora tenha sido alvo de um interrogatório curiosamente rigoroso por parte da Dra. G., a diretora clínica da instituição, durante a minha entrevista.

Provavelmente não ficarão chocados se vos disser que trabalhar num hospital psiquiátrico, em especial num hospital com falta de pessoal, é ao mesmo tempo fascinante e assustador. A maioria dos nossos pacientes era de curto prazo ou pacientes externos, e os casos iam desde o consumo de drogas e toxicodependência a distúrbios de humor, em especial questões relacionadas com ansiedade e depressão, bem como esquizofrenia e psicoses, e até

um pequeno grupo com distúrbios alimentares. Enquanto instituição estatal, tem-se a obrigação de ajudar todas as pessoas que aparecem à porta, e, por norma, essas pessoas já andaram a saltitar entre serviços no sistema, pelo que estão desesperadas e com grandes limitações financeiras. Alterações no sistema de saúde mental, tanto políticas como económicas, significam que se dispõe apenas de uma pequena ala a longo prazo. A maior parte das seguradoras não suporta cuidados prolongados, pelo que estamos a falar apenas de pacientes privados e tutelas do Estado.

Entre as paredes dessas alas, encontram-se pessoas com visões sobre o mundo que seriam obscuramente cómicas se não lhes causassem tanto sofrimento. Um dos meus pacientes, por exemplo, tentara desesperadamente dizer-me que um grupo de estudantes de uma certa universidade de elite guardava um monstro gigante com um nome impronunciável e comedor de homens na cave de um restaurante local, e que esse mesmo grupo tinha dado o namorado dele a comer ao monstro. Na verdade, o homem sofrera um episódio psicótico e matara o namorado. Outro paciente tinha a certeza de que a personagem de um desenho animado se apaixonara por ele e estivera internado nos cuidados temporários após ter sido detido por perseguir o artista. Logo nos primeiros meses, aprendi à minha custa que não se salienta a realidade a ninguém que sofre de alucinações. Não ajuda nada, e apenas faz com que a pessoa se zangue.

Havia também os três senhores mais velhos, cada um convencido de que era Jesus, o que fazia com que gritassem uns com os outros sempre que se cruzavam no mesmo espaço. Um deles tinha formação em Teologia e fora professor num seminário. Gritava frases aleatórias de São Tomás de Aquino aos outros, como se de alguma maneira isso conferisse autenticidade à sua reivindicação do título de Salvador. Volto a repetir: teria a sua graça se as situações deles não fossem casos deprimidamente perdidos.

Todavia, todos os hospitais, mesmo um hospital com pacientes como esses, têm pelo menos um internado que é estranho

mesmo para os parâmetros da ala psiquiátrica. Refiro-me ao tipo de pessoa de quem até os médicos desistiram e que todos tentam evitar, por muito experientes que sejam. Esse tipo de paciente é manifestamente louco, mas ninguém sabe como é que ele ficou assim. A única coisa que se sabe, porém, é que tentar descobri-lo levaria qualquer um à loucura.

O nosso era particularmente bizarro. Para já, fora trazido para o hospital em criança e, de alguma maneira, conseguira permanecer internado durante mais de 20 anos, não obstante o facto de nunca ninguém o ter conseguido diagnosticar. Tinha nome, mas foi-me dito que ninguém no hospital se recordava de qual era, porque o caso fora considerado tão incurável que já ninguém se dava ao trabalho de ler a ficha médica dele. Sempre que alguém falava sobre ele, referia-se-lhe como «Joe».

Digo «sobre ele» porque ninguém falava «com ele». O Joe nunca saía do quarto, nunca participava nas terapias de grupo, nunca tinha consultas individuais com psiquiatras ou terapeutas, e toda a gente era encorajada a manter-se longe dele. Ponto final. Segundo parecia, todo o tipo de contacto humano, mesmo que levado a cabo por profissionais, somente agravava o seu estado mental. As únicas pessoas que o viam regularmente eram os auxiliares de ação médica — que tinham de lhe mudar os lençóis e deixar e recolher os tabuleiros das refeições — e a enfermeira que se certificava de que ele tomava a medicação. Essas visitas eram, por norma, sinistramente silenciosas e causavam sempre o mesmo efeito: o pessoal envolvido, quando saía do quarto, exibia um ar de quem seria capaz de beber o conteúdo inteiro de uma loja de bebidas. Mais tarde fiquei a saber que o Graham, o auxiliar de ação médica que vira amarrado na maca no dia da minha entrevista, tinha acabado de sair do quarto do Joe.

Na qualidade de elemento recém-chegado à equipa de psiquiatria, eu tinha acesso à ficha médica e ao receituário do Joe, mas encontrei muito pouca informação. Era incrivelmente reduzida; parecia cobrir apenas o último ano e dava a entender tratar-se de um relatório regular de antidepressivos e sedativos ligeiros. O mais estranho era o facto de o apelido dele ter sido

omitido das fichas médicas às quais pude ter acesso, restando apenas a sóbria alcunha «Joe» como identificação.

Sendo eu um médico jovem e ambicioso com muitas qualificações e pouca modéstia, sentia-me fascinado por aquele paciente mistério e, assim que ouvi falar sobre ele, meti na cabeça que seria eu a curá-lo. A princípio, mencionei-o de passagem, em jeito de piada, e os que me ouviram prontamente o desvalorizaram como o entusiasmo típico dos jovens.

Contudo, houve uma enfermeira a quem confidenciei com seriedade o meu desejo, a mesma enfermeira que eu vira a cuidar do Graham, o auxiliar de ação médica. Por respeito para com ela, e respetiva família, irei batizá-la de Nessie, e é com ela que esta história começa verdadeiramente.

Parece-me pertinente fornecer alguns dados sobre a Nessie e sobre o motivo por que partilhei especificamente com ela os meus desígnios. A Nessie trabalhava no hospital desde que emigrara da Irlanda como enfermeira acabada de se formar, nos anos 70. Tecnicamente, era a enfermeira diretora, e apenas fazia o horário diurno, mas aparentemente estava sempre disponível, dando a ideia de que morava no hospital.

A Nessie era uma grande fonte de conforto para mim, assim como para os restantes médicos e terapeutas, pois geria tudo com uma organização impressionante que se estendia não só aos enfermeiros como também aos auxiliares e ao pessoal de limpeza. A Nessie parecia saber como resolver praticamente qualquer problema que pudesse surgir. Se um paciente enraivecido precisasse de ser acalmado, a Nessie tratava do assunto, com o seu cabelo preto a ficar grisalho preso num puxo austero e os seus astutos olhos verdes sempre vigilantes no rosto esguio. Se um paciente se recusasse a tomar os medicamentos, a Nessie aparecia para o persuadir. Se um membro do pessoal se ausentasse por motivos inexplicáveis, a Nessie estava sempre disponível para o substituir. Se o hospital ardesse por completo, tenho a certeza de que seria a Nessie a explicar ao arquiteto como reconstruí-lo exatamente como antes.

Por outras palavras, quando queríamos saber como é que as

coisas funcionavam, ou quando precisávamos de algum tipo de conselho, falávamos com a Nessie. Só isso seria razão suficiente para a abordar com a minha ambição algo ingénua, mas houve outro motivo além de tudo o que já referi: a Nessie era a enfermeira responsável por administrar a medicação ao Joe e, como tal, era das poucas pessoas que interagia com ele com alguma regularidade.

Lembro-me distintamente dessa conversa. A Nessie estava sentada na cantina do hospital, segurando um copo de papel cheio de café nas mãos surpreendentemente firmes. Percebi que estava bem-disposta porque tinha o cabelo solto, e a Nessie parecia seguir a seguinte regra: quanto mais tensa estava, mais apertado era o seu puxo. O facto de ter o cabelo solto significava que estava bastante descontraída.

Enchi um copo de café para mim e fui sentar-me à frente dela. Quando se apercebeu da minha presença, abriu um raro sorriso espontâneo e inclinou a cabeça em jeito de cumprimento.

— Olá, Parker. Como está o nosso menino-prodígio? — perguntou-me, a sua voz ainda revelando uma leve pronúncia irlandesa que fazia dela uma pessoa ainda mais reconfortante.

Retribuí o sorriso.

— Pelos vistos, algo suicida.

— Oh, caramba! — retorquiu ela, fingindo preocupação. — Queres que te vá buscar uma dose de antidepressivos, é?

— Oh, não, nada disso — respondi-lhe, com uma risada. — Não, quando digo «suicida», quero dizer que estou a pensar fazer algo que todos considerarão um verdadeiro disparate.

— E uma vez que se trata de um disparate, vieste falar com a tola mais velha da ala. Estou a perceber...

— Não foi nesse sentido!

— É claro que não, rapaz. Não te atrapalhes todo — disse-me ela, com um gesto tranquilizador. — Então, mas que coisa tão audaciosa é essa que estás a pensar fazer?

Inclinei-me para a frente, num gesto conspiratório, fazendo uma pausa dramática antes de lhe responder:

— Quero tentar fazer terapia ao Joe.

A Nessie, que também se inclinara para a frente para ouvir o que eu tinha para dizer, chegou-se para trás tão rápida e bruscamente como se tivesse sido picada por um inseto. Acabou por entornar um pouco de café para o chão. E, num gesto reflexo, benzeu-se.

— Meu Deus! — sussurrou, o sotaque irlandês agora mais pronunciado. — Não brinques com coisas sérias, meu grande palerma! A tua mãe nunca te ensinou que não se pregam sustos às velhotas?

— Mas eu não estou a brincar, Nessie — retorqui. — Quero mesmo...

— Estás a brincar, sim, e deves ficar por aí. — Os seus olhos verdes exibiam agora uma expressão furiosa, mas, ao observá-la com atenção, percebi que não estava zangada comigo. Parecia um urso que acabara de resgatar a cria de uma situação de perigo. Com cautela, pousei a mão no seu braço.

— Desculpe, Nessie. Não foi minha intenção assustá-la.

O seu olhar acalmou, mas nem por isso a sua expressão furiosa atenuou. Exibia agora um ar meio desvairado. Pousou a mão em cima da minha.

— A culpa não é tua, rapaz — respondeu-me, a pronúncia menos evidente à medida que o susto se ia dissipando das suas feições.

— Mas não fazes a mínima ideia do que estás a dizer, e é bom que nunca o descubras.

— Porquê? — perguntei-lhe calmamente. — O que se passa com ele? — Então, ciente de que talvez não me respondesse, acrescentei: — Nessie, sabe bem que sou um chico-esperto. Detesto quebra-cabeças que não consigo decifrar.

— Eu não tenho culpa disso — retorqui ela num tom frio, os olhos retomando a expressão dura. — Mas tudo bem, se ajudar a tirar-te essa ideia da cabeça, explico-te porquê: porque sempre que tenho de levar os medicamentos àquele... ao quarto dele, interrogo-me se não seria preferível internar-me neste hospital, só para evitar ter de voltar a fazê-lo. Mal consigo dormir por causa dos pesadelos que às vezes tenho. Portanto, acredita em mim, Parker. Se fores esperto, como todos achamos que és,

mantém-te afastado dele. Caso contrário, ainda acabas aqui dentro com ele. E ninguém quer assistir a uma coisa dessas.

Quem me dera poder dizer que as palavras dela não foram em vão. Mas, na verdade, só serviram para aguçar a minha curiosidade, embora seja escusado dizer que aquela foi a última vez que discuti abertamente a minha vontade de curar o paciente mistério com um elemento do pessoal. Porém, tinha agora um motivo ainda mais nobre: se conseguisse curá-lo, a Nessie e os outros que eram obrigados a lidar com ele livrar-se-iam do que parecia ser a principal fonte de infelicidade das suas vidas. Eu tinha de encontrar os registos médicos dele e tentar definir um diagnóstico.

Ora bem, por esta altura devem estar a interrogar-se por que motivo não perguntei à minha chefe sobre o paciente, em vez de recorrer a subterfúgios para descobrir os ditos registos. A estrutura do hospital era tal que raramente via a diretora clínica que me contratara, a Dra. G. O meu supervisor no dia a dia era um homem chamado Dr. P., e, infelizmente, logo no dia em que o conheci, percebi que não nos iríamos entender. Era um homem corpulento, de peito cheio e ar de rufia, com a cabeça rapada e uma barba tão desgrenhada que, se quisesse, conseguiria ocultar os cadáveres de vários animais pequenos. Os olhos dele, dois rasgos grosseiros entediados, transmitiam um ressentimento tão insuportável que, mesmo que lhe saísse a lotaria, duvido que ficasse feliz. No início assediou-me verbalmente, mas depressa percebi que estava só a exibir-se para estabelecer a sua senioridade. Mais tarde fiquei a saber que era profundamente preguiçoso e que mal conseguia fazer o seu trabalho — a sua abordagem de tratamento de todos os pacientes consistia em medicá-los até ficarem entorpecidos —, o que me permitia uma extraordinária autonomia. Felizmente, a dinâmica que ele impusera implicava raramente ter de falar com ele, quanto mais procurar a sua orientação, e também ninguém precisava de falar com ele em relação a mim. Como tal, ele mal participava nas habituais reuniões de equipa — sessões de caráter quase diário em que os planos de tratamento dos pacientes eram revistos por

todos. Raramente o vi fora do seu gabinete, onde parecia esconder-se com uma disposição intratável.

Portanto, voltemos à minha busca pelos registos médicos do Joe. De maneira a ter acesso à ficha médica de determinado paciente admitido antes de 2000, eu teria de solicitar ao administrativo dos registos médicos a respetiva ficha em papel, tendo como ponto de referência o apelido do paciente. Isso porque o hospital não tinha nada digitalizado antes do ano 2000, à exceção dos nomes e das datas de admissão dos pacientes. Procurar com base no primeiro nome ou na data de admissão era teoricamente possível, mas foi-me dito que, a menos que eu quisesse que os administrativos dos registos médicos me matassem, deveria evitar pedir-lhes tal coisa.

Por fim, a solução surgiu por mero acaso. Dei uma espreitadela na escala de serviço da Nessie durante um dos raros momentos em que ela a deixou sem vigilância. Para meu grande contentamento, esse documento parecia ser o único sítio onde podia ler-se o nome completo do Joe: Joseph E. M.

Para evitar a mexeriqueira administrativa dos registos médicos que trabalhava durante a semana, e que era antipática mesmo quando eu precisava de verificar registos por motivos legítimos, fui lá num fim de semana em que o Jerry, um alcoólico funcional, se encontrava de serviço no gabinete dos registos. Deixou-me entrar, explicou-me onde deveria procurar e disse-me, numa voz entaramelada, «É bom que voltes a pôr a merda das fichas no mesmo sítio quando terminares», tendo depois voltado a sentar-se pesadamente na cadeira.

E eu tinha-a nas mãos. O Joseph E. M. fora admitido em 1973, com 6 anos, e estava assinalado como estando ainda sob a tutela do hospital. A ficha médica tinha tanto pó que eu duvidava que alguém a tivesse aberto nos últimos dez anos, e era tão grossa que parecia prestes a rebentar pelas costuras.

No entanto, os apontamentos clínicos continuavam no interior e surpreendentemente em bom estado, assim como uma tosca fotografia a preto-e-branco de um rapaz de cabelo claro, fitando a objetiva com um olhar arregalado e selvagem. A imagem

deixou-me pouco à vontade, só de a ver. Desviando o olhar, concentrei-me nos apontamentos e comecei a estudá-los.

Enquanto lia a ficha, percebi que os relatos de que a doença do Joe não se encontrava diagnosticada não correspondiam à verdade. A questão não era a falta de um diagnóstico. Havia sido tentados alguns, mas os sintomas do Joe pareciam sofrer mutações de uma forma imprevisível. O mais surpreendente de tudo, porém, era que o Joe chegara a ter alta médica, logo no início da sua vida no sistema de saúde mental, depois de ter permanecido 48 horas no hospital. Eis todos os apontamentos do médico da altura:

5 de junho de 1973

O paciente Joseph M. é um rapaz de 6 anos que sofre de terrores noturnos agudos, incluindo alucinações vívidas de uma criatura qualquer que vive nas paredes do seu quarto e que aparece de noite para o assustar. Os pais do Joseph trouxeram-no após um episódio particularmente violento em que os braços dele exibiam inúmeras contusões e escoriações. O paciente alega terem sido provocadas pelas garras da dita criatura. Poderá ser indicativo de uma propensão para a automutilação. Prescrição: 50 mg de trazodona, juntamente com alguma terapia básica.

6 de junho de 1973

O paciente tem colaborado na sessão de terapia. Sofre de entomofobia aguda e possivelmente de alucinações audiovisuais. Não teve quaisquer distúrbios de sono ontem à noite, mas explicou que isso se deveu ao facto de o monstro «não morar aqui». Contudo, quando confrontado com a teoria de que o monstro fazia parte da psique dele, o paciente mostrou-se muito receptivo, o que sugere que não se trata de nada além dos habituais temores da infância. Sugeri inclusivamente aos pais que monitorizássemos o paciente

por mais 24 horas e a possibilidade de iniciarmos uma dose ligeira de antipsicóticos, caso encontrássemos mais provas de alucinações. Eles mostraram-se receptivos.

Quase desatei a rir às gargalhadas. Parecia-me ridículo que um tão curto conjunto de entradas se tivesse transformado no prelúdio para décadas de horror. Não obstante, continuei a ler. Os apontamentos indicavam que o Joe tinha recebido alta após as 24 horas adicionais, como combinado. Havia também referência à gravação de áudio da sessão de terapia do Joe, cujo número de identificação tive o cuidado de assentar no caderno que levara comigo.

No entanto, o otimismo do médico após a primeira visita do Joe fora claramente despropositado, pois o Joe regressara no dia seguinte, dessa vez com um conjunto de distúrbios muito mais graves. E desde então não mais tivera alta. Seguem-se os apontamentos relativos à segunda admissão dele:

8 de junho de 1973

O paciente Joseph M. é um rapaz de 6 anos admitido anteriormente com queixas de terrores noturnos. Foi-lhe receitada uma dose de sedativos e foram aplicadas algumas estratégias rudimentares para lidar com a situação. Desde então o estado do paciente sofreu uma mudança drástica. Já não exibe sinais da entomofobia anterior nem de possíveis alucinações. Em vez disso, o paciente parece ter regredido para um estado pré-verbal.

O paciente revela ainda uma grande propensão para a violência e o sadismo. O paciente atacou vários funcionários e teve de ser maniatado. Não obstante a sua jovem idade, o paciente parece intuitivamente ciente de quais as partes do corpo humano mais vulneráveis ou sensíveis à dor. Isso poderá aplicar-se também a um nível estritamente individual. O paciente pontapeou uma enfermeira mais velha na canela, no sítio exato ela fora recentemente operada. A

enfermeira teve de ser retirada da sala numa cadeira de rodas.

O paciente deixou de colaborar na terapia. Em vez de falar, emite estalidos com a língua e sons arranhados, e já não é capaz de movimentos bípedes. Continua agressivo, e teve de ser dominado e retirado da sala depois de ter tentado atacar o Dr. A.

9 de junho de 1973

O estado do paciente voltou a sofrer alterações. Quando a enfermeira Ashley N. disse ao paciente que ele era «um menino feio por dar tantos socos e pontapés», o paciente recuperou subitamente as competências verbais. Começou a agredir verbalmente a menina N., chamando-lhe «assassina de Cristo nariguda», «cabra judia burra», etc. A menina N. ficou muito perturbada e acabou por pedir a demissão, alegando recordações traumáticas desencadeadas pelos insultos do paciente.

A violência física específica do paciente, os insultos verbais e o comportamento antissocial sugerem uma forma de transtorno de personalidade antissocial por norma demasiado sofisticado para alguém da idade dele. Ainda não estão explicados os conhecimentos pessoais específicos por parte do paciente.

10 de junho de 1973

O estado do paciente continua a deteriorar-se. Quando trazido para uma reavaliação, o paciente não fez qualquer tentativa de interagir; em vez disso, começou a agredir verbalmente o psiquiatra. Referiu-se ao psiquiatra como «um bêbedo merdoso e inútil», «um assexuado insensível» e «uma criancinha», entre outras coisas. Todos esses insultos correspondem a ataques pessoais previamente sofridos pelo psiquiatra em momentos de uma angústia mental intensa.

Perguntei ao paciente por que motivo tinha escolhido esses insultos. O paciente recusou-se a responder-me. Perguntei ao paciente se alguma vez alguém o tinha insultado dessa maneira. O paciente recusou-se a responder-me. Perguntei ao paciente por que razão escolhia agredir verbalmente as pessoas dessa maneira. O paciente replicou que tinha de o fazer, porque era «um menino feio». Perguntei ao paciente se poderia deixar de ser um menino feio. O paciente perguntou-me qual era a *minha* opinião. Perguntei ao paciente qual era a opinião dele. O paciente recusou-se a responder-me. O paciente foi retirado da terapia. A título pessoal, gostaria apenas de referir que uma única sessão de terapia com este rapaz causou-me mais vontade de violar o meu juramento de 20 anos nos Alcoólicos Anónimos do que qualquer outra experiência durante esse período. Consequentemente, vou solicitar que outro psiquiatra assuma este caso.

Não havia mais registos sobre o tratamento do Joe depois disso. Aparentemente, uma sessão fora suficiente para levar o autor daqueles apontamentos a desistir, completamente indignado. Eu nem queria acreditar. Até mesmo um hospital com falta de pessoal deveria esforçar-se mais do que aquilo. Aliás, o único item do mesmo ano era uma nota breve do diretor clínico de então a ordenar ao pessoal que mantivesse o Joe isolado dos restantes residentes. Durante os quatro anos que se seguiram não houve um único apontamento.

15 de março de 2008

Uau! Nunca pensei que a minha primeira publicação fosse alvo de tanta atenção. Sinceramente, esperava que achassem que estava a exagerar. E, sim, sei que essa foi a reação de alguns (eu li-te, DrHouse1982), mas, no geral, o carácter positivo das reações deixou-me completamente estupefacto.

Também subestimei quão difícil seria pôr tudo isto por palavras, ainda que o facto de vocês parecerem tão dispostos a acreditar em mim, e, inclusivamente, a especular sobre o que poderia estar a acontecer, seja deveras reconfortante. Li os vossos comentários, e, embora vos possa dizer desde já que nenhum de vocês está minimamente perto de perceber quão lixado da cabeça era o paciente (também ainda não sabem metade da história), é agradável constatar que as pessoas levam a sério um relato como este. Talvez ainda haja esperança.

Bem, aonde é que eu ia? Ah, sim, os registos médicos do Joe e o facto de não ter existido uma única entrada durante quatro anos.

O registo médico recomeçava em 1977. Dessa vez, partes de cada anotação tinham sido revistas, precedidas por uma nota que dizia para falar com a Dra. G. em relação ao documento com os registos não revistos. Pelos vistos, cortes orçamentais tinham obrigado o pessoal a distribuir os pacientes por quartos partilhados. Como tal, havia um apontamento do então novo diretor clínico, o Dr. A., instruindo o pessoal a encontrar colegas de quarto que não desencadeassem o problema do Joe.

O pessoal falhou redondamente essa missão.

O memorando com conteúdo que se seguia era também do Dr. A. e estava endereçado à Dra. G., que eu conheço como sendo a

diretora clínica. Dizia o seguinte:

14 de dezembro de 1977

Não sei de quem foi a ideia de pôr o Philip A. no quarto do Joe. Seja como for, quero essa pessoa despedida. Pôr um adulto com problemas tão graves de fúria num quarto com um rapaz que sente uma necessidade imensa de espicaçar as pessoas tinha todos os ingredientes para correr mal. Portanto, agora temos pelo menos um paciente cuja família nos poderá vir a processar se alguma vez descobrir a provação por que o filho passou. Presumo que já tenha ouvido as histórias sobre o Philip ter sido sedado antes de ter oportunidade de cumprir a promessa de «matar o monstrinho de merda». Não sei o que isso fará à condição do Joe, mas imagino que não seja positivo.

Pelos vistos, o Joe fora transferido para um hospital convencional com um braço partido, costelas magoadas, um traumatismo craniano e a cabeça partida. Depois dessa primeira calamidade, os registos indicavam que, quando o Joe regressasse, deveria ser emparceirado com alguém mais próximo da idade dele: um rapaz de 8 anos que fora admitido por questões associadas a um autismo profundo. Mas isso conduziu a um resultado ainda pior.

16 de dezembro de 1977

A nossa seguradora não ficará nada satisfeita se tivermos mais incidentes como o que aconteceu com o Will A. A única boa notícia, parece-me, é que a autópsia não revelou qualquer indício de crime. As tendências agressivas do Joe deviam estar algo moderadas. Mas, mesmo que a autópsia nos absolva de qualquer culpa, receio que um bom advogado a analise exaustivamente em tribunal. Quando foi a última vez que um rapaz de 8 anos morreu com

insuficiência cardíaca? Verifique com a enfermeira e reze para que não tenhamos administrado uma dose excessiva ao Will.

O colega de quarto seguinte do Joe foi um rapaz de 6 anos que fora admitido com um transtorno de stress pós-traumático, resultado de agressões sexuais sofridas às mãos do pai. Havia uma nota junto ao novo acordo de acomodação a instruir os auxiliares de ação médica para espreitar os dois a intervalos regulares, pois o rapaz tinha tendência para se tornar violento. Por acaso quem beneficiou dessa proteção foi precisamente ele.

18 de dezembro de 1977

O paciente Nathan I. mudou-se para um quarto partilhado com o paciente Joseph M. Às 22h00, o quarto do Nathan e do Joe foi trancado para o apagar das luzes. À 1h34 o paciente Nathan foi ouvido a chorar e a gritar. À 1h36 o auxiliar de ação médica Byron R. entrou no quarto e deparou-se com o Joe em cima do Nathan, em plena agressão sexual. O paciente Nathan foi retirado, e o paciente Joe, dominado e posto em confinamento solitário. O paciente Nathan apresentava hematomas, múltiplas dentadas e uma ligeira fissura anal. Foi transferido para outras instalações para tratamento médico. O paciente Joe permanecerá em confinamento solitário durante uma semana. Todo o pessoal será novamente alertado para não discutir questões sexuais diante de pacientes menores de idade. A rescisão dos contratos de todos os auxiliares de ação médica, à exceção do auxiliar R., é fortemente aconselhada.

O último colega de quarto que o Joe teve, tirado do grupo de pacientes mentais, foi um adolescente viciado em metanfetaminas que desenvolvera um grave transtorno de personalidade paranoide, provavelmente escolhido porque

poderia facilmente dominar o Joe, caso o rapaz tentasse atacá-lo. Além disso, como precaução adicional contra esse tipo de agressão, os dois foram postos num quarto onde poderiam ser permanentemente amarrados, para evitar que se magoassem um ao outro.

Porém, nem por isso a coisa correu melhor.

20 de dezembro de 1977

Antes de mais, mande alguém arranjar-nos correias mais fortes para as camas. Depois do que aconteceu ontem à noite, com o Claude Y., assim como tudo o que se passou na semana passada, vamos ter de garantir ao público que o que aconteceu jamais se repetirá. Além do mais, peça aos auxiliares de ação médica que vasculhem o quarto mais uma vez, porque, sinceramente, custa-me muito a acreditar na explicação que nos estão a dar. Não me interessa quão paranoico fosse o Claude; não há nada naquele quarto que o pudesse assustar a ponto de o fazer roer várias correias de couro e atirar-se da janela. A questão das correias já seria complicada o suficiente, mesmo sob um acesso de adrenalina. Mas arrombar uma janela com grades? Tinha de haver algum problema com as grades, ou com a cama, ou com a janela.

De uma maneira ou de outra, tenciono descobrir o que aquela criança anda a fazer para provocar acidentes como este. Nomeie um auxiliar à sua escolha para passar a noite de amanhã com ele. Certifique-se de que o auxiliar leva tudo o que necessita para se defender, caso seja necessário. Trate isto como o caso de um paciente criminalmente louco, ainda que não possamos provar nada além do incidente com o Nathan. E diga ao auxiliar de ação médica para levar um gravador com ele. Quero todos os sons registados para análise, até um simples suspiro.

Seguia-se outra anotação indicando o local onde encontrar a

cassete que resultara dessa ordem. Assentei também o número. Havia uma última comunicação do Dr. A. sobre o Joe, e nela encontrei finalmente pelo menos uma resposta parcial à razão pela qual o pessoal tinha tanta dificuldade em diagnosticar e tratar aquele paciente em particular. Mas, ao contrário dos documentos anteriores, não se tratava de um memorando. Era uma anotação escrita à mão, pelos vistos guardada pela Dra. G.

Cara Rose,

Acabei de falar com o Frank. Parece-me mais do que óbvio que não estará em condições de vir trabalhar durante pelo menos um mês, tendo em conta o estado em que se encontra. E sabe que mais? Vou deixá-lo ter esse mês de baixa, pois é por minha culpa que está assim. Não podemos castigar alguém por cumprir as nossas ordens. No entanto, se no final desse período não estiver melhor, vamos ter de o manter aqui.

Também cheguei a uma conclusão: seja qual for o transtorno do Joe, estou certa de que não o conseguiremos curar. Nem sequer me parece que consigamos diagnosticá-lo. É óbvio que não está no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. E, tendo em conta o efeito que ele exerce nas outras pessoas, começo a duvidar que alguém consiga diagnosticá-lo.

Mas sabe que mais? Estou a adiantar-me. Primeiro, falemos sobre o que o Frank me contou. Diz que o Joe passou a noite inteira a sussurrar-lhe. Nada mais. Somente a sussurrar. Mas não numa voz normal de criança. De alguma maneira o rapaz conseguiu fazer uma voz gutural e rouca, e passou a noite a tentar recordar o Frank de coisas que ambos tinham feito – como se o conhecesse de algum lado.

Mas a questão, Rose, é que as coisas que o Joe estava a tentar fazer com que o Frank se recordasse eram pesadelos que o Frank teve em criança. Explicou que era como se o monstro desses pesadelos tivesse passado a noite inteira a sussurrar-lhe, dizendo o quanto sentia a falta de o perseguir, de o apanhar e de o comer.

Uma coisa mesmo bizarra... Como é que um rapaz tão novo sabe com o que um auxiliar de ação médica de 40 anos costumava sonhar? Por isso decidi ouvir a cassete. E a única coisa que posso concluir é que foi tudo fruto da imaginação do Frank. Não ouvi um único som, e o microfone estava ligado no máximo. Como se não bastasse, o Joe estava amarrado do outro lado do quarto, por isso, se tivesse feito um som suficientemente alto para o Frank ouvir, o microfone tê-lo-ia

captado. Não me parece que o conseguisse evitar, a não ser que estivesse a sussurrar ao ouvido do Frank, o que, obviamente, é impossível.

Ainda mais estranho é que, ao fim de algum tempo, ouvi o Frank a respirar muito alto. E o padrão da respiração dele não era normal. Parecia estar a hiperventilar. Aliás, foi como se estivesse a ter um ataque de pânico. Mas ouvi a cassete vezes sem conta e não há outros sons. De todo. Por isso não faço ideia do que o Frank está a falar.

Depois desta sessão, e da que tive com o Joe, fiquei com a certeza de que não o conseguimos curar. Será preciso um médico melhor do que eu para o perceber, por isso desejo-vos boa sorte em encontrar alguém disposto a vir trabalhar para este pardieiro. Talvez ele acabe por morrer aqui. A verdade é que não há nada que possamos fazer.

Rose, um dia será diretora clínica. Ambos o sabemos. Já o discutimos inúmeras vezes. Sei que está convencida de que é responsável por isto. Sei que se sentirá tentada a continuar a experimentar coisas novas com ele. Não o faça. Deixe-o estar aqui à custa dos pais dele e vá-lhes contando uma história qualquer. Têm dinheiro suficiente para custarem uma vida inteira de internamento. E, mesmo que por alguma razão fiquem falidos, arranje maneira de incluir essa despesa no orçamento. Jamais ficaria bem com a minha consciência se soubesse que o tive sob a minha tutela e que ele saiu para ir causar danos no mundo real, com seja lá o que for que ele tem, só porque nós falhámos. Prometa-me isso, Rose.

Thomas

A seguir a essa carta havia apenas um documento oficial onde se lia que toda a terapia com o Joe iria ser terminada. Ele teria o seu próprio quarto, mas a custo de permanecer amarrado 24 horas por dia, sete dias por semana. Só um grupo específico de auxiliares de ação médica estaria autorizado a entrar para lhe mudar os lençóis e deixar-lhe as refeições, e somente a enfermeira mais experiente ficaria incumbida de lhe administrar a medicação. O resto do pessoal seria encorajado a manter-se afastado. Ele só seria mencionado por um diminutivo extremamente indefinido, para que quem quisesse descobrir alguma informação sobre ele não soubesse por onde começar. Em suma, tudo o que eu constatara desde que chegara ao meu novo local de trabalho.

Ainda assim, se antes estava intrigado, agora estava completamente obcecado. Ali estava a possibilidade de descobrir um distúrbio que ainda não se encontrava documentado — não apenas a alteração de algo que já constava do *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, mas algo completamente novo! E eu tinha o paciente zero sob o teto do meu hospital. A minha opção de internato começava a parecer quase um ato divino. Havia apenas uma coisa que me restava fazer: ouvir as gravações que tinha visto referenciadas nos registos.

De imediato fui ter com o administrativo dos registos médicos e mostrei-lhe os números das cassetes, à espera de as obter relativamente depressa. Todavia, para minha surpresa, depois de ele ter inserido os números no computador, franziu o sobrolho em sinal de confusão e regressou à sala dos registos sem dizer uma palavra. Cerca de dez minutos depois, voltou com um ar ainda mais confuso.

— Não há nada registado com esses números, Doutor — disse-me. — Nunca houve. Tem a certeza de que os anotou corretamente?

Tinha a certeza absoluta, mas, de qualquer modo, não podia arriscar mais uma visita que o pudesse alertar para a pasta que eu estivera a consultar. Além do mais, mesmo que alguma vez as cassetes tivessem estado guardadas, faria sentido que tivessem sido destruídas ou removidas, tendo em conta a associação direta ao paciente mais problemático do hospital. Fingi um sorriso cansado e abanei a cabeça ao administrativo.

— Alguém deve ter-me pregado uma partida — disse-lhe. — Peço desculpa por tê-lo feito perder o seu tempo.

Sai da sala dos registos e deixei discretamente o hospital. Sabendo que precisava de tempo para pensar no que tinha acabado de ler, decidi parar num café antes de ir para casa. Enquanto por lá fiquei, comecei a tomar as minhas próprias notas para não me esquecer do que lera, para futura análise. Esses apontamentos estiveram na base da minha recriação da pasta

constante nas páginas anteriores.

Era evidente que o Joe começara com um distúrbio de empatia qualquer, o que talvez tivesse sido agravado com o traumatismo que sofrera às mãos do primeiro companheiro de quarto. Se ele tivesse sido apenas um rapazinho desagradável que gostava de provocar as pessoas de uma forma aleatória, teria sido fácil diagnosticá-lo como um caso típico de transtorno de personalidade antisocial.

Mas a questão é que os problemas de empatia do Joe pareciam assumir direções distintas e igualmente extremas. A empatia emocional dele — isto é, a capacidade de sentir o que os outros estavam a sentir — pura e simplesmente não existia, visto ter levado pessoas a cometerem suicídio e tentado violar um rapaz antes mesmo de saber o que isso significava. Mas a empatia cognitiva dele — a capacidade de reconhecer o que os outros estavam a sentir — devia ser inacreditável. Quase sobre-humana. Não só conseguia identificar as inseguranças da outra pessoa, como também era capaz de prever com uma exatidão perfeita como explorá-las de maneira a causar o máximo de angústia. Era o tipo de competência expectável num interrogador qualificado da CIA; não algo espontaneamente desenvolvido por uma criança pequena.

Ainda mais intrigante fora a sua aparente mudança de tática logo após o encontro desastroso com o primeiro companheiro de quarto. Antes disso, os inúmeros registos de terapia indicavam que a abordagem preferida dele era induzir sentimentos de raiva ou autoaversão nas suas vítimas. Porém, imediatamente a seguir, como se o seu *modus operandi* tivesse mudado, passara a induzir um medo tão extremo que era capaz de desencadear a reação de lutar ou fugir. Porquê essa mudança súbita de abordagem? O que acontecera para alterar os sintomas dele? E como ter a certeza de que fora realmente ele quem desencadeara esses sentimentos de medo? E o facto de a gravação da interação do auxiliar com o Joe ter revelado apenas silêncio?

Nessa noite, provavelmente devido à referência da experiência

negativa do auxiliar de ação médica, voltei a reviver um dos meus pesadelos de infância. Por norma não me alongaria muito na explicação do mesmo, uma vez que me traz recordações terríveis, mas é relevante para o que aconteceu mais tarde, por isso é melhor explicá-lo.

A minha mãe foi levada para um hospício, com esquizofrenia paranoide, quando eu tinha 10 anos. A decisão do meu pai de a internar foi tomada na noite em que a encontrou debruçada sobre a mesa da cozinha, cortando o pulso com a faca mais afiada que tínhamos, enquanto murmurava algo sobre insetos diabólicos que o demónio lhe pusera dentro dos ouvidos para a fazer ouvir os gritos dos condenados. Convencera-se de que, ao cortar-se, faria sair os insetos juntamente com o sangue e, como tal, deixaria de ouvir as vozes. Não me apercebi de nada na altura. O meu pai explicou-me que fez os possíveis para que eu estivesse fora de casa sempre que a minha mãe tinha uma crise, o que, em retrospectiva, explica a razão por que reagia sempre tão bem quando eu queria dormir em casa dos meus amigos. Mas, mesmo com essa idade, eu sabia que algo estava errado, e não fiquei nada surpreendido quando acordei certa manhã e me deparei com o meu pai sentado à mesa da cozinha, com uma expressão dura e triste, enquanto me explicava que a minha mãe tivera de se ausentar.

Mas, como é óbvio, sentia saudades da minha mãe e comecei a suplicar ao meu pai que me levasse a visitá-la. Ele recusou-se a fazê-lo durante imenso tempo, até que, por fim, cedeu e levou-me ao St. Christina's, o hospício onde a minha mãe acabara por ficar internada. Essa única visita quase me destruiu, extinguindo por completo toda e qualquer vontade de alguma vez voltar a ver a minha mãe.

Para vos dar algum contexto, o St. Christina's é um daqueles hospitais urbanos pobres que nunca foi devidamente financiado e sobre os quais existem inúmeras queixas de maus-tratos aos pacientes, inclusivamente até nos dias de hoje. Aos olhos do governo local não passava de um local de despejo de lixo humano, e a cidade de onde provenho não perde muito tempo a

preocupar-se com o conforto dos que vê como lixo.

Felizmente, o meu pai tinha um bom emprego e podia dar-se ao luxo de evitar que a minha mãe andasse a empurrar um carrinho de compras pelas ruas fora a gritar para os transeuntes, mas quase à justa. Como tal, o St. Christina's revelou-se a nossa única opção. Sendo eu miúdo, não tinha noção de que uns hospitais eram melhores do que outros. Até essa visita.

A minha mãe estava internada num edifício lateral pequeno onde residiam os pacientes com mais condições financeiras. Muito antes de ter entrado no quarto dela, percebi que eu não pertencia ali, de todo. O espaço ficava do outro lado de duas pesadas e feias portas cinzentas, que se abriam com um zunido que parecia ter sido concebido especialmente para inquietar a mente humana. Já o átrio não passava de um quadrado sujo, com cadeiras onde nem os carrapatos se atreveriam a sentar.

Alguns dos pacientes, envergando batas hospitalares imundas idênticas, deambulavam livremente pelos corredores circundantes, lançando olhares assustados e resmoneios profundos aos visitantes sãos. Não obstante ter 10 anos, reconheci a raiva e o medo nos olhos deles, que pareciam gritar dentro das órbitas: «O que fazes aqui, entre os condenados, pobre criança imbecil? A tua mãe não te ensinou que isto não é lugar para ti?»

Porém, a minha mãe era um dos condenados. Descobri-o assim que chegámos ao quarto dela e o auxiliar de ação médica abriu a porta. Nesse instante fui acometido por um odor avassalador a urina e sangue, e até o auxiliar tapou o nariz num gesto reflexo de repugnância, antes de chamar os colegas. Sem perceber que algo se passava, entrei imediatamente.

A minha mãe encontrava-se agachada junto à parede, com a bata ensopada numa poça lentamente crescente da sua própria urina. Na mão segurava um pequeno canivete improvisado que espetara até metade do pulso, do qual jorrava sangue vermelho-vivo. A minha mãe deve ter sentido o meu olhar, pois virou-se na minha direção, e a boca dela esboçou um sorriso tão aberto que fiquei admirado por as faces não se lhe terem rasgado. Um

hematoma negro e feio manchava-lhe a testa, talvez por bater repetidamente com a cabeça na parede.

— Parker, meu filho — murmurou ela. — Vem ajudar-me com isto. O raio das larvas recusam-se a sair de dentro de mim, meu amor.

Eu não fazia a mínima ideia do que dizer. Nem sequer fazia a mínima ideia do que pensar. Fiquei espécado a fitar aquela abominação que em tempos fora minha mãe. Ao ver a minha expressão, que provavelmente revelava choque e repulsa, o rosto dela abateu-se e ela largou o canivete. Com o pulso a jorrar sangue, ela olhou para o teto e deixou escapar um lamento animalesco que aos poucos deu lugar a gargalhadas. Ou soluços. Sinceramente não consegui precisar. Então, lentamente, começou a gatinhar na minha direção, o sangue do pulso misturando-se com a urina no chão, formando uma sopa castanho-avermelhada nojenta à sua volta. Uma parte dela decerto lembrava-se de que era mãe e que o filho estava apavorado, pois começou a cantarolar muito baixinho uma canção de embalar:

— Vai-te embora, ó papão — começou ela numa voz rouca de tantos meses de suplício —, de cima desse telhado. Deixa dormir o menino um soninho descansaaaaado...

Ouviu-se o som de passos pesados atrás de mim e dois auxiliares entraram a correr, um deles empunhando uma seringa. Ela continuou a cantar — e a rir-se —, enquanto eles a agarravam e a deitavam na cama.

— Deixa dormir o menino! — guinchou. — Um soninho...

A seringa entrou e ela calou-se. Dei meia-volta e desatei a correr, direito aos braços abertos do meu pai, que me abraçou enquanto eu chorava com um terror incompreensível e primário.

Vocês precisavam de saber isto para perceberem que foi nesse dia que decidi tornar-me psiquiatra. E não um psiquiatra qualquer, mas alguém que jamais trataria um paciente como se fosse descartável, por muito irreparável e detestável que ele parecesse.

O que me traz de volta ao pesadelo que tive depois de ler a

pasta do Joe. Um dos efeitos menos surpreendentes de uma experiência traumática é ter pesadelos sobre essa mesma experiência, em especial quando o nosso cérebro está tão pouco desenvolvido como o meu estava durante esse fatídico encontro com a minha mãe. Como certamente depreenderão ao lerem isto, ainda me debato com o sentimento de que tenho a obrigação de ajudar toda e qualquer pessoa entregue à sua sorte com uma doença mental, simplesmente porque uma parte de mim ainda se questiona se serei responsável pela demência da minha mãe. É certo que culpabilizar-me por isso é perfeitamente irracional, mas os miúdos — e os adultos que ainda estão a processar traumas de infância — não se culpabilizam por terem um desejo secreto de autodepreciação. Culpabilizam-se para se poderem sentir em controlo do que parece ser uma situação impossível, porque a única maneira de se sentirem capazes de processar a realidade é retomando o autocontrolo, nem que isso implique culparem-se por algo sobre o qual não têm qualquer domínio.

Gosto de pensar que, à medida que fui ficando mais velho, me tornei mais capaz de lidar com o trauma dessa experiência sem sentir necessidade de exigir de mim algo impossível para me sentir em controlo. Mas não foi o caso numa primeira fase, e foi provavelmente aí que entrou o pesadelo que estou prestes a descrever-vos.

No pesadelo, tudo começou tal como na vida real. Entrei no St. Christina's e sentei-me na sombria sala de espera. A diferença era que não estava ninguém comigo. Aliás, no pesadelo, sabia que o edifício se encontrava completamente vazio — à exceção de mim e daquilo. A coisa a que eu chamava mãe.

Sentia a sua presença no edifício sem sequer a ver ou ouvir. Essa injustiça traumática e terrível vibrava em cada centímetro de parede, cadeiras e alcatifa esburacada visível aos meus olhos. E, embora tivesse dado tudo para me levantar e fugir dela a sete pés, para longe desse degradado e deprimente monumento aos infernos pessoais de almas destroçadas, o que eu queria fazer e o que o pesadelo me deixava fazer eram coisas completamente distintas. Como tal, em vez de fugir a sete pés, dei por mim a

levantar-me como se estivesse enfeitiçado e a caminhar lentamente, passo a passo, atravessando o chão de linóleo cinzento manchado em direção ao quarto que albergava a minha mãe.

Ainda não o tinha alcançado e já a ouvia a rir-se. A risada aguda, cortante e desconsolada de um condenado que fazia com que as paredes parecessem contrair-se à minha volta, quais paredes do estômago de uma jiboia. Quanto mais me aproximava do quarto, mais desesperadamente lutava para me afastar, e, quanto mais lutava, mais depressa o pesadelo me forçava a avançar. Assim que alcancei a entrada para lá da qual o inferno do meu próprio trauma de infância berrava sons sem nexo, o cheiro a urina e a sangue atingiu-me as narinas em cheio e privou-me de oxigénio, enquanto o pesadelo me forçou, com uma força cruel e implacável, a olhar para a origem dos sons e odores.

A minha mãe encontrava-se, tal como a vira na vida real, agachada junto à parede do covil dela — da coisa —, a imunda bata hospitalar completamente ensopada abaixo da cintura, devido à poça de urina que se espalhava lentamente debaixo dela. Assim que entrei no quarto, a coisa pressentiu a minha presença e ergueu o rosto ameaçador na minha direção.

E foi nesse instante que o meu subconsciente conseguiu, de alguma maneira, transformar os pormenores já de si horrendos dessa minha recordação na matéria real e alucinogénia de que são feitos os pesadelos. O sorriso da minha mãe não era apenas aberto e maníaco — era tão amplo que as faces dela se tinham rasgado, revelando gengivas ensanguentadas que escorriam um fluido medonho pelo queixo e pela bata. Os braços dela não tinham somente cortes brutais e irregulares feitos com o canivete — as feridas estavam purulentas e cheias de larvas. E, ao passo que na vida real a minha mãe me parecera alta apenas em comparação com a minha estatura infantil, a mãe no pesadelo era tão alta que não conseguia estar de pé no quarto, pelo que pairava acima de mim com a cabeça curvada junto ao teto, qual aranha rejubilando-se com o sangue da mosca traumatizada presa na teia.

Foi então que gritou. Por norma, eu era poupado a ouvi-la porque eu próprio gritava em resposta, acabando por acordar. Todavia, por algum motivo, na noite a seguir a ter encontrado a pasta do Joe, a minha mente não permitiu que a minha garganta formasse o som necessário. Em vez disso, fui forçado a expelir sons ásperos e aterrorizados, enquanto esse uivo interminável e carregado de condenação eterna reverberava nos meus ouvidos internos. Não faço ideia de quanto tempo durou, pois nos sonhos o tempo esquia-se ao relógio mais preciso, mas a angústia mental que senti era tão intensa que foi como se tivessem decorrido várias horas.

Todavia, essa não era a única surpresa terrível que o meu subconsciente me reservara. Havia mais um horror novo. Enquanto observava a mãe-pesadelo a gritar para mim, a poça de porcaria sob os pés dela começou subitamente a borbulhar, como se estivesse a ferver. Então, de repente, das profundezas dessa poça esquálida e fétida, um par de antenas emergiu e enrolou-se à volta da minha mãe, apertando com uma força terrível. As antenas pareciam feitas de cabelo preto emaranhado e couro manchado de sangue, mas mexiam-se e davam safanões como tentáculos ligados a um qualquer horror subterrâneo. Quando puxaram a mãe-pesadelo até ela ficar de joelhos na poça de imundície, ela começou a encolher, os ferimentos sararam e o rosto dela assumiu a expressão de amor que a minha mãe — a minha mãe *verdadeira* — costumava exibir quando tentava reconfortar-me.

— Oh, meu querido menino — disse ela, numa voz sussurrada. — Meu amor pequenino...

O pesadelo não me permitiu qualquer alívio. Em vez disso, fui forçado a assistir enquanto esse terrível par de antenas hirsutas arrastava a minha mãe para o que agora me parecia ser um lago da sua própria imundície. Quando a cabeça dela chegou finalmente à superfície, ouvi um som terrível: uma risada arfada e borbulhada que soava debaixo do lago, ecoando com um sadismo cada vez mais perturbador, enquanto as antenas puxavam o resto

da minha mãe para as profundezas. Não sei como, mas a imagem fez com que o meu cérebro libertasse a garganta e eu gritei:

— Mamã! Mamã! Volta! Ma...

— Parker! Parker!

Então, senti alguém a abanar-me e, sem mais nem menos, o sonho esfumou-se da minha cabeça e dei por mim a fitar os olhos ensonados, muito assustados, mas ainda assim profundamente carregados de amor da Jocelyn.

18 de março de 2008

Olá, malta. Que bom ver uma aceitação cada vez maior. E obrigado pelos vossos comentários. Não, já não posso fazer nada por ela. A minha mãe faleceu quando eu ainda era muito novo, o que aumenta ainda mais a minha incapacidade para a ajudar. Além disso, esta história não é sobre ela. Apenas precisava que tivessem conhecimento dessa parte do meu passado.

Felizmente o pesadelo não voltou nessa noite e acabei por me esquecer dele quando regressei ao hospital. Tendo lido a ficha médica, fazia questão de ver se haveria alguma maneira de conseguir uma audiência com o nosso paciente com o problema misterioso. Estava a pensar em qual seria a melhor forma de passar por cima do meu supervisor, uma vez que sabia que me responderia com um redondo não. Quando me fizera uma visita guiada às instalações, como parte da minha orientação, evitara propositadamente o quarto do Joe. Quando eu lhe perguntara sobre o assunto, quase me comera vivo, dizendo-me para me preocupar com os meus próprios pacientes e nunca intervir no trabalho de outro psiquiatra, a não ser que me fosse solicitado. «Não pode ajudar toda a gente.» Como tal, precisava de arranjar uma justificação para passar por cima dele. Mas, assim que cheguei ao hospital, deparei-me com uma nova distração.

Uma multidão reunira-se em torno da entrada principal, incluindo um número considerável de pessoas cujas câmaras e microfones as identificavam como jornalistas. Cheio de curiosidade em relação ao que se estaria a passar, avancei a custo por entre a multidão e vi uma maca com um saco de transporte de cadáver a ser carregado para o interior de uma carrinha da

pólicia. Preocupado, perscrutei a multidão à procura de um rosto que pudesse reconhecer e avistei um auxiliar de ação médica que já vira a trabalhar na minha ala. Acerquei-me dele e perguntei-lhe o que se passava.

— A Nessie morreu. — A voz dele soou oca, como se estivesse a milhões de quilómetros de distância. — Dizem que se atirou do telhado ontem à noite, depois de ter feito as rondas dela. Ninguém sabe porquê, mas um dos pacientes diz que ela o fez depois de ter acabado... de tratar *dele*, entende?

Tão horrorizado quanto o meu interlocutor, dei-lhe um abraço meio desajeitado com um braço só, como que para lhe deixar claro que mais alguém estava a sentir o mesmo que ele. Não reagiu. Pelos vistos, o choque ainda era demasiado intenso.

E foi assim que a minha necessidade de curar o Joe passou a ser uma coisa muito pessoal.

Nota: a próxima atualização terá lugar na sexta-feira. Estamos a aproximar-nos dos assuntos sobre os quais tenho imensa dificuldade em falar, portanto o meu ritmo de escrita será provavelmente mais lento.

21 de março de 2008

Bem, eu sabia que estaria a lançar uma granada neste tópico com a minha última publicação, mas não estava nada à espera disto. Os moderadores fixaram esta publicação no topo do fórum, caramba! Nunca pensei que a minha pequena confissão despertasse tanta atenção, ou tanto carinho, e nem imaginam o quanto vos agradeço por isso. Também me tenho divertido imenso a ler todas as vossas tentativas de diagnóstico do Joe, embora nenhum de vocês esteja minimamente perto da verdade. Mas ler os vossos comentários ajudou-me a relembrar toda a treta que os outros médicos descartaram, o que, por sua vez, me ajudou a recordar mais detalhes.

Ainda nem sequer cheguei à parte que me faz duvidar da minha própria sanidade mental e já as recordações me estão a dar vontade de beber mais e mais, só para me poder sentar a escrever. A minha mulher está preocupada comigo, mas, quando lhe expliquei do que se tratava, ela compreendeu. É a única pessoa a quem contei tudo, e, quer seja por amor quer seja por uma questão de abertura de espírito, o facto é que ela acredita em mim. Fico contente por constatar que muitos de vocês também acreditam, e, depois da última parte, pelo menos alguns parecem estar mais próximos da verdade. Mas não me parece que alguém consiga descobrir tudo. Não por enquanto. Simplesmente não têm a informação completa.

Bem, tinha ficado no suicídio da Nessie e no facto de este ter chocado tantas pessoas.

Sinceramente, é normal que assim fosse. Embora eu só lá estivesse há pouco tempo, tinha consciência de que a perda de

uma enfermeira como a Nessie far-se-ia sentir durante muitos anos. Ao longo dos dias que se seguiram a essa tragédia, tornou-se evidente que a ala onde eu trabalhava tinha alguma dificuldade em funcionar sem a Nessie para levar a cabo a maior parte do trabalho. A polícia também não ajudava, uma vez que fazia questão de interrogar todos os funcionários, o que nos atrasou ainda mais e criou uma série de desconfianças inquietantes sobre a possibilidade de atividade criminosa. Porém, no fim, o caso foi confirmado como tendo sido suicídio e a polícia deixou-nos finalmente em paz.

Por forma a manter a ordem na ala, o Dr. P. foi forçado a intervir e a comportar-se como se estivesse em controlo do pessoal que teoricamente supervisionava. E a nova maneira agressiva que tinha de o fazer manifestava-se sob a forma de berraria, gritando-me para que deixasse de perder tempo com psicoterapia com os meus pacientes, que era para isso que existiam as sessões de grupo, e me limitasse a medicá-los para que se mantivessem sossegados. Um médico que se deixasse intimidar mais facilmente talvez tivesse acatado essas ordens, mas não era o meu caso. Em vez disso, pedi ao Dr. P. que visitasse os meus pacientes se achasse que os meus métodos não estavam a resultar, porque, caso contrário, seria obrigado a pôr por escrito que me pedira para fazer algo que era ineficaz. Ficou furioso e explodiu, chamando-me algo que não vou escrever aqui, mas acabou por ceder, pois sabia que os pacientes ao meu cuidado estavam a receber uma medicação mais específica e a beneficiar da minha atenção mais extensa.

— Já percebi — rugiu ele. — Mas, agora que a Nessie morreu, toda a gente tem de fazer mais do que apenas a sua parte. Se os seus métodos não conseguem adaptar-se a isso, então será melhor procurar outro sítio onde trabalhar.

Ele não estava enganado no que dizia respeito a «fazermos mais do que apenas a nossa parte», e raios partam a minha ousadia, pois enviei-lhe um memorando voluntário detalhando os pacientes adicionais e os pormenores de triagem que estava disposto a acumular, como forma de aliviar um pouco o fardo

dele. Referi dois pacientes adicionais que sofriam de depressão profunda e, mais importante ainda, incluí o nome «Joseph M.» na minha lista.

No dia seguinte, cheguei cedo e, vendo que me antecipara ao Dr. P., enfiei o envelope castanho com a minha lista por baixo da porta dele. Duas horas mais tarde, o Dr. P. chegou ao hospital, com a petulância e o descontentamento do costume, e, sem dirigir uma única palavra ao pessoal, abriu a porta do seu gabinete e entrou. Ouviu-se o amarfanhado de papel e vi-o hesitar ligeiramente e depois baixar-se para apanhar algo do chão. Afastei-me rapidamente e entreguei-me a uma tarefa adequada. Qualquer que fosse a reação do Dr. P., queria dar-lhe pelo menos uns minutos antes de eu ter de aturar o seu...

— Maldito Parker! — O som da voz do Dr. P. ecoou qual sino ferrugento. Hum, ia ser bonito... Ovi passos zangados a aproximarem-se do meu escritório e depois o rosto do Dr. P. surgiu na entrada, ruborizado de choque e fúria. — No meu gabinete, seu menino-prodígio! Já!

Pus-me de pé, forçando-me a acalmar, e segui-o, sentindo a transpiração a formar-se-me nas mãos. Cerrei os punhos e sentei-me em frente à secretária do Dr. P., fazendo os possíveis para o encarar com uma expressão de pura serenidade.

Então, o Dr. P. pegou na minha lista de pacientes novos e atirou-a para cima da secretária, na minha direção.

— O que é isto? — perguntou-me, apontando para o nome «Joseph M.» com um dedo gordo. — Mas que raio vem a ser isto?!

Encolhi os ombros.

— Pediu-me para fazer mais do que apenas a minha parte. Estou a oferecer a minha energia.

A respiração do Dr. P. intensificou-se devido ao esforço que encetava para permanecer calmo.

— Onde é que obteve o nome dele? — perguntou-me calmamente. — Quem lhe disse que tínhamos um paciente com esse nome? Faz alguma ideia de quem é esta pessoa?!

— Sim, sei de quem se trata. Descobri através da Nessie — respondi; o que, para todos os efeitos, correspondia à verdade.

Os olhos do Dr. P. contraíram-se, formando dois traços irados.

— Sabe alguma coisa sobre este paciente?

— Sim e quero tratá-lo.

— Não! Não quer e não o vai fazer! Não sabe nada sobre ele; apenas quer provar que é o maior. Pois desta vez foi longe demais, Parker. Eu digo-lhe como é que vai ser daqui por diante: vai sair deste gabinete e nunca mais voltará a tocar neste assunto. Nunca! Caso contrário, certificar-me-ei pessoalmente de que é despedido, e mandado de volta para aqueles reaganómicos de New Haven com o rabinho entre as pernas, entendido?!

— Parece-me que já chega, Bruce.

Dei um salto. A voz fria e acutilante que soara atrás de mim, à entrada do gabinete, pertencia nada mais nada menos que à Dra. G. Já o Dr. P., que estivera debruçado sobre a secretária para me ameaçar com mais eficácia, ficou muito pálido, e recostou-se na cadeira.

— Rose — disse ele. — O que fazes... Quer dizer, é sempre um prazer receber-te nesta ala, mas por que razão...

— Porque preciso de falar com uma pessoa — replicou a Dra. G. tranquilamente, entrando no escritório com a frieza digna de uma rainha. — Isto se já tiveres acabado de lhe dar motivos para apresentar queixa contra ti ao Departamento de Recursos Humanos.

— Ah — retorquiu o Dr. P. — Bem... quer dizer...

— Sai daqui, Bruce.

— Estava só...

— Não tenho palavras para expressar o quanto me estou nas tintas. Sai.

— Espere aí... Isto... isto é o meu gabinete.

— Vou precisar da tua secretária durante uns minutos.

Com um ar de desalento, o Dr. P. levantou-se e começou a retirar-se. No entanto, ao fazê-lo, algo parecia estar a incomodá-lo, e virou-se para mim com uma expressão que parecia simultaneamente carregada de raiva e de pena.

— Miúdo burro como um raio! — rosnou. — Estou a tentar protegê-lo. Tem feito um bom trabalho neste hospital. Por muito

que me custe admiti-lo, é verdade. Afaste-se disto antes que seja demasiado...

— Sai, Bruce. Já!

O Dr. P. lançou-me um último olhar pesaroso e saiu do gabinete. Fiquei sozinho com a Dra. G., que se acercou da secretaria do Dr. P. e se sentou, perscrutando-me com um interesse circunspeto. Assim que se instalou, o seu olhar incidiu sobre a minha lista de pacientes novos e a boca esboçou um sorriso sombrio enquanto lia.

Reparo agora que nunca descrevi a Dra. G. A julgar pelas datas nos registos médicos que tinha lido, ela deveria estar na casa dos 50 e poucos anos, pelo menos, mas não apresentava ter mais de 40, com o cabelo castanho-avermelhado pelos ombros, os olhos verdes penetrantes e o rosto redondo mas ligeiramente macilento. Era também muito alta — mais alta do que eu, com a ajuda de um par de saltos altos pretos formais que tinha calçado — e incrivelmente magra, com um corpo que mais parecia pertencer a uma atleta olímpica do que a uma médica. Se fosse mais velho, talvez a tivesse achado atraente, mas, não sendo o caso, o seu olhar de falcão apenas teve o efeito de me relembrar penosamente quão jovem e inexperiente eu era. Foi como fazer uma radiografia numa máquina incrivelmente crítica.

Ao fim de uns instantes a fitar-me, disse:

— Era inevitável, penso eu. Diga-me lá, então: por que motivo quer tentar terapia com um paciente incurável?

— Bem — repliquei —, não tenho assim tanta certeza de que seja incurável.

— Como é que sabe? Já falou com ele?

— Não.

— E porque não?

Fitei-a, boquiaberto.

— Quer dizer, parti do princípio de que se o tentasse, seria despedido, com tanta gente a ameaçar-me para me manter afastado.

— Quem é que o ameaçou?

— Bem... o Dr. P., como teve oportunidade de constatar agora

mesmo. E a Nessie.

— Ah... Bem, ainda que ela fizesse um bocadinho de tudo, garanto-lhe que a Nessie não tinha poder para despedir fosse quem fosse. O Parker podia ter ido buscar a chave e ter visitado o Joe quando e sempre que lhe apetecesse.

Pestanejei, incrédulo.

— Como? Quer dizer que não há nenhum procedimento especial?

— Ah, para o tratar, claro que sim — respondeu-me a Dra. G. — Mas apenas para entrar no quarto dele? Não. Penso que uma combinação de medo do Bruce, da Nessie e das histórias que se contam sobre o próprio Joe mantém afastada a maioria das pessoas. Os que lá vão raramente se demoram mais de cinco minutos, a não ser que seja necessário, e os que têm de... Bem, sabe o que aconteceu à Nessie.

— Sim — retorquiu. — Sei, sim.

Ela fitou-me com a cabeça inclinada.

— E isso não o demove? Não tem receio de acabar da mesma maneira?

— Não — respondi. — Aliás, o que ela fez acabou por tornar isto ainda mais pessoal.

— Estou a ver... Bem, próxima pergunta, então. Ainda não falou com o Joe. Mas já viu a ficha médica dele?

— Não — apressei-me a responder, mas algo deve ter revelado a minha mentira, pois ela olhou-me com uma expressão furiosa.

— Tenho mais que fazer do que estar aqui a ouvir um médico estagiário a mentir-me. Aconselho-o a dizer a verdade para a próxima; caso contrário, esta reunião ficará por aqui.

Engoli em seco.

— Certo — respondi-lhe. — Sim.

— Assim está melhor. Portanto, se a leu e ainda assim quer trabalhar com ele, deve ter algum diagnóstico em mente. Importa-se de me elucidar sobre o que viu e que ao resto de nós escapou ao fim de 20 anos de tentativas?

Era uma armadilha.

— Não me parece que vos tenha escapado alguma coisa —

retorqui, cauteloso. — Mas a ficha médica diz que a última vez que ele foi tratado foi em finais dos anos 70. E, como sabe, o *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* já foi revisto, entretanto.

— Não seja condescendente e vá direito ao assunto.

Engoli em seco.

— Acho que o vosso primeiro diagnóstico talvez estivesse correto e talvez estejamos a lidar com um sociopata muito, muito sofisticado. Mais sofisticado do que se julgava ser possível nos anos 70. Há obviamente um transtorno de personalidade sádica, e talvez sofra de uma progeria psicológica, o que o faz parecer mais adulto. O mais estranho é a sua capacidade para induzir alucinações nas pessoas que o rodeiam, o que é raro, mas possível. Alternativamente, talvez possam testar se terá algum tipo de transtorno com o qual espelha as emoções das pessoas...

Ela levantou a mão para me calar.

— Errado. Não o censuro por tentar, mas ainda assim está errado. E, verdade seja dita, seria impossível ter logo a resposta certa. Afinal de contas, ainda não viu a ficha médica.

Arqueei uma sobrancelha.

— Não acabou de me obrigar a confessar que a vi?

— Aquilo que viu não foi a ficha completa. Não sou parva. Sei que as pessoas arranjam maneira de manipular o sistema de arquivos todos os anos e ir lá abaixo dar uma vista de olhos. Por isso, em vez de simplesmente tirar a ficha médica dele de lá, deixei um conjunto incompleto de documentos, sabendo que assustaria quase toda a gente que acedesse aos mesmos por uma questão de curiosidade. Portanto, viu apenas o que eu quis que visse. Nada mais.

Pisquei os olhos, sentindo-me um imbecil.

— Quanto mais falta?

— Os restantes documentos são um pouco mais práticos e técnicos do que aquilo que viu. E depois, claro, há as duas gravações de áudio. A propósito, foi assim que descobri que estava a mentir. Todos os administrativos dos registos médicos

estão instruídos para me informarem caso alguém requisite esses números de arquivo. Não sabem porquê, mas estou certa de que o colega sabe.

— Só se pode ter conhecimento desses números se se tiver visto a ficha médica — respondi-lhe, com desalento.

Ela assentiu com a cabeça.

— Ou seja, quando entrei aqui, já sabia que o Parker a tinha visto.

Ela recostou-se na cadeira do Dr. P. e fitou-me com um olhar satisfeito e penetrante. Interroguei-me se seria essa a sensação do rato quando está a ser observado pelo gato.

— Ora bem — continuou ela, num tom animado —, uma vez que ficou provado que sou a única pessoa nesta sala com acesso a um maior conhecimento, diga-me lá então, além de ter presumido que éramos todos demasiado burros para vermos algo porque ainda não estava contemplado no *Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, ou porque não pusemos a hipótese de que pudesse sofrer de um cocktail de distúrbios raros que qualquer pessoa teria descartado ao fim de 20 anos... por que razão hei de permitir que se aproxime de um paciente que isolei de toda a gente? E, por favor, desta vez parta do pressuposto de que os meus motivos são *inteligentes*.

— Eu... — Fiz uma pausa para organizar os pensamentos. — Penso que de nada servirá perguntar-lhe que motivos são esses, pois não?

— Pelo contrário. Até fico contente por ter perguntado — respondeu-me ela, e, então, para minha surpresa, esboçou um sorriso. — Digamos que de nada serve, para já, mas dou-lhe o devido valor por desta vez ter feito uma pergunta em vez de ter ido a correr tentar a sua resposta. É um ponto a seu favor. Porém, gostaria que tentasse adivinhar a resposta e, se for perspicaz o suficiente, talvez lhe diga.

Ponderei na proposta.

— Bem, há uma série de coisas que não fazem muito sentido na maneira como foi tratado. Vou partir do princípio de que têm

uma razão de ser, por isso vejamos se consigo começar por aí e ir descortinando o resto. — Ela não me respondeu, mas também não parou de sorrir. Ou estava no bom caminho, ou estava tão longe da verdade que era risível. — Comecemos pelo facto de me dizer que qualquer pessoa pode falar com ele, mas, na verdade, ninguém o faz. E, no entanto, eu disse ao Dr. P. que queria tentar terapia com o Joe e ele passou-se completamente. Teoricamente, a terapia não implica mais do que conversar com alguém, mas, se qualquer pessoa está autorizada a falar com ele, então isso deverá querer dizer que a colega acha que ele precisa de algo mais do que psicoterapia e medicação. Algo que exija mais recursos hospitalares além do tempo de um médico e um bloco de receitas.

— Está no caminho errado — respondeu-me, abanando ligeiramente a cabeça.

Combatendo a vontade de me retrair, recomecei.

— Certo, então talvez não precise de nada além de psicoterapia e medicação para o tratar. — Falei mais devagar, enquanto tentava decifrar o quebra-cabeças. — E, seja como for, continua a desencorajar que se fale com ele, de tal modo que aposto que há algo de perigoso até em fazer apenas isso. Mas, mesmo que não haja problema em lidar com ele em pequenas doses, falar ocasionalmente com um paciente não é psicoterapia. Posso abordar um paciente catatônico e começar a falar com ele, mas isso não faz dele *meu* paciente. Não sou responsável por ele apenas porque tentei falar com ele. Mas, se o assumir formalmente como meu paciente, então sou muito mais responsável, tanto pelo tratamento dele, como também por garantir que a coisa não corra mal. Talvez a família dele pudesse processar-nos caso fizéssemos algo verdadeiramente errado. Por outro lado...

Ela ia a interromper-me, o que significava que as minhas três últimas palavras tinham soado mais assustadas do que o pretendido, mas a verdade é que tiveram o efeito desejado. Ela calou-se e continuou a ouvir-me. Exalei calmamente.

— Por outro lado — prossegui —, vocês já estão convencidos de que é incurável, portanto presumo que outros médicos tenham tentado tudo e mais alguma coisa com ele, e, uma vez que ainda não foi retirado da vossa custódia, a preocupação com a possível insatisfação da família não é um fator relevante. O que significa que estão a proteger outra pessoa. — De repente, fui acometido por uma tomada de consciência. — Só pode ser isso! Porque há uma nota na ficha médica dele, do último diretor clínico para si, que diz que, mesmo que a família dele deixe de pagar, ele deverá ser mantido aqui às custas do hospital, de maneira a proteger o mundo exterior dele. Mas isso não explica por que motivo a Doutora quer tanto evitar que um médico o assuma como paciente. O nosso papel é lidarmos com aquilo que a maioria das pessoas tem dificuldade em lidar.

As palavras saíam-me em catadupa, e duvido que ela pudesse ter-me interrompido, mesmo que o quisesse. Mas não mostrava qualquer sinal de o querer fazer. Aliás, exibia uma expressão quase orgulhosa.

— A não ser que o problema seja ainda mais perigoso para nós — continuei. — O que não é uma situação normal com um paciente de psicologia, mas é perfeitamente normal se estivermos a lidar com alguém de quarentena devido a uma doença altamente contagiosa. Esses pacientes são realmente isolados de todos, à exceção das pessoas que seguem as normas corretas para os tratarem em segurança, por causa do risco acrescido da exposição prolongada. O facto de estarmos na mesma divisão que um paciente com ébola durante uns minutos não é garantia de que seremos infetados, mas passarmos várias horas a tentar tratá-lo sem seguirmos os procedimentos corretos é praticamente uma sentença de morte.

» A julgar pela maneira como têm tudo organizado, falar com este paciente durante uns minutos não deverá pôr ninguém em perigo. Porém, eu vi o que aconteceu ao Graham, o auxiliar de ação médica, e à Nessie. Ela estava em contacto com ele todas as noites e acabou por se suicidar. O que significa que a Doutora não quer que um de nós o assuma como paciente porque isso

implicará uma exposição prolongada, colocando-nos em maior risco de fazermos algo semelhante ao que ela fez. — Calei-me de repente, e um arrepió percorreu-me da cabeça aos pés. — Dra. G., se houve outros médicos que o trataram... hum... posso saber o que lhes aconteceu?

Ela ergueu as mãos e começou a bater palmas, lentamente.

— Ora aí está uma pergunta à qual posso responder. — Ela falou em voz baixa. A voz dela já não soava aguda, mas pesarosa. — Para tal, terá de me acompanhar.

A Dra. G. pôs-se de pé e saiu do gabinete do Dr. P. com passos rápidos, sem parar sequer para confirmar se eu a seguia. Apressei-me e alcancei-a no elevador. Subimos em silêncio até ao último andar e entrámos no gabinete dela. Depois de destrancar uma gaveta, extraiu uma pasta castanha grossa e abriu-a.

— O Dr. A. fez o diagnóstico inicial, obviamente, ou pelo menos tentou — explicou-me. — Mas deve ter reparado no intervalo de quatro anos depois disso. Bem, acredite ou não, não deixámos o Joe completamente sozinho durante esse período. Houve quem tivesse tentado tratá-lo. Aliás... — Ela engoliu em seco. — Eu fui a primeira. Tinha acabado de chegar ao hospital e o Dr. A. ordenou-me que o tentasse. Fora a melhor aluna do meu curso, tivera um desempenho excelente durante o meu internato e bolsa, e os hospitais psiquiátricos eram mais bem financiados nessa época, pelo que podiam dar-se ao luxo de contratar os melhores. O Parker não é o único frequentemente acusado de ser a pessoa mais inteligente na sala.

Olhou de relance para a direita. Ergui o olhar e reparei nos diplomas dela. Licenciatura em Medicina e Doutoramento Veritas; além do internato no melhor hospital do país, uma bolsa e duas certificações de saúde distintas. Ela era fortemente diplomada.

— O Dr. A. tinha razão — prosseguiu. — Eu era a pessoa mais inteligente na sala. Mas isso não me impediu de tentar engolir um frasco de comprimidos que fui buscar ao gabinete de enfermagem quatro meses após ter começado a tratar o Joe.

Depois disso, o Dr. A. tirou-me do caso dele e mandou-me de baixa psicológica obrigatória, para que pudesse fazer terapia para recuperar da experiência. Passei uns meses numa clínica privada antes de regressar, e nunca mais voltei a ser nomeada para interagir com o Joe. O médico que me substituiu passou um ano a tentar tratá-lo. Isso acabou quando o médico em causa deixou de vir trabalhar. Falámos com as autoridades sobre o seu desaparecimento e ele foi localizado dois dias depois. A polícia encontrou-o escondido em casa, sofrendo do que penso terem sido as sequelas de um episódio psicótico. Digo «penso» porque, assim que entraram em casa dele, atirou-se a eles com uma faca, pelo que não tiveram outro remédio senão alvejá-lo.

Ela fez uma pausa, lançou-me um olhar sério e depois continuou:

— A médica seguinte apenas aguentou seis meses, antes de entrar num estado catatônico e ter sido internada aqui mesmo. Diria que talvez a tivesse tratado sem o saber, mas a verdade é que ela conseguiu arranjar algo afiado e cortou a própria garganta cerca de um mês antes de o Parker ter chegado. De qualquer modo, depois dela selecionámos alguém um pouco mais resistente para trabalhar no caso do Joe. Tinha formação militar e chegou-nos por intermédio de um hospital onde se concentrara em pacientes com demência criminosa. Durou 18 meses antes de nos enviar uma carta de demissão com uma única linha e ter enfiado uma bala no crânio. — Ela chegou ao fim da página e soltou um suspiro profundo. — Depois disso, o Thomas... quer dizer, o Dr. A. decidiu assumir o caso ele mesmo. E a verdade é que sobreviveu à experiência. No entanto, ainda assim parou o tratamento ao fim de oito meses. E antes de se ter demitido do cargo de diretor clínico, uns anos mais tarde, juntou-se à administração para garantir que todos os diretores médicos que se lhe seguissem assinavam um acordo em que prometiam não entregar o caso do Joe a ninguém sem primeiro entrevistarem pessoalmente cada um deles, a fim de confirmarem a sua competência. À semelhança de todos os meus predecessores, assinei-o e recusei atribuir um médico ao Joe sem fazer uma

dessas triagens. Porque o Parker tem razão. A demência dele é contagiosa. Já a vi destruir os meus colegas e inclusivamente o homem que foi meu mentor e me preparou para o cargo que hoje ocupo. E quase me destruiu a mim também.

Os olhos dela cruzaram-se com os meus, e, por instantes, vi algo por trás da mulher fria e astuta que era. Vi uma jovem médica zangada e abatida que julgara ser brilhante, tal como eu julgava ser, e que apenas pudera observar impotentemente enquanto um paciente destruía a vida dela e das pessoas que a rodeavam.

— Está, portanto, a avaliar-me — respondi-lhe, em voz baixa. Ela acenou afirmativamente. — O que faz ele às pessoas, Dra. G.? Se a demência do Joe é contagiosa, gostava de saber do que deverei ter medo. Talvez me possa proteger disso.

A Dra. G. arqueou as sobrancelhas e um sorriso amargo instalou-se-lhe nos lábios.

— Infelizmente não posso responder a isso, Parker — retorquiu.

— Essa é uma questão a que só o Parker poderá responder, e ganhou o direito a fazê-lo, por muito que me custe imaginar colocar mais uma pessoa em perigo. Mas já revelou inteligência suficiente para eu sugerir que talvez consiga fazer alguma coisa com ele. Por isso pergunto-lhe: qual é o seu maior receio?

— Hum... — Depois de muito pensar, nada me ocorreu. — Eu... não faço ideia.

— Lamento, mas isso não é resposta — replicou ela. — Se vai tentar terapia com ele, precisa de saber a resposta a essa pergunta antes de começar. É a sua primeira linha de defesa. Aliás, se o tratar, será a minha também, pois, se eu não souber a resposta a essa pergunta, também não saberei o que poderá aparecer na minha ala depois da sua primeira sessão de psicoterapia com ele. Tente mais uma vez. Demore o tempo que for necessário.

Senti um arrepió penetrante na coluna.

— Quer dizer que ele consegue perceber o que...

— Limite-se a responder à pergunta.

Foi o mais próximo possível de uma anuência. Por isso pensei.

Pensei durante vários minutos, num silêncio total, sem que a Dra. G. tivesse feito fosse o que fosse para me interromper. Parecia tão fascinada pela resposta como eu estava estupefacto. Pensei em todas as respostas óbvias, claro — afogamento, insetos, fogo —, mas havia uma coisa que insistia em reintroduzir-se na minha mente: a imagem da minha mãe no quarto do hospital. Havia apenas uma resposta possível.

— Tenho medo de não conseguir proteger as pessoas que amo — respondi-lhe, por fim. — Tenho medo de não conseguir salvar alguém.

A Dra. G. arqueou as sobrancelhas, num gesto de surpresa genuína.

— Interessante — respondeu. — E neste momento existe alguém de entre o meu pessoal com quem se preocupe tanto que o afetaria se essa pessoa caísse para o lado e morresse? Não se dê ao trabalho de tentar ser educado. — Sentindo-me algo desgostoso, não obstante a última instrução dela, neguei com a cabeça. Ela assentiu. — Bem me parecia. A verdade é que não está aqui há tempo suficiente para isso — disse-me. — Tente não criar nenhum tipo de relação nos tempos mais próximos. — Sem dizer mais nada, pegou numa folha em branco que estava em cima da secretaria, escrevinhou algo, assinou o nome e depois estendeu-a na minha direção. — Leve isto ao Dr. P. De agora em diante, o Parker é o novo médico do Joe. Tirá-lo-ei do caso se assim me pedir, mas com uma condição: terá uma reunião comigo e contar-me-á, o mais detalhadamente possível, o que ele fez para que decidisse que já não tinha condições para continuar como médico dele. — Ela levou a mão à gaveta, sacou das duas cassetes de áudio e pô-las nas minhas mãos, juntamente com o que faltava da ficha médica. — Ah, e Parker?... Tente não se suicidar antes disso — disse-me, olhando-me nos olhos. — Agora encontre o Bruce, onde quer que ele esteja a amuar, e dê-lhe essa folha.

Fui dar com o Dr. P. sentado numa das cadeiras do átrio da ala, com uma expressão ao mesmo tempo revoltosa e terrivelmente cansada. Assim que me aproximei da cadeira dele, emitiu um resmungo de irritação, como que a reconhecer a minha presença,

mas sem se virar para mim.

— O que foi, menino-prodígio? — perguntou-me. — Já acabou a sua conversa privada com a chefe? Veio arrumar as suas coisinhas?

Não sabia como reagir, por isso limitei-me a estender-lhe a folha por cima do ombro dele. Pegou nela, leu-a e depois afundou-se na cadeira, qual homem que acabara de receber a notícia de que um familiar próximo fora assassinado. Então virou o olhar para mim e, pela primeira vez, a expressão dele não era hostil nem furiosa. Em vez disso, os olhos dele estavam carregados de derrota e medo.

— Vejam só... — sussurrou. — A Rose deve achar que é tão esperto como você julga que é. É pena. Tentar isto faz de si o filho da mãe mais burro e demente desta ala. Bem, agora vamos descobrir exatamente quão burro é. Veja lá é se não descura o resto das suas obrigações por causa do seu novo anormal. Espero que continue a cumprir com todas as partes da sua proposta.

Acenei com a cabeça.

— Com certeza. Há mais alguma coisa que queira discutir comigo em relação à lista de pacientes novos e às horas de serviço que lhe propus?

Ele deu uma risada oca.

— Não, miúdo, não há. Não me faça perder mais tempo e concentre-se nos seus novos pacientes. Inclusivamente no Joe. — Esboçou um sorriso irônico e sem humor. — Presumo que não precise de ajuda para encontrar o quarto dele, certo?

Não. Não precisava.

24 de março de 2008

Ufa. Bem, este tenho de escrever rapidamente; caso contrário, nunca mais o acabarei. Vou ficar com uma ressaca desgraçada, mas que se lixe! Pôr isto por escrito é uma espécie de quimioterapia para a minha alma. Dói como tudo, mas ao mesmo tempo está a queimar algo que é ainda pior. De nada serve estar a adiar, por isso falemos sobre o meu primeiro encontro com o Joe. E, sim, tentei assentar isto tal e qual como o recordo, mas é claro que não tinha um gravador comigo, portanto vou ter de parafrasear um pouco em algumas partes, para não parecer desconexo, mas espero que me deem o desconto.

Embora o ocupante fosse tão temido e desprezado pelo resto do pessoal hospitalar, o quarto do Joe devia muito pouco aos lugares-comuns do terror. Era um facto que ficava ao fundo de um longo corredor, dando a quem caminhasse na direção dele tempo suficiente para refletir sobre o que estava a fazer, com um receio provavelmente crescente, mas estou convencido de que era deliberado. Tendo em conta o conteúdo da ficha médica resumida, manter o Joe tão afastado dos restantes pacientes fazia todo o sentido, e, uma vez que muito poucos elementos do pessoal interagiam com ele, mais uma razão para o pôr longe do caminho. E tendo em conta a referência na sua ficha médica à riqueza dos pais, talvez tenha sido também um ato de deferência para com eles, dar-lhe um dos quartos mais espaçosos e bem iluminados do hospital, não obstante a frequente escassez de camas e espaço no geral.

Ainda assim, se julgam que isso atenuou a minha apreensão quando dei esses primeiros passos em direção ao fundo do

corredor, estão profundamente enganados. Até essa altura, o Joe não passara de um quebra-cabeças intelectual distante, para ser imaginado e teorizado. Mas agora eu era oficialmente o médico dele. E, embora talvez fosse tarde demais para usar de alguma sensatez, de repente sentia-me muito nervoso em relação ao meu primeiro encontro com um paciente cujo número de vítimas mortais se estendia não só a outros pacientes, como também a pessoas treinadas para encarar a demência sem receios. As palavras da Dra. G., do Dr. P. e, acima de tudo, da Nessie não paravam de ecoar na minha cabeça. Quando, por fim, alcancei a porta dele, quase esperava apanhar um choque assim que introduzi a chave na fechadura e rodei a maçaneta. Mas não aconteceu nada do género.

Para um paciente tão formidável, o Joe não transmitia a mínima impressão de perigo. Não devia ter mais de um metro e setenta e era tão magro quanto é possível ser sem parecer subnutrido. Uma trunfa de cabelo louro desgrenhado que parecia não ser penteada há anos emoldurava-lhe o rosto.

Encontrava-se sentado de costas viradas para mim, numa das cadeiras reles do hospital, e, assim que se pôs de pé e se virou, eu esperava ver um rosto com uma expressão de terror inesperado. Mas até nisso fiquei desiludido. O rosto dele era comprido, pálido e equino, com um queixo fraco e meio inclinado, as maçãs do rosto salientes e os dentes ligeiramente amarelados. Os olhos azul-claros pareciam desfocados e quase tão ausentes como os de alguns doentes catatónicos que eu vira.

Ficámos a entreolhar-nos durante uns segundos, até que o abordei:

— Joe? — disse-lhe, no meu tom de voz mais profissional. — O meu nome é Dr. H. Fui escolhido pela Dra. G. para fazer terapia consigo, se estiver de acordo. — Ele não emitiu um som. Não reagiu sequer. — Se for má altura, posso voltar...

— É jovem.

A voz dele soou débil e baixa, e um pouco rouca, como se raramente a usasse. Teria sido ligeiramente desconcertante não fosse a tristeza profunda percetível na mesma, o que o fazia

parecer ainda mais patético.

Confirmei com um movimento de cabeça e esbocei um pequeno sorriso.

— Sim, é verdade — respondi-lhe, num tom de voz calmo. — Isso incomoda-o?

— Os outros não eram tão jovens. Devo ficar impressionado? — limitou-se a responder, com um encolher os ombros.

Pestanejei.

— Impressionado? Com o quê?

— Bem, deve ter irritado alguém, e muito, para o terem mandado para cá com a sua idade.

Sem pensar, tornei a sorrir. Preparara-me para o pior quando entrara naquele quarto. Esperara insultos, provocações, recitações de fantasias perturbadoras e até tentativas de as levar a cabo. O que não esperara era que o Joe dissesse uma piada, e ainda por cima que tivesse graça.

— Talvez tenha razão, mas por que motivo isso havia de o impressionar?

O Joe encolheu os ombros.

— Fico impressionado com qualquer pessoa que irrite os funcionários daqui. Para mim, isso faz de si uma alma gémea. Além do mais, aquilo que deve ter feito para eu lhe ter calhado como paciente só pode ter sido verdadeiramente mau. — A expressão dele ficou carrancuda. — Ou isso, ou ela ficou ainda mais cruel com a idade. Ou desesperada.

— Quem?

— Sabe muito bem — respondeu-me, com um sorriso amargo. — Ela. A que me mantém aqui trancado. Por que razão ela não aproveita e me corta a garganta? Aposto que já o fez a muitos outros.

— Se está a referir-se à Dra. G., eu...

— Oh, Doutor, Doutor, Doutor — retorquiu o Joe, calmamente. Então, sem aviso prévio, deu uma pancada na parede e resfolegou com desdém. — Bem, é uma merda como médica. Não consegue curar um paciente, por isso fecha-me aqui dentro, sem poder falar com ninguém, durante décadas, e depois manda uma cara

fresquinha como a sua. Deixe-me adivinhar. É o médico mais inteligente que acabou de chegar e eles acham que talvez o Doutor, e somente o Doutor, consiga curar-me?

Não devia ter ficado surpreendido por ele ter descortinado o que eu pensava serem pormenores privados sobre mim, mas fiquei. O choque deve ter sido evidente na minha expressão, pois ele soltou uma risada desdenhosa.

— Não foi propriamente difícil de adivinhar — continuou. — Aquela cabra só enviaria para aqui alguém por uma razão: tenciona despedir essa pessoa. Sabe que já estou aqui desde que o Doutor ainda andava de fraldas e que ninguém sabe o que fazer comigo? Ela sabe que não sou «curável», entende? O Doutor é só um bode expiatório que lhe dará algo para reportar aos inúteis de merda dos meus pais, para que continuem a enviar dinheiro e ela possa livrar-se de toda e qualquer carinha nova que a possa fazer ficar mal na fotografia.

Fiquei chocado. Não era nada assim que imaginara que o paciente mais temido do hospital se comportasse. Ele era uma pessoa amarga e frustrada, sim, mas parecia incrivelmente lúcido, mentalmente são até. Não era, de modo algum, motivo para 20 e tal anos de confusão e terror, quanto mais para permanecer sob a custódia do hospital. Como se não bastasse, os comentários dele deixaram-me um travo amargo na boca e fizeram-me questionar tudo o que me fora dito. Seria possível que todas as histórias sobre ele não passassem de um ato elaborado para manter esse fluxo constante de dinheiro para o hospital? Arqueei uma sobrancelha.

— Acha que não tem problema nenhum, Joe?

— Como é que hei de saber, porra?! — retorquiu o Joe. — Tanto quanto vejo, as outras pessoas à minha volta é que parecem enlouquecer! Acontece com tanta frequência que às vezes me interrogo se estarão a fazer de propósito, só para me fazerem ficar tão louco como elas, de tanto antecipar que raio de coisa irão fazer a seguir.

Soava demasiado sincero para estar a mentir, e, não obstante tudo o que me fora dito, comecei a sentir pena dele. Ainda assim,

algumas das histórias que ouvira tinham-me ficado na cabeça a ponto de me deixarem cauteloso, pelo que não lhe respondi de imediato. Achei melhor deixá-lo continuar a falar.

— Bem, esteja à vontade, despache lá a coisa — disse-me, com uma risada amarga. — Aposto que, mesmo sem saber, fiz algo nestes últimos minutos que vai dar consigo em louco...

Abanei a cabeça.

— Não me parece.

— Então, aleluia! Mas já estou a ver os mecanismos a rodarem nessa sua cabecinha jovem e inteligente. Vá lá, deite tudo cá para fora. Porquê a careta?

Encolhi os ombros.

— Sinceramente não sei o que pensar, Joe. Não me parece que seja um monstro, mas a sua ficha médica contém algumas coisas perturbadoras.

— Ah, sim? — replicou ele, num tom trocista. — Isso deve ser interessante. Como por exemplo?

— Bem, não me parece que uma pessoa normal tentasse violar um rapaz de 6 anos na primeira noite em que partilhou o quarto com ele.

O Joe resfolegou.

— É isso que está escrito na ficha sobre o que aconteceu ao Nathan?

Tive de conter a minha surpresa. Não era normal que alguém tão desumanamente cruel como o Joe fora descrito recordasse individualmente as vítimas pelos nomes ao fim de tanto tempo. Talvez se lembressem dos atos em si, mas por norma as vítimas eram tão desumanizadas na mente do perpetrador que os nomes não faziam parte do processo.

— O que aconteceu ao Nathan, Joe? — resolvi perguntar-lhe. — Porque não me conta o seu lado da história?

A princípio não me respondeu, optando antes por se deitar na cama, indignado. Ao fim de uns minutos de silêncio, fitou-me intensamente.

— Antes de lhe contar — disse ele —, tenho uma pergunta para si.

— Sim?

— Tem pastilha elástica? — Esboçou um sorriso assimétrico. — A Nessie costumava trazer-me. Mantém a minha mente ocupada. Ajuda-me a aliviar o tédio.

Por acaso eu tinha uma embalagem velha e algo gasta de pastilhas elásticas no bolso. Saquei dela e estendi-lhe uma pastilha. Ele aceitou-a, desembrulhou-a e enfiou-a na boca com evidente satisfação. Depois sorriu-me novamente de esguelha.

— Obrigado, Doutor — agradeceu-me. — Parece-me ser um tipo à maneira.

Retribuí o sorriso, não obstante a confusão que sentia.

— E então... quanto ao Nathan?

— Exato, o Nathan. — O Joe mascou a pastilha, pensativo. — Bem, eu sei que isto é o que muita gente costuma dizer, mas a verdade é que... ele se meteu comigo.

— Custa-me muito acreditar nisso, Joe. Ele tinha 6 anos. O Joe tinha 10.

— Sim, sim, eu sei, é demasiado precoce — respondeu-me o Joe com irritação, desvalorizando o meu comentário com um aceno de mão, como se de uma mosca se tratasse —, mas acha que ele tinha noção disso? O pai dele andava a fornicá-lo desde que ele começara a andar. Acho que pensava que isso era amor. Bem, ele disse-me que não conseguia dormir sem que alguém «lho enfiasse» primeiro e pediu-me para o fazer. Eu era miúdo e também não sabia nada de nada. Sabe que aqui ninguém nos explica nada sobre sexualidade, não sabe? Portanto, fiz o que ele me pediu. Mas, como não sabia o que estava a fazer e não tinha nada que facilitasse a penetração, ele desatou aos gritos. Os auxiliares estavam mesmo do outro lado da porta, pelo que nem tive tempo de sair de cima dele. E julga que iriam dar-me ouvidos depois de terem visto o que viram? — Revirou os olhos. — Não devia queixar-me, na verdade, pelo menos não morrerei virgem. Não é exatamente a forma como teria escolhido perder a minha virgindade, mas não se pode ter tudo, não é verdade?

Embora não devesse, tinha de admitir que a história me soava plausível. Ainda assim, havia demasiado conteúdo naquela ficha

médica para tudo não passar de equívocos. Insisti com ele.

— Mesmo que acreditasse em si, Joe — disse-lhe —, não se trata da única coisa. Os seus médicos ou morrem ou enlouquecem.

— E o Doutor acha que a culpa é minha? — indagou o Joe. Fez sinal para o próprio corpo, num gesto exasperado. — Pareço-lhe um tipo ameaçador?

— Não — retorqui —, mas se por acaso estiver a empregar *gaslighting*<sup>1</sup> nas pessoas...

— Se estiver a quê?

Pois, ele talvez não estivesse familiarizado com a expressão. Era pouco provável que alguém lhe tivesse mostrado o filme.

— O que quero dizer é que está a tentar propositadamente levá-los à loucura.

Ele riu-se.

— Tretas! Doutor, eles não se mataram por eu ser louco. Mataram-se porque eles, e todas as pessoas que alguma vez trabalharam no meu caso, sabiam que eu estava mentalmente são. — Num gesto involuntário, expus a minha perplexidade. Vendo isso, o Joe deu uma gargalhada desagradável. — Ah, eu sei, eu sei, parece ridículo, mas acredite que é verdade. É verdade desde que os palhaços dos meus pais me deixaram aqui para se livrarem de mim, porque não tinham capacidade para lidar comigo, e disseram aos médicos para inventarem uma razão para me manterem cá. Bem, sendo eles uns gananciosos de primeira, inventaram uma série de merdas, mas pelo menos no início sabiam que era tudo uma fantochada. Isso antes de ela ter aparecido. — Ele emitiu um rosnar baixo e cuspiu para o chão, antes de continuar. — Sabe o que eu era para ter sido antes de a sua querida Dra. G. ter começado a trabalhar aqui, Doutor? Era para ter sido o caso rasca. O palhaço presunçoso do Dr. A. fez com que passasse a ser regra oficial que somente os médicos de categoria inferior fossem destacados para trabalhar comigo, pois ninguém queria fazer terapia com um paciente mentalmente são que estava a ser mantido aqui puramente a pedido dos pais. Azar o meu que a Dra. G. tivesse sido a primeira a receber essa

incumbência. Porque, deixe-me que lhe diga, a Dra. G. era demasiado ambiciosa para perder tempo com isso. Então o que decide ela fazer? Contar uma história qualquer sobre quão aterrorizador é trabalhar comigo e deixar um bilhete de suicídio a dizer isso mesmo, num sítio onde os outros médicos o pudessem encontrar. E quando dou por isso está de baixa; depois começa a trabalhar com casos a sério quando regressa, e eu deixo de ser o paciente do qual ninguém quer saber e passo a ser o paciente com quem ninguém se atreve a falar. E o que fazem eles? Começam a enviar os médicos que tencionavam despedir para trabalharem comigo, porque isso lhes dará uma desculpa para se livrarem desses desgraçados de merda. E esses médicos tinham a perfeita noção de que, se não me conseguissem curar, a cabra e o insensível do mentor dela certificar-se-iam de que as carreiras deles estariam arruinadas, mas assim que falavam comigo sabiam que seria impossível fazê-lo porque não havia nada para curar. Os que duraram mais tempo foram os que conseguiram convencer-se a continuar a receber o ordenado só para contrariarem o hospital. Quanto mais tempo eles conseguiam viver assim, mais tempo se aguentavam. E eu fui obrigado a assistir, enquanto as únicas pessoas que se importavam minimamente comigo enlouqueciam durante esse processo.

Ainda não estava convencido, mas, por alguma razão, quanto mais o Joe falava, mais o meu coração se compadecia dele. Se tivesse de me deitar a adivinhar qual seria a razão por que me enternecia, diria que era a sua postura. Não estou a conseguir transmiti-lo por escrito, mas, embora estivesse, para todos os efeitos, a defender-se, a sua voz continuava a soar inexpressiva e resignada, como se soubesse que, mesmo que eu acreditasse nele, isso de nada serviria. Era como se estivesse a justificar-se em piloto automático. E, porque havia pouca esperança no que ele me estava a dizer, eu sentia-me mais inclinado a acreditar que ele estava a ser sincero. Em retrospectiva, deveria ter percebido que poderia tratar-se facilmente da manipulação de um psicopata, mas, tendo em conta a forma como me apanhara completamente desprevenido e quão inexperiente eu era, devo

ter ficado mais impressionado do que seria suposto.

Por outro lado, não era completamente ingênuo. Sabia que qualquer paciente que não fosse totalmente alucinado ou catatônico conseguia causar uma boa primeira impressão. Tentei direcionar a conversa de maneira a perceber se o Joe revelava indícios de transtornos psicológicos graves latentes, sinais que somente um profissional saberia identificar. Mas também aí não obtive grandes resultados. O Joe não mostrava indícios de qualquer doença mental além de uma depressão leve e de agorafobia, ambas expectáveis num paciente que tinha estado enclausurado durante 20 anos, lidando com médicos cuja sanidade mental se deteriorava gradualmente.

É um facto que um psicopata hábil poderia ter fingido tudo isso, mas o Joe não dava qualquer indício de que o fosse. Por exemplo, durante essa nossa primeira conversa, lembro-me de ter visto um pássaro a voar contra a janela do quanto e depois a ficar meio atordoado. Um psicopata jamais teria reagido, mas o Joe aproximou-se da janela e observou-o com uma expressão preocupada, o rosto encostado ao vidro, até o pássaro recuperar e voar para longe. É difícil imaginar um sinal de empatia saudável mais evidente do que esse.

Como resultado de tudo isso, quando fechei a porta do quarto do Joe, no final desse primeiro encontro, sentia-me maledicido, embora não por nenhum dos motivos que previra. O facto era que, não obstante todas as histórias horrendas contidas na ficha médica, não encontrara nenhum indício de que aquele homem fosse mais do que um bode expiatório desesperadamente solitário, abandonado pelos progenitores e transformado no anormal residente de um hospital com falta de pessoal e de financiamento. Dadas as circunstâncias, e numa situação normal, teria recomendado ao meu superior que o paciente tivesse alta, mas, se pelo menos uma parte da história do Joe correspondesse à verdade, essa seria claramente uma decisão terrível. Se ele tivesse razão, então o hospital jamais permitiria que uma fonte de rendimento como ele se esgotasse, mesmo que não sofresse de qualquer doença mental.

Em contrapartida, fora apenas uma sessão, e as acusações contra ele eram numerosas. Decidi esperar até concluir um mês de sessões com ele antes de decidir fazer algo drástico. Talvez o tivesse simplesmente apanhado num dia bom e em breve se transformasse no demónio canalizador de pesadelos retratado na ficha médica. Além do mais, ainda não ouvira as cassetes de áudio constantes da ficha médica completa, nem lera os apontamentos não editados dos médicos responsáveis que a Dra. G. me dera.

Não o deveria admitir, mas levei a ficha médica dele para casa. Se a Dra. G. a guardava fechada à chave numa gaveta no seu gabinete, por norma trancado, não me sentia seguro deixando-a no meu. As gavetas da minha velha secretária institucional não tinham fechadura, e eu nunca sentia necessidade de trancar o meu gabinete pois agora os registos dos pacientes eram todos informatizados, pelo que nunca deixava nada confidencial ou valioso à vista de todos.

Assim que cheguei a casa, não pude começar logo a lê-la. Essa noite foi especialmente complicada para mim e para a Jocelyn. Entre o meu novo emprego, que incluía a obsessão pelo Joe, e a frustração dela com o trabalho de pesquisa que andava a fazer, não nos restava muito tempo para estarmos juntos. Penso que essa foi a semana em que se foi abaixo e me disse que o professor tinha deitado fora um ano inteiro de trabalho escrito dela. O papel de um orientador é apoiar os seus alunos de pós-graduação, mas esse membro do comité dela era um palerma intransigente, constantemente a implicar com ela e com o trabalho que fazia. Eu andava desconfiado de que queria dormir com ela ou, pelo menos, que se sentia ameaçado por ela. Ou então talvez esse fosse o conceito de normalidade dele, uma vez que muitos programas de mestrado possuem estranhas tradições de maus-tratos pelas quais todas as pessoas têm de passar — uma forma singular de mostrar o que valem. Tivemos uma discussão, mas foi sol de pouca dura. Ela acabou por me levar a falar sobre o pesadelo que eu tivera e que a acordara, e eu levei-a a partilhar os problemas dela com o professor. Acabámos por ficar tão cansados que adormecemos abraçados, o nosso trabalho posto

de parte por uma noite.

Só me agarrei aos apontamentos sobre o Joe na noite seguinte, e decidi começar pelas cassetes de áudio. Estava esperançoso de que a primeira sessão com o Joe — em que ele sofria claramente apenas de terrores noturnos — me desse alguma pista que tivesse escapado aos outros médicos devido à sua aparente banalidade.

A cassette de áudio da primeira sessão do Joe estava velha e algo deformada, pelo que receei que não tocasse quando a encaixei no meu leitor de cassetes.

Contudo, depois de alguns rangidos e sibilos absolutamente desconcertantes, as bobinas da cassette começaram por fim a rodar e o som baixo de uma voz masculina, carregada com uma pronúncia da Nova Inglaterra, ecoou das minhas colunas.

A: *Olá, Joe, o meu nome é Dr. A. Os teus pais dizem-me que tens muita dificuldade em adormecer.*

Seguiu-se um curto intervalo durante o qual assumi que o Joe tivesse acenado com a cabeça, pois o Dr. A. continuou a falar:

A: *Consegues explicar-me porquê?*

Segui-se mais uma breve pausa e depois uma voz de criança respondeu:

J: *A coisa nas minhas paredes não me deixa.*

A: *Certo. Lamento sabê-lo. Podes falar-me um pouco sobre a coisa nas tuas paredes?*

J: *É nojenta.*

A: *Nojenta? Como assim?*

J: *É só nojenta. E assustadora.*

A: *Sim, mas consegues descrevê-la?*

J: *É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha muito grandes e superfortes, com uns dedos muito compridos. O corpo é de minhoca.*

Estremeci, involuntariamente. Mesmo para um rapaz cheio de imaginação, tratava-se de uma imagem mental muito desagradável. Ainda assim, eu já lera nos relatórios que o Joe sofria de entomofobia, pelo que me parecia ser uma manifestação natural desse medo. Até então não havia motivo para pensar que ele fosse mais do que uma típica criança assustada. E o Dr. A. parecia ser da mesma opinião.

A: Isso soa mesmo assustador. E é muito grande?

J: Enorme! É maior do que o carro do meu papá!

A: Certo. E os teus pais já o viram?

J: Não. Ele volta para dentro das paredes assim que eles aparecem.

A: Uma coisa assim tão grande consegue entrar nas tuas paredes?

Elas não se partem?

J: Ele derrete-se. Como um gelado. E depois parece que faz parte da parede.

A: Estou a ver. E foi isso que fez essas marcas nos teus braços?

J: Sim. Tentei tapar a cara, para não ter de olhar para ele. Mas puxou-me os braços e obrigou-me a abrir os olhos, com os dedos.

A: E por que razão fez isso?

J: Porque gosta que eu me sinta mal. Por isso é que não me deixa dormir.

A: Como assim?

J: Ele come os pensamentos maus.

Caramba! Se não estivesse trancado a sete chaves no hospital, aquele miúdo teria dado um excelente autor de livros de terror.

Ele era também — para grande frustração minha — completamente normal. Enquanto o ouvia, esbocei um sorriso perante a coragem do miúdo. Também verificava que a informação na cassete estava em conformidade com os apontamentos na ficha médica e que nada nessa sessão remetia para algo semelhante aos horrores que aquele miúdo infligira no hospital aquando do segundo internamento. Aliás, com base apenas na cassete, tudo o que se seguiria a essa sessão parecia quase impossível. Havia algo naquela história que não fazia sentido, provocando-me um desagradável calafrio perante a

suspeita de que aquilo que o Joe adulto me contara, sobre ter sido tramado, talvez pudesse corresponder à verdade.

Ainda assim, essa era apenas uma parte da informação. De maneira a tentar compreender aquilo em que o Joe se transformara durante o cativeiro, teria de recorrer à segunda cassette de áudio, a tal produzida pelo auxiliar de ação médica que passara a noite no quarto dele.

Ao olhar para ela, reparei em algo que me pareceu invulgar. Um pedaço estreito do que parecia ser fita adesiva antiga, onde se lia «03h00–04h00», fora colado à cassette. Fiquei estupefacto. Porquê gravar apenas uma hora? Foi então que me ocorreu: a ficha médica mencionava que a maior parte da gravação continha silêncio. Essa era certamente a única cassette que continha algo relevante. Caso contrário, porquê guardá-la? Preparando-me para tentar ouvir algo durante a próxima hora, introduzi a cassette e premi a tecla Play.

Tratava-se, tal como eu desconfiava, de uma mão-cheia de nada durante os primeiros 20 minutos, e por mais de uma vez tive de me controlar para não me deixar distrair. Por fim, comecei a contar os segundos em surdina, olhando periodicamente para o meu relógio de pulso como forma de garantir que permanecia atento a fosse o que fosse. Quando alcancei os 20 minutos, a cassette pareceu ganhar vida, e ouvi realmente qualquer coisa.

Primeiro, ouviu-se o som de respiração que eu vira mencionado nos registos médicos. O Dr. A. não exagerara: era sem dúvida o som de alguém a ter um ataque de ansiedade. A respiração ofegante continuou durante cerca de 30 segundos até eu ouvir o som de algo a mexer-se e então...

Passos. Passos rápidos, como se alguém estivesse a correr, seguidos do som de uma pancada de um objeto macio numa superfície dura. Durante tudo isso continuei a ouvir a respiração ofegante, provavelmente da pessoa que estivera a correr, e depois uma voz grossa a murmurar repetidamente várias palavras obscenas, num tom cada vez mais aterrorizado. Depois, o som de passos arrastados e, então, abruptamente, aos 30 minutos, a

gravação pareceu terminar por completo.

Irritado, rebobinei a cassette. O que ouvira era por demais evidente. O auxiliar ficara claramente demasiado assustado para permanecer a noite inteira e desatara a correr dali para fora — isto é, partindo do princípio de que os apontamentos correspondiam à verdade. Talvez tivesse decidido ir para casa e fingir os sustos, de maneira a manter viva a lenda do Joe. No entanto, por via das dúvidas, decidi voltar a ouvir os dez minutos de atividade, para me certificar de que não ouvira mal. Dessa vez fui buscar uns fones, liguei-os ao leitor de cassetes e aumentei o som até ao volume máximo possível sem ferir os tímpanos.

Mais uma vez, os mesmos sons. A respiração ansiosa e acelerada. O som de um corpo a mexer-se. Os passos corridos. Os palavrões. A risada. O som de passos arrastados a afastarem-se.

Alto! Risada? Não a tinha ouvido antes. Tornei a rebobinar a cassette e escutei.

Num volume mais baixo, o som podia facilmente ser confundido com ruído de fundo. Mas, com os fones no máximo, era indubitável. Enquanto o auxiliar praguejava para o microfone, pareceu-me ouvir, nos intervalos dos seus impropérios, o som de uma risada surda e prolongada ao fundo, como se estivesse a ser gravado a uma grande distância. Mas mesmo assim percebia-se que o som devia ser muito mais alto, para ter sido captado pelo microfone. Não fosse a fraca qualidade da gravação, que me fez duvidar da sua fidelidade, o mais certo seria ter ficado assustado a ponto de largar o caso nesse preciso instante.

É que a risada não parecia ser um som produzido por uma pessoa. Era demasiado rouca, demasiado baixa e demasiado gutural, quase como se alguém tivesse atribuído o ritmo de uma risada humana ao som de um glaciar a colapsar. Mas soava muito distante e a gravação era muito antiga, portanto o mais certo seria tratar-se de algo perfeitamente inofensivo à distância, que fora distorcido ao fim de vários anos de desuso. Retirei a cassette, convencido de que não havia mais nada que pudesse ouvir nela, e

instalei-me para dar uma vista de olhos aos apontamentos.

Não me vou dar ao trabalho de os transcrever e passo a explicar porquê: se antes de os ler estava convencido de que o Joe estava enganado em relação a ter sido acompanhado pelos piores médicos do hospital, depois de os ler fiquei convencido do contrário. Eram os apontamentos mais desconexos, inúteis e francamente incoerentes que alguma vez lera. Saltavam de diagnóstico em diagnóstico, e de medicação em medicação, pelos vistos em constante mudança, até que comecei a interrogar-me se o Joe não teria sido levado lentamente à loucura pelos inúmeros e variados efeitos secundários de tantas substâncias diferentes que consumira. Alguns apontamentos faziam referência a ter sido amarrado ou mesmo amordaçado, inclusive durante sessões de psicoterapia, o que me parecia absolutamente contraproducente. Quero dizer, de que serve levar a cabo psicoterapia se o paciente não pode falar? Escusado será dizer que, quando terminei, fiquei com a certeza de que aquelas pessoas estavam apenas a descarregar as frustrações que sentiam em relação às suas próprias inaptidões médicas num paciente indefeso, e estremeci ao pensar na quantidade de processos de negligência médica que poderiam ter sido apresentados com base nas coisas que acabara de ler.

Os únicos apontamentos que podia realmente começar a acompanhar eram os da Dra. G., e, embora espelhassem o trabalho de uma médica altamente competente, a verdade era que todos confirmavam a teoria do Joe. Os apontamentos da Dra. G. eram muito depreciativos a princípio. Eu quase conseguia ouvir o ressentimento em cada frase que escrevera sobre ele. Era evidente que considerava o paciente completamente abaixo do seu nível de competências e queria desesperadamente ser transferida para outro caso. Todavia, à medida que os apontamentos foram continuando, o ressentimento dela pareceu dissipar-se do tom que usava, dando lugar a uma sensação de triunfo extrema. Ao mesmo tempo, tornaram-se gradualmente mais breves, como se estivesse cada vez mais convencida de que não iria necessitar dos apontamentos, pois o caso estava muito

próximo de ficar resolvido. Este é um bom exemplo:

«O Joe está a reagir bem ao último tratamento. Voltarei a comentar dentro de uma semana; isto se o processo demorar assim tanto a surtir efeito.»

Bem, o que quer que fosse esse «último tratamento» ao qual ela se referira, sem dúvida que surtira algum tipo de resultado. Afinal, precisamente uma semana depois, a esse aparte sucinto e arrojado seguiu-se o seu memorando final, vertiginosamente distinto do anterior. Passo a transcrever esse memorando:

*Amanhã irei demitir-me do meu cargo no HEC. Desiludi os meus pacientes, desiludi os meus colegas e desiludi-me a mim própria. Não há nada que possa corrigir isto. Por favor, não se dê ao trabalho de me pagar o último ordenado, pois não o mereço e também não conto vir a precisar dele. Obrigada pela oportunidade de trabalhar consigo. Resta-me pedir desculpa por tê-lo desiludido desta maneira. Lamento. Lamento imenso.*

Rose

Escusado será dizer que me pareceu suspeito. É certo que a Dra. G. podia simplesmente ter escolhido um último tratamento desastrosamente errado, mas, tendo em conta o que eu já lera e ouvira, parecia-me mais provável que tencionasse que esse fosse o último tratamento que *ela* proporcionaria ao Joe, pois planeava simular uma tentativa de suicídio. Caso contrário, por que motivo seriam os seus apontamentos tão parcós em pormenores em relação a um tratamento aparentemente bem-sucedido?

Isso, do meu ponto de vista, era quase o prego final no caixão da teoria do «paciente mistério que ninguém consegue curar». Embora continuasse decidido a observar o Joe durante um mês, já começava a questionar-me sobre o que seria preciso para provar a uma autoridade superior qualquer no mundo da medicina a quantidade de maus-tratos que aquele pobre desgraçado sofrera às mãos da insensível e pouco ética Dra. G. Se antes julgava que

talvez me tivesse escapado algum detalhe quando ouvira a risada fantasma na cassette de áudio, agora interrogava-me se a cassete não teria sido adulterada, uma vez que fora a Dra. G. quem estivera na posse da mesma. Fosse como fosse, e tanto quanto me parecia, era o Joe quem vivera um autêntico pesadelo, e não os auxiliares ou os médicos.

Não era de admirar, portanto, que o Dr. P. me tivesse rosnado quando sugerí assumir o Joe como meu paciente. Aliás, o que era de admirar era o facto de o Dr. P. ainda deter um cargo médico, para não falar num cargo de supervisor. Não fora nomeado como responsável pela ala com o objetivo de curar fosse quem fosse, mas para agir como carcereiro por forma a garantir a única fonte de rendimento fixa do hospital. Demonstrava a sua falta de empatia sempre que faltava a uma reunião ou me dizia para os «medicar até ficarem meio entorpecidos». É claro que o irritava o facto de alguém como eu ter aparecido na ala dele com o intuito de ajudar pessoas. Esse mero impulso era uma ameaça à forma como assegurava o seu cargo. Médicos menos qualificados que precisassem efetivamente de trabalhar na ala dele, em vez de lá estarem por opção, podiam ser intimidados com ameaças ao emprego deles, mas as minhas qualificações punham-me longe do seu alcance, o que talvez tivesse humilhado aquele rufia com idade para ter juízo, talvez ainda mais do que o facto de alguém com qualificações semelhantes lhe ter passado à frente na corrida para o cargo de diretor clínico. E pensar que tentara fingir estar a ajudar-me querendo manter-me afastado do Joe... Tretas! O velho sacana estivera a tentar ajudar-se a si próprio.

Como se não bastasse, tudo isso levava-me a olhar para o suicídio da Nessie com outros olhos: aquela simpática senhora estaria decerto a par do que se passava. Como não, tendo sido enfermeira do Joe desde que ele era criança? Ele devia ser o mais parecido com um filho que ela alguma vez tivera, e, no entanto, ali estivera ela, forçada a torturá-lo com medicação, cativeiro e *gaslighting* durante mais de três décadas. Parecia-me legítimo, portanto, que não quisesse que ninguém trabalhasse com ele;

certamente estaria convencida de que era a única pessoa capaz de ser carinhosa com ele. E talvez a Dra. G. e o Dr. P. a tivessem deixado continuar porque achavam que não seria capaz de abandonar um hospital que fora a sua casa durante tanto tempo. Mas pelos vistos fora demasiado para ela, permitindo que os sentimentos de culpa a levassem ao suicídio. O que explicava o motivo por que avisava toda a gente, mesmo pessoas em quem confiava, para que se afastassem do Joe, para que não sofressem semelhantes sentimentos de culpa.

E tudo porque uma mulher cruel fora demasiado arrogante e ambiciosa para ser capaz de lidar com o facto de lhe ter sido atribuído um caso gorado como primeira missão.

Não obstante, em certa medida eu sentia-me aliviado. Tratava-se efetivamente de uma história de terror, mas pelo menos o monstro parecia ser humano. E, se a Dra. G. fosse o monstro que eu suspeitava que ela era, prometi a mim mesmo que, quando aquilo terminasse, cravaria uma estaca no seu coração.

---

<sup>1</sup> Gaslighting é uma manipulação psicológica, ou abuso emocional, em que se leva alguém a duvidar das suas próprias percepções. A expressão ficou conhecida graças ao filme *Meia Luz* (*Gaslight*, no original), de 1944, em que a protagonista, interpretada pela atriz Ingrid Bergman, é vítima desse tipo de manipulação por parte do marido, que por meio de mentiras e outras artimanhas a leva a duvidar da sua própria sanidade mental. [N. T.]

27 de março de 2008

Ora bem, se leram tudo o que escrevi até agora, não precisam que perca tempo a fazer um resumo do ponto em que nos encontramos. Sabem que ficámos na minha primeira sessão com um paciente supostamente incurável, tendo acabado por descobrir que afinal talvez fosse mentalmente são. Avancemos, então, e depressa.

Regressar ao hospital no dia seguinte foi, como devem imaginar, uma experiência algo tensa. Agora que começava a desconfiar que teria de desafiar abertamente a diretora clínica, no meu primeiro trabalho a sério ao fim de tantos anos de formação, muito do que antes fora rotineiro parecia-me sinistro. Estudei o comportamento dos vários terapeutas na nossa reunião matinal sobre os tratamentos dos pacientes. Reconsiderei cada nova prescrição que pensava passar, interrogando-me se poderia ser injustamente acusado por possíveis reações negativas. Observei os enfermeiros alternando-se nas respetivas tarefas.

Assim que comecei à procura de padrões, tornou-se penosamente óbvio que andava a ser seguido por dois auxiliares de ação médica, os titãs do hospital. Um deles, o Marvin, era uma criatura careca e pálida com pelo menos dois metros de altura, cuja farda hospitalar lhe ficava muito justa no peito largo e nos braços cobertos de tatuagens. O outro, o Hank, era um gigante negro com rastas que tinha tanto de largura como o Marvin tinha de altura, e parecia capaz de levantar duas vezes o seu peso sem sequer libertar uma gota de transpiração. Até uma pessoa pouco observadora teria dado por eles, mas para mim a presença constante deles tresandava a malevolência. Não que fossem

óbvios na sua vigilância. Não — tinham inteligência suficiente para passarem a imagem de estar a trabalhar sempre que eu os espiava, quer a verificar a ficha médica de um paciente quer a carregar montanhas de material para os respetivos armários. No início era apenas inquietante, mas ao longo dos dias que se seguiram dei por mim profundamente transtornado. A Dra. G. parecera recetiva em relação a eu assumir o Joe como paciente, pelo que colocar-me sob vigilância parecia contrariar isso mesmo, o que me fez desconfiar dela.

Ora bem, voltemos então ao meu tratamento para o Joe. A terapia psicodinâmica, ou psicoterapia, como lhe chamamos frequentemente, por norma envolve uma ou duas visitas por semana. Por essa altura estava ansioso para começar a trabalhar com ele e cobrir o máximo de historial possível no menor espaço de tempo. Tendo eu assumido mais trabalho do que o normal, tinha muita coisa para gerir, mas como estava a terminar o meu internato — toda a gente sabe que os médicos dormem pouco e trabalham muito nos primeiros anos de carreira —, estava decidido a aguentá-lo. Tudo isto para dizer que, no dia a seguir a ter ouvido as cassetes de áudio, estava de regresso ao quarto dele.

Fui dar com o Joe deitado em cima da cama, com um jogo de paciência meio acabado à frente. Tenho de admitir que fiquei aliviado ao ver isso. Se era tão mentalmente sã como alegava ser, teria sido cruel, até mesmo para o médico mais imoral, não lhe proporcionar alguma forma de entretenimento.

Olhou para mim com o mesmo sorriso enigmático que exibia no dia anterior.

— Ora viva, Doutor! — cumprimentou-me. — Que bom voltar avê-lo. Afinal, parece que não o assustei da primeira vez.

Esbocei um sorriso educado.

— Olá, Joe.

O Joe sentou-se com as pernas cruzadas em cima da cama e apontou para uma cadeira desdobrável encostada a um canto.

— Não fique em pé. Sente-se.

Fui buscar a cadeira e coloquei-a no centro da divisão, de frente

para o Joe, e depois instalei-me.

— Ontem à noite li a sua ficha médica completa.

— Ah, sim? — Ele arqueou as sobrancelhas. — E? Quão louco e perigoso dizem eles que sou?

— Acho que sabe bem a resposta a essa pergunta, Joe.

A expressão dele ficou sombria.

— Pois sei. A questão é: e o Doutor acredita?

— Ainda não sei no que acreditar. Posso dizer-lhe que os seus médicos anteriores não eram propriamente exemplos de eficiência médica, mas há muita coisa que não bate certo.

— Ah, sim? Pois eu tenho o dia todo — respondeu-me o Joe em voz baixa, antes de mudar algumas cartas de uma pilha para outra. — Porque não me faz as perguntas que lhe apetecer, Doutor?

— Está bem — retorqui. — Imaginemos que está a dizer a verdade. Imaginemos que está a ser mantido aqui apenas para que o hospital possa continuar a cobrar um valor chorudo aos seus pais. Tem a certeza de que eles não se importariam se tivessem conhecimento disso?

O Joe resfolegou.

— A certeza absoluta. Os meus pais são muito ricos e só quiseram saber de mim enquanto puderam fazer boa figura por eu ser um menino perfeito. Assim que perceberam que não era como eles, devem ter achado que o melhor seria trancarem-me aqui, só para evitar rumores dos vizinhos.

— Porque está tão certo disso? — perguntei-lhe. — Não será possível que simplesmente não saibam que está a ser mantido aqui como rendimento regular para o hospital? Que estejam convencidos de que precisa mesmo de ajuda?

O Joe soltou uma gargalhada desagradável.

— Não diga disparates, Doutor. Não quereriam saber, de qualquer maneira.

— Porque diz isso?

O Joe, novamente no processo de mudar cartas de uma pilha para outra, parou o que estava a fazer e lançou-me um olhar furioso. A voz dele soou normal; no entanto, cada sílaba

transbordava mágoa.

— Se os meus pais querem saber de mim, por que razão ainda não me visitaram?

Mantive uma expressão afável, para não o antagonizar ou parecer ter engolido o engodo.

— Toda a gente foi encorajada a manter-se longe de si, Joe, até os médicos. Não é difícil imaginar que possam acreditar nas coisas que lhes foram ditas.

— Ninguém lhes pede que apareçam aqui todos os Natais com uma camisola tricotada por eles. Mas porque é que nunca vieram espreitar à janela da minha porta uma única vez em quase 30 anos, caramba?! Ou porque é que nunca vieram ver quem está a acompanhar-me? Nenhum dos médicos que tive neste inferno alguma vez mencionou que eles tivessem perguntado por mim. Já perguntei diretamente às poucas pessoas que aqui entram, auxiliares e tal, e todos me disseram que ninguém de fora costuma vir à minha procura. Admita-o, Doutor, deixaram-me aqui a apodrecer. Querem lá saber onde estou! O que interessa é que não seja perto deles.

Não devo ter parecido suficientemente convincente, ou então tocara num ponto sensível, pois a frustração dele ganhou ímpeto.

— Vou contar-lhe uma história, Doutor — prosseguiu —, e perceberá como os meus pais são uns merdas sem coração. Quando tinha 5 anos, cerca de um ano antes de terem decidido livrar-se de mim, encontrei uma gata vadia no bosque da propriedade da minha família. Mas não era uma gata vadia qualquer. Era simpática e dócil, deixava-me fazer-lhe festas e até pegar-lhe ao colo. Chamei-lhe *Flor Fibra de Madeira*, ou *Fibra*, como diminutivo, porque o meu pai tinha feito fortuna na indústria dos têxteis e eu costumava ouvi-lo empregar a expressão «fibra de madeira». E ela era bonita, por isso chamar-lhe *Flor* também me parecia adequado. Era miúdo, entende, por isso misturar palavras era perfeitamente normal. Bem, entretanto, ela deixou de se esconder no bosque e começou a aparecer lá em casa, para me visitar. Eu deixava restos para ela,

de alimentos que não comia, e acabámos por estabelecer uma relação próxima. Isto é, até os meus pais terem descoberto. — Ele cerrou os punhos. — O meu pai era alérgico a gatos. E assim que descobriu que eu tinha trazido um para a nossa propriedade, ficou furioso. Tentei explicar-lhe que me portaria bem e que não permitiria que a gata o afetasse, que era uma gata boazinha e minha amiga, mas o meu pai não quis saber. Saiu de rompante da casa, em direção ao sítio onde a Fibra estava sentada. Ela estava acostumada a que as pessoas fossem carinhosas, por isso é claro que não fugiu. Mas quem me dera que o tivesse feito. Porque, assim que ele chegou perto dela, agarrou-a e pontapeou-a na direção da merda do bosque! E disse-me que, se eu voltasse a aproximar-me dela, faria o mesmo comigo. Depois espancou-me e trancou-me no meu quarto. Nunca mais a vi. — Ele fez uma pausa, baixando o olhar para as cartas. Então levantou a cabeça e fitou-me. — Ah, e deve estar a pensar onde é que estava a minha mãe enquanto eu gritava e chorava no jardim, enquanto levava com o cinto nas costas despidas.

Ele calou-se. Fosse por que fosse a sua hesitação, parecia pouco à vontade com o que estava prestes a partilhar.

— A minha mãe estava a dizer ao meu pai para parar porque, e cito: «Os vizinhos podem ouvir.» E o meu pai virou-se a ela. «Os vizinhos podem ouvir?! O Joseph trouxe um gato para a nossa propriedade, Martha. A merda de um gato! Sabes como fico perto deles. Queres que eu morra, Martha? Queres que morra para que os vizinhos não comentem, é?!» Então deu-lhe uma bofetada com tanta força que ela caiu ao chão. Depois disso ela nunca mais lhe fez frente. E embora eu tivesse levado uma valente tareia, vê-la com um olho inchado e negro durante toda a semana que se seguiu foi muito pior. Sempre que penso por que motivo estarei aqui, lembro-me dela com o olho negro. Acredito que me culpou por isso e, sinceramente, acho que também me culpo por ter sido tão burro. Ainda sonho com ela a olhar furiosamente para mim com o olho todo negro e, às vezes, quando acordo, penso que o facto de estar aqui é castigo por ter feito a minha mãe passar por

aquilo. Sei que é um disparate pensar isso, mas quando somos miúdos, ansiosos por sermos amados, acreditamos que tudo é culpa nossa se isso fizer com que os nossos pais voltem a amar-nos. Infelizmente, no meu caso, isso é impossível.

A história deu-me a volta ao estômago. Mantive os olhos fixos nele e disse-lhe:

— Eu acredito em si.

E nesse momento a expressão do Joe alterou-se de uma maneira surpreendente; olhou-me diretamente e esboçou um sorriso que irradiava alívio.

3 de abril de 2008

Não me levem a mal, mas nunca vi tantos comentários que, simultaneamente, me chamam burro e me suplicam para dar mais informação. Sinais contraditórios, hum? Não, eu percebo. Esta história é absolutamente cinematográfica, e penso que os vossos comentários sobre o meu discernimento apenas refletem quão embrenhados estão na história. Fazem-me lembrar o público de um filme de terror, gritando à ama para não descer à cave! Bem, infelizmente o que está feito feito está. Eis o que se passou a seguir.

A compaixão que sentia pelo Joe após ter ouvido essa história de partir o coração permaneceu comigo muito depois de ter saído do quarto dele, nesse fatídico segundo dia das nossas interações. Aliás, afetou permanentemente a forma como passei a relacionar-me com o meu trabalho. Enquanto antes vira a minha decisão de trabalhar no HEC como uma mera tentativa abstrata de salvar pacientes que eram considerados descartáveis, como acontecera com a minha mãe, agora a minha decisão de ficar tornara-se profundamente pessoal. O Joe precisava de mim, quer para provar que ele era mentalmente são, como eu achava que era o caso, quer para arrancar quaisquer vestígios de insanidade latente que se tivessem alojado no cérebro desse pária solitário e maltratado. Sim, até mesmo o médico mais complacente tem o dever de encarar as palavras dos pacientes mentais com algum ceticismo, mas a clareza e sinceridade emocional da descrição do Joe sobre o incidente com a *Flor Fibra de Madeira*, a gata, sugeria que se tratava ou de uma ilusão incrivelmente bem construída — o que não a impedia de ter alguma ligação subtil com a realidade

— ou de uma recordação genuína. De qualquer maneira, encarei-a como uma pista que talvez me ajudasse a começar a sondar as profundezas da mente do Joe.

Além do mais, a história proporcionou-me uma estratégia para o mês que passaria a avaliar o Joe e a determinar se acreditava ou não na referida narrativa. Mesmo que não conseguisse tratar os distúrbios fantásticos atribuídos a ele na ficha médica, ele tinha outros problemas que eu poderia tentar solucionar. Estava claramente com uma depressão, por exemplo — e justificadamente —, e os maus-tratos por parte dos pais, para não falar no que mais poderá ter acontecido, tinham claramente levado a que não conseguisse confiar em ninguém.

Isso obrigava-me a consultar novamente os registos médicos dele, se bem que com uma perspetiva mais cética. Embora a maior parte me parecesse agora uma invenção, reparei em pormenores que a pessoa que fizera esses registos não se dera ao trabalho de disfarçar. Talvez mais importante ainda fosse o facto de o Joe ter sido internado pelos seus progenitores, o que significava que, teoricamente, uma vez que ele agora tinha mais de 18 anos, poderia ir-se embora quando assim o desejasse. Resolvi abordar essa questão no nosso encontro seguinte.

Um erro colossal.

— Por que razão não se vai simplesmente embora daqui? — perguntei, enquanto eu e o Joe jogávamos às cartas no quarto dele, durante a nossa segunda semana de sessões. — Se os seus pais realmente não se importam onde está, porque não ir-se embora? É considerado um internamento voluntário, e já é legalmente maior de idade. Pode ir-se embora, mesmo contra a opinião médica.

— O Doutor leu mesmo a minha ficha médica? — perguntou, com brandura. A temperatura na divisão pareceu subitamente ártica.

— Sim. Toda. Porque é que...

— Então porque me faz uma pergunta para a qual já sabe a resposta?

— Eu... eu não... — respondi, calmamente. — Joe, se há alguma

coisa que o mantém aqui, não tenho conhecimento do que se trata.

Ele suspirou profundamente.

— Tenho tentado sair daqui desde que fiz 18 anos. Mas quem é que me deixaria sair se visse o que está escrito na minha ficha médica? Dantes enviam um médico novo de dois em dois anos, só para manter o truque a funcionar, e, quando os médicos ficavam muito assustados, começavam a inventar porcarias. Merda! Pastilha elástica, por favor.

Eu passara a levar pastilhas elásticas comigo, pois já estava à espera de que o Joe mas pedisse sempre que nos encontrávamos.

Saquei de uma pastilha e observei-o a mascá-la furiosamente. Parecendo ficar um pouco mais calmo, continuou:

— A determinada altura, quase me convenci de que talvez viesse a sair, quando a Nessie me trazia os meus medicamentos todas as noites.

Fitei-o.

— A Nessie? — indaguei, a minha boca seca. — O que tem a Nessie que ver com isto?

O olhar que ele me lançou estava carregado de compaixão.

— Com que então conhecia a Nessie — disse-me ele, com tristeza. — Bem, então diga-me uma coisa, Doutor: a Nessie parecia-lhe ser uma boa carcereira?

Não precisei de pensar no assunto. Abanei a cabeça. Ele esboçou um sorriso de pesar.

— Pois, tem toda a razão. Não era mesmo — respondeu-me. — Sabia o que eles andavam a fazer e isso andava a dar cabo dela. Por outro lado, eu sabia que não a podiam despedir, e ela também não queria ir-se embora. E foi por ela ser tão ligada a este hospital que não consegui que aceitasse dar com a língua dos dentes. Isto é, até à última noite em que a vi. O Doutor sabe, a noite em que ela «se suicidou»?

— Está a insinuar que...

— Que a mataram por causa disso? Não, não estou — retorquiu ele. — Porque jamais o poderia provar, mesmo que o estivesse a

insinuar. A verdade é que, se tinha alguma esperança de sair daqui, morreu pouco antes de o Doutor ter chegado.

O lado psiquiatra do meu cérebro gritava-me que aquilo era certamente resultado do isolamento do Joe, que talvez o tornara paranoico, delirante até, com a perspetiva de escapar dali. Se fosse outro paciente qualquer, seria exatamente o que concluiria, e jamais teria perdido uma única noite de sono por isso. Mas aquele caso era tão estranho que essa explicação me parecia insuficiente, de uma maneira quase risível. O Joe parecia tão lúcido em relação a tudo que era muito difícil imaginar um delírio desses soterrado sob aquela fachada. Além do mais, se se tratava de um delírio, como explicar a morte da Nessie? Eu vira-a pouco antes de morrer. Parecera-me cansada e pouco segura de si, é um facto, mas isso estava muito longe de ideações suicidas. E, fosse como fosse, na hipótese de o Joe não estar paranoico, isso iria muito além do campo da negligência médica; tratava-se de uma grave conspiração criminosa. Eu tinha receio do que poderia acontecer caso tentasse intervir, mas estava ainda mais decidido a não compactuar com a situação. O tempo que passara a tratar do Joe levara a que me preocupasse com o bem-estar dele, tanto como o de qualquer outro paciente, se não ainda mais.

Apesar de tudo, parecia-me um caso completamente perdido pensar que poderia fazer alguma coisa sem transgredir a lei. Se recorresse às autoridades — à polícia ou à Ordem dos Médicos —, o mais certo seria acabar internado por alegar que uma história de doença mental com 30 anos era fruto de uma conspiração deveras elaborada, e tudo com base na palavra de um doente mental com uma lista aterrorizadora de pacientes e pessoal médico ferido, suicida ou morto na sua ficha clínica. Se me despedisse, como forma de protesto, apenas deixaria o Joe à mercê de alguém com menos escrúpulos do que eu. E tinha a certeza absoluta de que de modo algum me tornaria um participante ativo nesse tratamento desprezivelmente cruel de um ser humano. Tornara-me médico para travar precisamente esse tipo de coisas. Eu podia, claro, continuar a tratar o Joe como trataria um paciente normal, tentando ser tão carinhoso com ele

como imaginava que a Nessie tivesse sido e dando o meu melhor para que o cativeiro continuado dele fosse o mais agradável possível. Mas mesmo esse tipo de participação passiva incomodava-me. Quantas pessoas teriam rationalizado a cumplicidade no tratamento cruel de outros pacientes «problemáticos», pacientes como a minha mãe, graças ao engodo de um ordenado no final do mês e uma relutância em levantar ondas?

A situação do Joe, no geral, parecia-me errada, e as minhas opções tinham passado de más a piores.

Havia apenas uma coisa a fazer. Teria de arranjar uma maneira de o tirar de lá às escondidas. Disse a mim mesmo que, se a tentativa falhasse, teria de esperar que o pior que me fizessem fosse despedirem-me. É claro que poderia ficar sem a minha licença para exercer medicina caso apresentassem queixa contra mim, mas, se a Dra. G. fosse vingativa a ponto de o fazer, pelo menos poderia tentar expor o esquema deles antes de ela se poder safar, uma vez que não teria nada a perder. E, sim, sei o que estão a pensar, tendo em conta o que aconteceu à Nessie. Era possível que eles pudessem fazer pior, mas certamente eu arranjaria maneira de me proteger...

Mas e se eu fosse bem-sucedido? Bem, teria introduzido um paciente algo paranoico mas essencialmente estável na sociedade e poderia continuar a trabalhar no hospital com a consciência tranquila, sabendo que a conspiração chegara ao fim.

Antes de fazer fosse o que fosse, decidi consultar a Jocelyn. Se algo corresse mal, afetaria a nossa vida em comum, o que significava que teria impacto na vida dela também. Interrogou-me sobre quanto seguro estava de que o Joe não representava um perigo para ninguém. Depois perguntou-me se confiava em mim próprio. Não sabia bem o que lhe responder; a pergunta apanhara-me de surpresa. Então, ela disse-me:

«Se não confias em ti próprio, como podes esperar que alguém, sejam os teus pacientes, sejam os teus colegas ou mesmo eu, confie?»

E pronto. Um mês depois de ter obtido acesso ao paciente que eu tivera a certeza de que favoreceria a minha carreira quando descobrisse a sua doença até então por diagnosticar, ali estava eu prestes a destruir essa mesma carreira deixando-o à solta.

Não que libertar um paciente de um hospital psiquiátrico, ainda por cima daquele hospital, fosse uma tarefa fácil. As câmaras de segurança eram algo ubíquas nas instalações, e o pessoal mantinha debaixo de olho todos os que tinham a chave de qualquer ala ou quarto isolados. Se o queria fazer e ao mesmo tempo tentar proteger-me, teria de fazer com que parecesse um acidente.

O meu plano apenas resultaria se o hospital estivesse a funcionar com uma equipa reduzida, pelo que optei por trabalhar até tarde nas semanas que precederam a minha tentativa. Isso dar-me-ia uma ideia de quem se encontrava presente no hospital fora de horas, e, mais importante ainda, ninguém acharia estranho ver-me no hospital àquela hora. E, como eu aceitara assumir mais trabalho após a morte da Nessie, precisava de passar tempo no hospital.

Quanto ao plano em si, consistia em deixar a minha bata de trabalho (e chaves) no quarto do Joe, supostamente sem querer, e depois desencadear, também sem querer, um alarme de incêndio, o que faria com que a maioria dos funcionários evacuasse o hospital, desimpedindo o caminho para a fuga do Joe. Certifiquei-me também de que o Joe sabia como sair dali colocando um mapa do hospital, com todas as saídas de emergência menos utilizadas assinaladas, dentro de uma embalagem de pastilhas elásticas que depois lhe dei.

Em retrospectiva, era um plano talhado ao insucesso, e o próprio Joe mo disse quando o partilhei com ele.

— Doutor, é mais louco do que eu — declarou, com o seu sorriso característico. — Se esse plano resultar, eu sou o Rato Mickey.

— Vai resultar — respondi-lhe. — O pessoal aqui é preguiçoso. O Joe não tem um historial de tentativas de fuga e ninguém está a contar que o ajudem a fazê-lo. Não depois do que aconteceu à Nessie.

Ele abanou a cabeça, num gesto fatalista, mas o brilho no seu olhar dizia-me que talvez lhe tivesse proporcionado a sua primeira esperança desde que fora internado.

— Bem, seja como for, é melhor não começar já a planejar viagens — respondeu-me, num tom irónico. — Mas, se me apanharem e me voltarem a enfiar aqui dentro, não direi a ninguém que a ideia foi sua. Ah... e Doutor? Deus lhe pague por tentar. Se isto resultar, jamais me esquecerei de que é a si que devo uma vida de liberdade.

E pronto. Já só faltava pôr o plano em prática. Ali estava eu, três semanas depois, ligeiramente nauseado tal era a ansiedade que sentia, as palmas das mãos transpiradas, a descer o corredor na direção do quarto do Joe. O murmúrio ténue do balbuciar dos pacientes que eu sabia serem loucos parecia um espelho demente dos meus próprios pensamentos dispersos.

Se eu fosse apanhado, ou ele, limitar-se-iam a despedir-me?

Ou fariam de mim um exemplo para todas as pessoas que estavam a par do segredo, ou que investigavam demasiado a história do Joe?

Talvez a morte da Nessie não tivesse sido clara o suficiente.

Talvez precisassem realmente de enviar uma mensagem a todos os que pudessem ter dúvidas.

Eu conhecera a Dra. G., afinal de contas, e não me parecera o tipo de pessoa que deixasse alguma ponta solta.

Não precisava mesmo de ir com aquilo avante, pois não?

Podia dar meia-volta e afastar-me.

Deveria dar meia-volta e afastar-me. Tinha uma noiva. Tinha uma vida pela frente. Aquilo não era da minha conta. Não precisava mesmo de ir com aquilo avante, pois não?

Mas não, sabia que tinha de o fazer. Era o mais correto, e não tencionava ser cúmplice do que, em suma, era rapto e homicídio só porque estava com medo por mim. Além do mais, havia muito pouco pessoal, e, quando o alarme de incêndios fosse finalmente acionado, não haveria ninguém por perto para impedir o Joe de fugir. O meu plano estava perto de ser infalível. Iria correr bem.

Assim que alcancei a porta do quarto do Joe, ouvi o som de passos pesados e, quando me virei, vi o Hank, o auxiliar de ação médica, a descer calmamente o corredor com uma série de lençóis nos braços.

Merda. E se ele soubesse o que eu estava a fazer? Não, era impossível. De modo algum se sabia. Só precisava de permanecer no quarto do Joe até o Hank se afastar do corredor. Talvez conseguisse ouvir-lhe os passos através da porta do Joe. Iria correr bem. Iria correr tudo bem.

Concentrei-me em manter a minha respiração controlada. Não seria benéfico para ninguém se parecesse ansioso. Então, rodei a chave na fechadura do quarto do Joe, entrei, fechei cautelosamente a porta atrás de mim e virei-me para o encarar. Estava virado de costas para mim, a olhar pela janela, e mal lhe prestei atenção enquanto despia urgentemente a minha bata de trabalho. Depois pousei-a em cima da cama dele, sentei-me e tentei escutar os passos do Hank.

— Doutor?

Virei-me e vi o Joe a olhar para mim. O seu olhar exibia uma expressão sôfrega e ansiosa, qual esfomeado que sabe que está prestes a desfrutar de um banquete e mal consegue esperar.

Arquei as sobrancelhas.

— Sim, Joe?

— Obrigado — disse o Joe num sussurro rouco. — É exatamente disto que eu preciso.

O comentário dele pareceu-me um pouco estranho, mas desvalorizei-o. Sorri-lhe.

— De nada.

E, dito isso, abri a porta e saí para o corredor. Estava prestes a virar-me para fechar a porta atrás de mim quando, de repente, um par de mãos grandes como luvas de basebol me agarrou os ombros.

— Não se esqueceu de nada, Parker? — soou a voz grave do Hank junto à porta. Fiquei paralisado, a minha mente a trabalhar a 100 à hora. O auxiliar deu uma risada junto ao meu ouvido. — Faz

grandes borradas, para um puto tão inteligente.

Então, atrás de mim, o Dr. P. disse, num tom grave:

— Ora então boa noite, *menino-prodígio*.

Oh, *merda*.

— Ena! Deve ser a primeira vez que fica sem fala. — O Dr. P. emergiu de trás do Hank, exultante, o seu rosto esboçando um sorriso macabro. Inclinou-se para mim, o suficiente para eu sentir o cheiro a whisky no hálito dele.

— Vou mandar alguém ir buscar a sua bata de trabalho ao quarto, mas quanto a nós os dois... vamos ter uma conversazinha com a Dra. G. e vai contar-lhe tudo o que planeava fazer esta noite com o seu mais recente paciente.

Ao ouvir aquelas palavras, comecei a tentar libertar-me do aperto do Hank, mas era como se me debatesse com barras de ferro.

— Largue-me! — Mantive a voz baixa. — Não sei o que lhe contaram, Hank, mas não está a perceber. Eles têm um homem mentalmente são trancado ali dentro! E dá tanto dinheiro a ganhar ao hospital que ninguém quer saber se é são ou não! É possível que ela tenha matado a Nessie para abafar o segredo, Hank. Largue-me e vá lá falar com ele, que logo verá. Juro-lhe que vai perceber.

O Dr. P. soltou uma risada trocista. O Hank não o imitou, mas também não afrouxou o aperto.

— Sim, ela avisou-nos que diria algo do género. Lamento, miúdo. Não pode ser.

O peso bruto do meu fracasso acometeu-me de repente, além de que já estava enervadíssimo por ir fazer algo que sabia ser ilícito. Estava a tentar reprimir um rugido de frustração quando ouvi algo que me apavorou.

No interior do quarto do Joe, alguém estava a rir-se. Mas não era o Joe; não podia ser. Não parecia humano sequer. Em vez disso, o som que emergia do quarto era uma risada arfada, húmida e sepulcral que soava como se viesse de uma garganta em putrefação. Era uma voz que eu já ouvira antes, a mesma risada

que ecoara da fétida poça de sangue e urina do meu pesadelo, arrastando a minha mãe para as profundezas da mesma.

Senti um calafrio da cabeça aos pés, mas nem o Hank nem o Dr. P. reagiram. Não conseguia dizer se a teriam ouvido também, e não tive a presença de espírito para lhes perguntar. Limitei-me a fitar a porta do quarto do Joe, enquanto o Hank começava a arrastar-me dali para fora, com aquele som rouco a pesadelo a ecoar no corredor e no meu cérebro.

10 de abril de 2008

Esta parte da história é aquela em que as coisas começam a ficar mesmo complicadas, e, sinceramente, seria muito mais fácil ficarmos por aqui. Porém, de certa forma, pôr tudo isto por escrito é um pouco como sugar o veneno do meu organismo, ainda que vários anos depois. Mas não vos vou maçar com a minha angústia.

O Dr. P. vangloriou-se durante todo o percurso até ao último andar e ao gabinete da diretora clínica.

— Topei-o assim que o contrataram. Quando ouvi dizer que iam trazer um espertalhaço da Ivy League para integrar a minha equipa, percebi logo que vinham aí chatices. Disse-lhe que estava tudo bem, para ela não lixar as coisas contratando um médico sabichão ainda de fraldas. Mas não, tinha de o fazer como um favor a um amigo de longa data. E pensar que até estava a fazer um bom trabalho com os outros pacientes... Caramba, vocês, rapazolas presunçosos, julgam sempre que são os maiores, e ela até esperava que conseguisse sacar alguma coisa ao Joe. Mas agora vai ficar mesmo desiludida... Eu avisei-o, seu filho da mãe! Não se esqueça disso. Se me tivesse dado ouvidos, a esta hora ainda seria o menino de ouro. Mas tinha de meter o bedelho numa coisa que não comprehende, não é? Raios! Seu franganote arrogante! Seu...

A sério, aquela palestra durou os dez minutos que levámos a chegar ao gabinete da Dra. G.

Eu não fazia ideia do que iria acontecer-me, e não percebia o que tinha corrido mal. Mas também sentia algum alívio por ter sido apanhado, tendo em conta que mentiras e subterfúgios não

eram exatamente os meus objetivos profissionais, mas sentia-me angustiado com o facto de o Joe continuar preso. Por outro lado... Que raio fora aquilo que eu ouvira vindo do interior do quarto do Joe? Revi mentalmente todas as coisas que o Joe dissera, depois todos os avisos da Dra. G. sobre a loucura dele ser contagiosa, interrogando-me sobre o que seria verdade. Ou teriam estado todos a mentir-me?

Sentira aquela risada profana nos meus ossos. Os meus receios de ser apanhado ter-me-iam feito perder o juízo? Senão, e se eu era mentalmente são, como é que o Joe conseguira imitar a risada do meu pior pesadelo de infância?

Os meus pensamentos confusos e agitados foram interrompidos quando o Hank escancarou a porta do gabinete da Dra. G. e me empurrou para o interior, sem dizer uma palavra. O meu nariz quase estabeleceu contacto com a alcatifa quando caí para a frente, e demorei uns instantes a equilibrar-me e a concentrar-me nas pessoas presentes na sala.

Sim, pessoas. A Dra. G. estava lá, claro, de pé em frente à secretária e fitando-me com uma expressão tão furiosa que me fez lembrar um falcão a contemplar uma carcaça putrefacta, tentando decidir se valeria a pena comê-la ou não. Mas, sentado atrás dela, na primorosa cadeira de couro por norma reservada ao diretor clínico, encontrava-se um homem de idade com um aspetto muito enrugado e cansado, envergando um blazer desportivo e fitando-me com um olhar duro por cima de uns óculos prateados muito antigos. Não fazia a mais pequena ideia de quem seria o desconhecido, mas, se a Dra. G. autorizara a que se sentasse na sua poltrona, então era certamente alguém importante. Parecia demasiado velho para ser um detetive à paisana, uma vez que o rosto engelhado e o cabelo grisalho e ralo o denunciavam como sendo um homem com mais de 70 ou 80 anos. Mas quem poderia ser?

A Dra. G. virou-se para o Hank e para o Dr. P., que felizmente fechara a matraca, embora ainda exibisse um ar jubilante, e disse-lhes:

— Obrigada, meus senhores. Agora o assunto é comigo. —

Então, aproximou-se e fechou calmamente a porta atrás deles.

O homem de idade aclarou a garganta e depois falou com uma pronúncia da Nova Inglaterra algo aristocrática que me pareceu estranhamente familiar, apesar de não a conseguir associar a nada.

— Portanto, este é o mais recente, Rose?

A Dra. G. não lhe respondeu, limitando-se a acenar com a cabeça. O gesto pareceu-me descabido, e de imediato percebi porquê. A expressão dela ao inclinar a cabeça não possuía a brusquidão ou a altivez que demonstrara para comigo. Em vez disso, revelava deferência. Pouco preocupado com o motivo e aliviado por lhe ter percebido uma fragilidade, pus-me em pé e espetei o dedo na direção dela, num gesto acusatório.

— Não sei se tencia despedir-me ou algo pior, mas, antes de o fazer, quero o raio de uma...

— Parker — começou por dizer a Dra. G., mas eu continuei a falar por cima dela:

— ... resposta! Julgava que podia enganar-me em relação a um paciente e que eu o aceitaria sem barafustar? Aquela treta toda na ficha médica do Joe é só para o manter aqui?

— Parker...

— E mesmo que não seja... Por que razão enviou dois rufias para me vigiarem se não tinha nada a esconder? Porque é que mandou um deles arrastar-me até aqui como se fosse um prisioneiro? E até que ponto tem andado a vigiar-me, se sabia o que eu...

— PARKER!

A voz incandescente da Dra. G. aqueceu a divisão, e eu calei-me, quase instintivamente. O homem de idade sentado à secretária deu uma gargalhada.

— Este é dos refilões... Faz-me lembrar alguém, Rose — disse ele.

A expressão angustiada da Dra. G. deu-me algum alento, ainda que momentâneo.

— E outra coisa: quem raio é...

— Parker, vai calar-se e vai sentar-se de imediato, antes que diga alguma coisa de que ambos nos arrependamos. — A Dra. G.

era pouco mais alta do que eu, mas o seu ar agressivo e postura firme e hirta faziam-na parecer mil vezes mais alta. Sem querer abusar da pouca sorte que ainda me poderia restar, procurei a cadeira mais próxima e sentei-me de imediato. Ela exalou lentamente e recostou-se na cadeira. — Ora bem, antes de continuarmos, vamos já deixar uma coisa bem clara, Parker: não faço qualquer tenção de o magoar. E apesar de o Parker ter abusado imenso da sorte, também não o irei despedir. — Fiquei boquiaberto. Ela riu-se. — Estou a ver que não tem nada para dizer. Ótimo. Mantenha-se assim, pois até agora ainda não disse nada que sugira que tenha feito alguma coisa de errado e, como tal, o que quer que talvez estivesse a planear fazer no quarto do Joe esta noite será prontamente ignorado por ambos. — Lançou-me um olhar intenso antes de continuar: — Ora bem, para responder às suas perguntas explícitas e implícitas: mandei os meus auxiliares vigiá-lo porque tem sido esse o procedimento para todos os médicos do Joe desde 1973. Por norma, mandamos vigiar somente durante umas semanas, mas a reação que teve depois da sua primeira sessão com ele persuadiu-me a mantê-lo sob uma vigilância mais constante.

Ia para fazer uma pergunta, mas ela ergueu a mão no ar num gesto tão repentino que fechei logo a boca.

— Primeiro — prosseguiu —, passou o dobro do tempo de qualquer outra pessoa no quarto do Joe na primeira sessão. Segundo, não parecia propriamente assustado, mas sim constrangido e pouco seguro, o que não indicava que tivesse tido a mesma experiência que os outros médicos dele. Aliás, quanto mais o vigiávamos, menos se assemelhava aos outros médicos. Para já, voltava constantemente para sessões sempre longas, e às vezes parecia feliz ou aliviado quando saía de lá. Não fazia qualquer sentido para os auxiliares ou mesmo para mim. Por isso, fiz o que qualquer médico faz quando confrontado com um mistério. Pedi uma segunda opinião.

— E é aí que entro eu — disse o homem de idade.

— Já lá vamos. — A Dra. G. lançou um olhar reprovador ao

velhote, por cima do ombro. Em seguida, virou-se novamente para mim. — Presumo que esta seja uma boa altura para vos apresentar. Parker, apresento-lhe o Dr. Thomas A., o primeiro homem a tratar o Joe e o meu primeiro mentor de psiquiatria.

De súbito, percebi o motivo por que reconheceria a voz dele. Tratava-se de uma versão mais velha e rouca da voz que ouvira na cassete de áudio da primeira sessão do Joe. Quase me custava a acreditar. Se o Dr. A. ainda era vivo, devia ser bastante idoso. Ainda assim, parecia lúcido, astuto. Até no olhar.

Depois de me observar por breves instantes, o homem cumprimentou-me com um aceno de cabeça.

— É um prazer, Parker. Embora não possa dizer que esteja tão impressionado consigo como gostaria. Inclusivamente, talvez lhe caiba a distinção de ser o maior fracasso médico que o Joe alguma vez teve, tendo em conta o que aparentemente o apanhámos a tentar fazer. — As palavras caíram como ácido despejado sobre uma ferida aberta. E com uma crueldade transmitida com uma frieza deveras impessoal. A minha expressão deve ter revelado o meu desânimo, pois o homem de idade olhou-me com um ar ainda mais severo. — Estou a ver que não está acostumado a que lhe digam que é um palerma — disse-me ele. — Pois, mas é-o, e felizmente é um palerma previsível. Caso contrário, a sua idiotice poderia ter causado danos graves. E agora deve querer saber como é que descobrimos. A Rose disse-me que o seu maior receio é não conseguir salvar alguém que ama. Também me disse que não havia aqui ninguém, além da Nessie, com quem o Parker se preocupasse e que as pessoas que lhe eram queridas estavam muito longe do alcance de qualquer paciente trancado neste hospital. Era por demais evidente que o Joe iria torturá-lo fazendo com que passasse a preocupar-se com ele e depois levando-o a fracassar no seu salvamento. — Em seguida, virou-se para a Dra. G. — Não a culpo por não o ter visto logo, Rose. Foi vítima de um truque muito semelhante, se bem me recordo. — A Dra. G. ficou muito corada, o que fez o Dr. A. revirar os olhos. — Sim, eu sei, detesta que lhe esfreguem a sua palermice na cara, tanto como aqui este rapazeco, mas era jovem.

Isso depois passou-lhe. — Então virou-se novamente para mim. — Que é o que tem de acontecer consigo, e rapidamente, Parker, depois do seu espetáculo desta noite. Tal como o Bruce P., por mim também o teria despedido. O homem é um labrego, mas sabe bem como proteger esta instituição. Felizmente para si, a Rose tem a sua inteligência em grande conta e acha que talvez nos consiga ajudar a decifrar aquela praga mental ambulante a que chamamos paciente.

— Já chega, Thomas — disse a Dra. G. — Não quero que o desgraçado do rapaz desista já, e o Thomas está a exibir-se. Além de que há muito mais a aprender com esta lição. Parker, tenho-me referido ao que planeava fazer da forma mais vaga possível a bem da negação plausível. Temos apenas uma pessoa que alega tê-lo ouvido confessar as suas intenções e, tendo em conta de quem se trata, podemos desvalorizá-la desde que o Parker não diga nada explicitamente confessional. Ora bem, vou dizer-lhe quem é a nossa testemunha, mas, antes de o fazer, tem de me prometer que não dirá nenhuma parvoíce que confirme a acusação. Combinado? — Eu estava completamente atónito, mas anuí lentamente com a cabeça. Nessa altura ainda estava a recuperar do alívio e gratidão que sentia em relação a ela, por fazer um esforço tão grande para me ajudar a manter o emprego. — Ótimo. Parker, trouxemo-lo aqui porque um dos auxiliares do Joe nos contou que lhe tinham dito que o Parker planeava ajudar o Joe a fugir do hospital. A pessoa que lhe contou foi o próprio Joe.

Mesmo que quisesse confessar, não o teria conseguido fazer. Aquela informação deixou-me sem fala; a minha coluna parecia feita de gelo; a minha boca estava seca; e tinha a sensação de que vomitaria se tentasse falar. Vendo a minha expressão, a Dra. G. abriu uma gaveta na secretária, de onde tirou uma garrafa de whisky e um copo de cristal. Serviu uma quantidade generosa e estendeu o copo na minha direção.

— Parece estar a precisar. Vá lá — instou ela. — É por indicação médica.

Não obstante as voltas do meu estômago, obedeci. A princípio

fiquei agoniado, mas depois uma dormência quente estendeu-se-me ao cérebro e senti os músculos a relaxarem ligeiramente. Era um alívio agradável, depois do que acabara de ouvir. A Dra. G. olhou-me com uma expressão compreensiva. O Dr. A., porém, continuava visivelmente carrancudo.

— Rose, este miserável não precisa de ser reconfortado. Ele precisa é de ser interrogado. Deve ter passado mais tempo a conversar com o Joe do que a maioria dos outros. Tem de nos dizer o que aconteceu com o Joe durante as sessões deles.

Talvez fosse do choque do que acabara de ouvir, ou talvez fosse a minha fúria à procura de um escape novo após ter sido privada de tudo o que a motivara, ou talvez fosse do whisky, mas passei-me da cabeça. Estava farto de que se referissem a mim com tanto desdém, como uma criança malcomportada que nem sequer estivesse presente na sala. Estava saturado daquele bombardeamento de revelações, sem uma hipótese de as tentar processar. Mas algumas coisas tinham começado a fazer sentido na minha mente, e, acima de tudo, sentia-me agoniado perante a ideia de ter sido levado a falhar.

Lancei um olhar furioso ao Dr. A., carregado de um desprezo suficiente para superar mil vezes a sua expressão fria e desdenhosa.

— Nem pense, velhote. Tanto quanto me é dado a entender, o senhor e a sua «aluna» fizeram-me chocar de frente com alguém que sabiam perfeitamente que iria fazer-me mal e nem sequer me avisaram de antemão. A ideia nunca foi eu curá-lo, pois não? Não passei de uma cobaia, porque queriam ver o que ele me faria. Pois bem, para mim chega. Se querem saber o que descobri nas minhas conversas com ele, terão de me pôr ao corrente de tudo o que sabem. Tudo. Desde a razão por que ela tentou suicidar-se, ou porque é que o senhor deixou de o tratar já naquela altura, ou porque continuaram a pôr em risco pacientes vulneráveis muito depois de saberem do que ele era capaz.

O Dr. A. permaneceu imperturbável, embora me parecesse que todo o ar de genialidade que tentara assumir antes se tivesse esfumado assim que acabei de falar. Esse efeito ter-me-ia

vergado não estivesse eu tão cheio de uma fúria justificada. Sentira-me qual animal pequeno a olhar para um predador quando encarara a Dra. G., mas suster o olhar gélido e sem vida daquele idoso corcovado era como nem sequer ser reconhecido como ser vivo. Mais como uma estatística que tinha o descaramento de responder. Mas não recuei. Encarei o olhar dele durante uns longos e terríveis instantes, até que, por fim, ele tornou a recostar-se na cadeira e resfolegou de irritação.

— Bem, talvez não venha mal ao mundo se lhe disponibilizarmos um pouco mais de informação — respondeu-me. — Deus sabe que não tenho nada que fazer esta noite. Ainda assim, quero que comprehenda uma coisa, Parker. Se quer ouvir todos os pormenores, então terá de começar por aceitar o seguinte facto: não há como curar aquele horror que vive lá em baixo. Apenas o podemos conter.

— Sou o médico dele — respondi-lhe. — Eu é que decidirei isso.

— Imagino que sim — replicou, em surdina. — Mas, à semelhança do que aconteceu mais cedo esta noite, está enganado num ponto muito importante: você não é o médico dele. É, e sempre foi, uma ferramenta para sacar informação dele. O médico dele sou eu, e carrego essa cruz desde o dia em que ele deu entrada neste hospital. Consumiu a minha carreira e irá consumir a minha reforma. É o trabalho da minha vida. E seria o trabalho da vida da Rose quando eu já cá não estivesse, só que não tenciono deixá-lo por resolver até lá. Você não comprehende e jamais compreenderá o que significa ser a única pessoa entre o Joe e um mundo que não é capaz de o compreender, ou sequer de lhe resistir. Portanto, mais educação comigo daqui para a frente; caso contrário, irá para o olho da rua.

A raiva tentou-me a responder-lhe, mas uma parte de mim sabia que seria uma péssima ideia. Aquela era a única cedência que eu conseguia sacar daquele homem amargo e orgulhoso, e era mais do que tinha o direito de esperar. Como tal, abafando a minha frustração, respondi com o aceno de cabeça mais deferente que consegui exteriorizar. Ele pareceu ficar satisfeito.

— Muito bem, então — continuou. — Rose, porque não lhe fala

sobre o último profissional inteligente e voluntarioso que tentou tratar o nosso monstrinho de estimação?

Ergui o olhar para a Dra. G. e, para minha surpresa, ela não estava a olhar para mim com o ar reservado que exibia antes. Em vez disso, os olhos dela estavam carregados de tristeza e compaixão.

— Peço imensa desculpa — sussurrou, para que só eu a ouvisse. Então começou a falar na voz clara e direta de uma cientista apresentando as suas descobertas. — Quando comecei a tratar o Joe, ele tinha apenas 6 anos e fora admitido no hospital pouco menos de um mês antes de me ter sido destacado. Nessa altura, como pôde verificar nos meus apontamentos, a minha teoria era simples: demonstrava sinais de transtorno de personalidade sádica e de sociopatia como resultado de um transtorno de stress pós-traumático causado por vários anos de terrores noturnos não tratados, que tinham sido bem-sucedidos em afetá-lo devido a uma aparente comorbidade de paralisia do sono e entomofobia aguda. A sua evidente progeria psicológica era apenas um mecanismo de defesa destinado a fazê-lo parecer ter mais controlo sobre determinada situação do que realmente tinha, e o seu comportamento monstruoso era uma representação concebida para o fazer sentir-se mais confiante para encarar o monstro que imaginara. Para ser sincera, eu achava tudo isso embaraçosamente óbvio e uma perda do meu tempo, como deverá ter depreendido pelos meus apontamentos. — Fez uma pausa para organizar os pensamentos e depois continuou a falar.  
— O tratamento que propus consistia em fazê-lo encarar o trauma dos terrores noturnos através de uma combinação de terapia de hipnose, psicoterapia e o uso de sedativos para dormir, por forma a impedir que os pesadelos se manifestassem. Também tomou conhecimento disso através dos meus apontamentos. No entanto, o que talvez não saiba é que o meu tratamento resultou. De uma maneira impressionante. Logo nos primeiros dias o Joe deixou de revelar indícios dos distúrbios que eu vira reportados no diagnóstico inicial feito pelo Dr. A. Então, outra coisa passou a manifestar-se. Ele ficou muito... ligado a mim.

Ela engoliu em seco, e percebi que a recordação ainda era dolorosa.

— Não estou a exagerar se lhe disser que o Joe passou a relacionar-se comigo como se eu fosse a sua mãe adotiva — prosseguiu. — Eu já percebera que os pais dele eram distantes, tendo em conta o facto de nunca aparecerem no hospital, pelo que não fiquei surpreendida. Ainda assim, quanto mais ele se ligava a mim, mais parecia recuperar e mais dedicado se tornava. Parecia cada vez menos um protossociopata e cada vez mais um menino assustado. — Ela hesitou. — Precisa de compreender uma coisa, antes de eu continuar. Também eu tinha tido uma relação muito fria com os meus pais, e quase não tinha amigos, mesmo durante o tempo em que frequentara a faculdade de Medicina. Raramente namorava e também nunca casara ou tivera filhos porque simplesmente não deixava as pessoas aproximarem-se de mim. Contudo... algo na forma como o Joe se relacionava comigo fez com que os meus instintos maternais se revelassem. Pela primeira vez na minha vida, sentia que alguém precisava de mim e me amava incondicionalmente, e, embora tivesse tentado manter um certo distanciamento profissional, algo nele deitava por terra todas as minhas defesas contra o afeto. E, quanto mais maternal me tornava, mais o problema dele parecia melhorar. — As lágrimas nos seus olhos eram agora indisfarçáveis, e ela apressou-se a contê-las piscando-os com força, mas não conseguiu fazer o mesmo à voz, que ficou mais fina do esforço. — Tinha a certeza de que conseguiria que tivesse alta por volta do quarto mês de psicoterapia e, como tal, a título de derradeira experiência para testar a sua capacidade de empatia, deixei-o ter um animal de estimação. Um gatinho, porque eu própria crescera com uma série de gatos e achei que talvez se relacionasse com eles da mesma maneira que eu, que também tive dificuldades de relacionamento com as outras pessoas. Não me lembro do que lhe chamou. Algo que ver com uma flor, se não me engano.

— *Flor Fibra de Madeira* — respondi-lhe, em voz baixa.

Ela fitou-me com os olhos arregalados.

— Sim. Sim, exatamente. Como é que...

— Acabe lá a história, Rose — disse o Dr. A. — Quanto mais depressa acabar, mais depressa descobriremos o que ele sabe.

A Dra. G. inalou profundamente e assentiu com a cabeça, a sua aparência austera encobrindo a vulnerabilidade anterior, qual máscara com muito uso.

— Bem, dei-lhe a *Flor Fibra de Madeira* e convenci o Dr. A. a aceitar que, caso ele cuidasse devidamente dela durante uma semana, ficaria provado que estava curado das suas tendências antissociais. — O rosto dela exibiu uma expressão sombria, e dessa vez não vi tristeza, mas raiva. — Ele tratou a pobre gata como um anjo durante os primeiros seis dias e então, no último dia, assim que entrei no quarto dele, deparei-me com o cadáver dela estendido no chão, com a cabeça arrancada. E, imediatamente por cima do cadáver, desenhara uma seta a apontar para baixo, a sangue, onde se lia: «Para a Rosie Cusca». — A voz dela assumira a dureza de uma pedra. — Ninguém me chamava «Rosie Cusca» desde os tempos do recreio na escola primária, quando tinha a idade dele, e tinha praticamente a certeza de que ele nunca ouvira ninguém tratar-me pelo nome próprio. Ele não tinha como ter adivinhado essa alcunha. Mas a verdade é que a sabia, e, assim que entrei no quarto, desatou a rir-se às gargalhadas. E... e sou capaz de jurar, mesmo ao fim de todos estes anos, que soava exatamente como as gargalhadas de um miúdo em particular que costumava intimidar-me quando eu tinha a idade dele. E, entre a voz dele e a cena sangrenta que antes fora uma gatinha adorável que aquela criança tinha mutilado... perdi o controlo. Saí do quarto a correr, entreguei o meu pedido de demissão e... Bem, já sabe o resto.

A expressão dela revelava raiva e dor. Estendi-lhe a mão, num gesto reflexo de empatia, mas enxotou-ma antes de lhe conseguir tocar sequer, com uma expressão que deixava bem claro que, por muito que lhe custasse recordar aquele incidente, ainda tinha o seu orgulho e recusava-se a ser alvo da compaixão de um subordinado. Decidi que lhe tentaria oferecer um olhar

simultaneamente comprehensivo e respeitador.

Então ouvi a voz do Dr. A. atrás dela:

— E então, Parker, ainda acha que consegue curar aquele sacaninha? Não quer sugerir um diagnóstico para alguém que foi capaz de invocar um antigo tormento de escola do nada, com o intuito de fazer troça de uma mulher cujos pontos vulneráveis ele conseguira discernir como que por magia? O que me diz?

Contra vontade, abanei a cabeça lentamente, num gesto de impotência.

— Não fazia ideia. Eu não... eu... não faço ideia.

— Com certeza que não. — Havia uma nota de satisfação na voz do homem de idade. — Não faz a mais pequena ideia de qual é o problema dele. E, como se não bastasse, acreditou em toda a mitologia em torno dele porque é jovem, é impressionável e não sabe mais do que isso. E é por isso que não é o médico dele. O médico dele sou eu. E eu é que sei!

20 de abril de 2008

Olá, malta. Desculpem ter demorado algum tempo a atualizar isto, mas tinha mesmo de me certificar de que descrevia esta série de incidentes em concreto de modo tão fiel quanto possível; caso contrário, os meus atos daqui em diante não fariam muito sentido. Espero ter sido bem-sucedido.

Assim que acabou de falar, o Dr. A. agarrou os braços da cadeira e levantou-se lenta e cautelosamente, como se cada osso no seu corpo se pudesse partir se se mexesse demasiado depressa. Não obstante a idade, era notório que em tempos tivera uma figura imponente. Mesmo com o corpo ligeiramente curvado para a frente, parecia ter pelo menos um metro e noventa, e se se endireitasse talvez chegasse aos dois metros de altura. Apoiou uma mão no rebordo da secretária e estendeu a outra à Dra. G., que pegou numa bengala ornamentada de madeira escura com a cabeça de um falcão em bronze e lha passou. Ele aceitou-a e contornou lentamente a secretária, na minha direção. Ao fazê-lo, vi que segurava uma pasta grossa coberta de pó, que certamente fora copiada dos documentos que eu vira anteriormente.

Sentou-se no rebordo da secretária e lançou-me mais um olhar impiedoso.

— Antes de me ir embora, há algo que precisa de compreender — começou por dizer. — Se eu estiver certo em relação ao problema do Joe, então estamos realmente a prestar um serviço ao mantê-lo aqui, não só ao mundo lá fora como também ao próprio Joe. Se os pais dele tivessem menos poderes legais e financeiros, já teríamos chegado muito mais longe. No entanto, não nos podemos dar ao luxo do tipo de batalha judicial que as

minhas suspeitas desencadeariam, se reportadas. Como tal, vamos fazer a única coisa que podemos fazer, isto é, mantê-lo aqui. Entendido? — Assenti com a cabeça, dessa vez com uma deferência sincera. Ele reconheceu-o com um sorriso rude. Então, com um floreado sombrio, abriu a ficha médica do Joe na primeira página. — Quando conheci o Joe — com o dedo, bateu na fotografia a preto-e-branco de uma criança com aspeto feroz —, pareceu-me ser um menino normal com um problema de terrores nocturnos. Mas avaliei-o mal, como se veio a revelar. Desastrosamente mal. Quando regressou, estava violento e era incapaz de falar. Fiquei desconcertado. Não fazia ideia do que havia feito de errado. Como se não bastasse, não sabia por que motivo a tática dele estava constantemente a mudar. Ele deve ter-se apercebido disso. Passou de fazer com que as pessoas se sentissem mal a fazê-las terem medo de estar na mesma divisão que ele. Bem, quando me demiti do cargo de diretor clínico, continuava tão longe de uma explicação como no início. Mas a reforma tem-me proporcionado muito tempo para verificar os apontamentos mais antigos e, quanto mais os leio, mais tudo começa lentamente a fazer sentido.

Folheou algumas páginas e indicou um documento com o dedo.

— A primeira ideia ocorreu-me quando decifrei o motivo por que as alucinações dele estavam constantemente a mudar — prosseguiu o Dr. A. — Mudam sempre que alguém lhe chama um nome novo. Quando o trouxemos para cá, por exemplo, nem sequer falava. Mas depois uma enfermeira chamou-lhe «menino feio», e de repente ele começou a provocar as pessoas. Pode achar que isso não é particularmente relevante, mas conversei com os terapeutas que trataram todos os que lhe sobreviveram durante esses primeiros anos e sabe o que me disseram? Todos eles, incluindo a Rose, disseram a mesma coisa: ele chamava-lhes os nomes que lhes tinham sido chamados quando eram crianças, essencialmente por parte de bullies ou outros miúdos desagradáveis. Nada disso era particularmente específico, mas ele parecia saber que provocações de recreio infantis resultavam

melhor para cada um deles. Já está a perceber? Alguém lhe diz que é um «menino feio» e ele provoca essa pessoa até descobrir o que seria o menino mais feio do mundo aos olhos de cada uma delas, e depois comporta-se como tal.

Mais páginas foram folheadas.

— Agora ouça isto — continuou. — Ao fim de vários anos a massacrar as pessoas dessa maneira, depara-se com um paciente violento que não está para o aturar. Mas o que faz esse paciente? Dá-lhe uma valente tareia e diz-lhe que é um «monstrinho de merda». E a seguir ele começa a comportar-se como o monstro dos pesadelos de um dos nossos auxiliares e provavelmente como os monstros que costumavam assustar os outros colegas de quarto dele. Por isso é que o coração daquele primeiro miúdo parou, e ele começou a tentar violar uma vítima de agressão sexual, e conseguiu assustar alguém a ponto de essa pessoa partir as grades de ferro da janela. Porque, se é para ser um monstro, então será o pior monstro que cada uma das suas vítimas consegue imaginar. Em vez de as fazer sentirem-se tão mal como nos piores momentos em que se sentiam na merda, agora vai assustá-las mais do que alguma vez foram assustadas.

Baixou os óculos e fitou-me por uns instantes, antes de prosseguir:

— Ora, com certeza um interno inteligente como o Doutor já terá percebido que esse tipo de comportamento nos diz que, independentemente do que de mais errado se passe com ele, podemos concluir que o Joe é extremamente sugestionável. No mínimo, aponta para algo de muito desagradável na educação dele, porque as crianças da idade dele não costumam interiorizar o feedback negativo com tanta facilidade, a não ser que tenham sido condicionadas pelos pais. E, com base na minha primeira sessão com ele, há fortes indícios de que o Joe tenha sido horrivelmente maltratado. Rose, importa-se?

A Dra. G. abriu, então, uma gaveta, de onde tirou um leitor de cassetes e duas cassetes de áudio. Reconheci-as como sendo cópias das que tinha em minha posse. Ela introduziu uma delas

no leitor e premiu a tecla *Play*. A voz do Dr. A. fez-se ouvir. Eu já ouvira aquela sessão, mas no contexto do que acabara de saber, as palavras assumiram um significado sinistro.

A: Olá, Joe, o meu nome é Dr. A. Os teus pais dizem-me que tens muita dificuldade em adormecer. Consegues explicar-me porquê?

Joe: A coisa nas minhas paredes não me deixa.

A: Certo. Lamento sabê-lo. Podes falar-me um pouco sobre a coisa nas tuas paredes?

J: É nojenta.

A: Nojenta? Como assim?

J: É só nojenta. E assustadora.

A: Sim, mas consegues descrevê-la?

J: É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha muito grandes e superfortes, com uns dedos muito compridos. O corpo é de minhoca.

O Dr. A. fez uma pausa na gravação.

— Ora, os olhos das moscas, além de terem um aspetto naturalmente alienígena, não pestanejam. E a principal característica que ele atribui aos braços da criatura é que são grandes e fortes, e presumivelmente peludos, daí a referência a aranhas. E o corpo é de minhoca. Por outras palavras, um falo. Portanto, temos algo fálico com braços grandes, fortes e peludos, e olhos que não pestanejam. O que poderá ser?

Tornou a premir a tela *Play*. As vozes recomeçaram:

A: Isso soa mesmo assustador. E é muito grande?

J: Enorme! É maior do que o carro do meu papá!

A tecla de pausa foi novamente premida.

— Ora, porquê comparar o monstro apenas ao «carro do papá»?

— Quer dizer, os pais dele eram ricos o suficiente para o manterem aqui desde os anos 70 — respondi, sem pensar. — É possível que ambos os pais tivessem carro.

— Errado — retorqui o Dr. A., num tom brusco. — Perguntei e eles tinham apenas um carro, que ambos utilizavam. Então

porquê empregar esse ponto de referência em particular para definir o tamanho do monstro? Trata-se de uma associação livre muito específica, diria eu. Por que razão o Joe faria uma associação livre com o pai depois de estar a falar sobre algo fálico com braços peludos, que o imobilizara e o olhara fixamente? É cada vez mais curioso. Mas não nos antecipemos. Primeiro, vejamos como é que os pais reagem a esse alegado intruso.

A: Certo. E os teus pais já o viram?

J: Não. Ele volta para dentro das paredes assim que eles aparecem.

A: Uma coisa assim tão grande consegue entrar nas tuas paredes?

Elas não se partem?

J: Ele derrete-se. Como um gelado. E depois parece que faz parte da parede.

— Portanto, os pais dele não reconhecem a existência dessa coisa — disse o Dr. A. — Ora, porque será? Se estiver a acompanhar a minha linha de raciocínio, o motivo por que o pai não vê um monstro é mais do que óbvio. Mas e a mãe? Talvez se tenha recusado a reconhecer o que o pai do Joe estava a fazer, mesmo com ele parado junto à cama. O Joe jamais seria capaz de processar que a mãe estava em negação, pelo que a única conclusão lógica seria que o pai convencera a mãe de que ele, o pai, fazia parte da parede. Cabia lá dentro. Passemos então ao mais importante.

A: Estou a ver. E foi isso que fez essas marcas nos teus braços?

J: Sim. Tentei tapar a cara, para não ter de olhar para ele. Mas puxou-me os braços e obrigou-me a abrir os olhos, com os dedos.

A: E por que razão fez isso?

J: Porque gosta que eu me sinta mal. Por isso é que não me deixa dormir.

A: Como assim?

J: Ele come os pensamentos maus.

— A resposta esteve sempre à vista. — O Dr. A. fitou o leitor de cassetes com uma expressão de fascínio desconsolado. — Eu é

que não tinha prestado atenção suficiente. O Joe estava a dizer-nos que andava a ser agredido sexualmente. Descreveu a sensação de ser imobilizado e violado pelo pai no contexto de um monstro que possui os mesmos atributos de um homem adulto a violar uma criança pequena. Inclusivamente, deu-nos a pista de que o pai era um sádico dizendo-nos que o monstro comia os pensamentos maus, o que um sádico a desfrutar da sua própria crueldade aparentaria estar a fazer aos olhos de uma criança pequena. Além do mais, a passividade inicial do Joe e subsequente sugestionabilidade extrema quando alguém lhe chamava um nome são consistentes com o comportamento de uma criança profundamente maltratada antes e depois de um episódio psicótico. — Ele suspirou. Por essa altura estava a falar tanto para mim como para si próprio. — E, claro, isso deixa-nos a braços com o enigma: porque é que o Joe passou a imitar o sadismo do pai quando voltou a ser internado. Isso leva-nos à parte final da cassette.

A: Certo. Bem, nesse caso, acho que sei como nos podemos livrar dele.

J: A sério?!

A: Sim. Se ele come os pensamentos maus, então quero que só tenhas pensamentos bons quando ele aparecer.

J: Mas como é que faço isso? É assustador!

A: Acho que ele quer que pense que é assustador, Joe. Mas sabes que mais? Não é nada. É só a tua imaginação. Sabes o que é a imaginação?

J: Mais ou menos.

A: Então sabes que é aquela parte de ti que inventa as ideias. Às vezes são boas e outras vezes são assustadoras. E as ideias podem parecer perigosas. Mas, Joe, mesmo que as tuas ideias pareçam assustadoras, continuam a ser as tuas ideias. E a tua imaginação só te pode assustar com elas se tu a deixares.

J: Quer dizer que posso controlá-lo?

A: Exatamente, Joe.

J: Como é que sabe?

A: É esse o meu trabalho, saber essas coisas. O meu poder especial é fazer com que as pessoas deixem de estar assustadas. Por isso é que as pessoas vêm para aqui, para deixarem de estar assustadas. E sabes que mais, Joe? Todas essas pessoas só estão assustadas por causa de

ideias. Por causa de partes delas que não conseguem controlar.

J: Ena!

A: Pois é. Aposto que és um menino crescido que já não faz chichi na cama, pois não, Joe?

J: Que nojo! É claro que não!

A: Então imagina esse monstro grande e assustador como fazer chichi na cama. É uma parte de ti que deixaste que escapasse do teu controlo.

J: Isso é engraçado. O monstro é o meu chichi.

A: Não exatamente. Mas ambos são coisas que consegues controlar porque fazem parte de ti, Joe. Diz-me lá, esse monstro continua a parecer-te assim tão assustador?

J: Não! Sou só eu a assustar-me a mim mesmo. E da próxima vez que o vir vou dizer-lhe que não tenho medo dele!

O Dr. A. parou a cassete e eu percebi que aqueles últimos instantes o tinham deixado completamente de rastos.

— E é por isto que jamais largarei este caso. — A voz dele soava pouco mais alto do que um sussurro. — Porque estou convencido de que, na minha ignorância, criei o problema que ele tem agora. Acho que no intervalo entre as nossas duas primeiras sessões, e devido ao que eu lhe disse, o Joe deixou de acreditar que era vítima de um monstro que vive na psicose das pessoas e passou a acreditar que ele próprio era o monstro. Imagine o que isso faria a uma criança vítima de agressão sexual. Elas já correm um risco tremendo de dissociação. O que eu disse ao Joe... pode muito bem tê-lo empurrado para um transtorno de identidade dissociativa manifesto, pois a ideia de ser responsável pela própria violação teria sido demasiado para suportar. Portanto, criou uma segunda personalidade «monstro» para a culpabilizar, que imita o sadismo que ele experienciou com o pai. E porque não vimos isso, agora... agora essa personalidade «monstro» está tão em controlo da psique dele que tanto mente como comportamento começaram a adaptar-se para levarem a cabo as suas necessidades imaginadas. Só o facto de acreditar que era um monstro já seria mau o suficiente, pois transformá-lo-ia provavelmente no mais puro psicopata sádico da história da

psiquiatria. Mas isto é ainda pior. Este monstro em específico crê verdadeiramente que precisa de estar permanentemente exposto a pensamentos negativos para conseguir sobreviver. Como tal, a sua empatia desenvolveu-se de maneira a descobrir como desencadear uma psicose no espaço de poucos segundos após conhecer alguém.

» E não só, porque, devido à sua sugestionabilidade residual, consegue desencadear formas diferentes de angústia sempre que lhe apetece. Por outras palavras, as alucinações dele são tão intensas que levaram a mente dele a conseguir fazer coisas que nenhuma mente humana deveria ser capaz de fazer. Agora é bem possível que todas as pessoas que dizem que ele desencadeou as más recordações e os piores receios delas estejam apenas a partilhar a mesma alucinação, ou talvez se tenham esquecido de que revelaram pormenores importantes aos quais ele prestou atenção. Mas, mesmo que seja esse o caso, uma coisa é inegável: ele desenvolveu a capacidade de induzir o suicídio nas pessoas como mecanismo de defesa, da mesma maneira que a sua personalidade original «morreu» para dar lugar à personalidade «monstro». E tem resultado na perfeição. Até agora. — Fechou a pasta e tornou a olhar para mim, os seus olhos penetrando os meus. — Por isso, Parker, é que precisamos de si. Não está morto e experienciou diretamente os artifícios dele. É possível que seja a única testemunha que temos, além da Rose, que o tratou quando ele estava muito menos avançado e que o fez há tanto tempo que já não podemos ter certezas em relação à exatidão da descrição dela. Você é a única pessoa que nos poderá fornecer um testemunho exato da forma como ele o manipulou. — Dito isso, pôs a mão magra mas surpreendentemente forte por baixo do meu queixo e segurou-me o rosto, enquanto proferia as seguintes palavras: — Por isso, pergunto-lhe mais uma vez, Parker: diga-me, se não por mim, pelo Joe. O que aconteceu entre vocês nas sessões?

Por essa altura já não havia motivos para eu esconder qualquer informação. Então, contei-lhes. Falei-lhes sobre a aparente sanidade mental do Joe, sobre a sua explicação extremamente

metódica do seu próprio confinamento e sobre a sua reapropriação do incidente com a *Flor Fibra de Madeira*. Conte-lhes sobre a sua história perfeitamente calculada de se sentir culpado pelos ferimentos da mãe, tal como em tempos eu me sentira culpado pelos problemas da minha própria mãe. Expliquei-lhes quão habilmente explorara a minha tristeza em relação à morte da Nessie. Conte-lhes inclusivamente como o Dr. P., com os seus avisos para não me dar ao trabalho de tentar curar fosse quem fosse e as suas desajeitadas tentativas de intimidação, fizera com que fosse ainda mais fácil acreditar no Joe. Eles escutaram atentamente toda a história e, quando terminei, o Dr. A. parecia estar a sentir o peso dos anos que carregava.

— Quer dizer — disse ele — que o Joe não precisou de pormenores sobre a sua vida. Simplesmente percebeu que era uma pessoa empática e aproveitou-se disso. O mais certo é ser uma coincidência ele ter pegado em algo sobre a mãe dele que espelhava os seus próprios sentimentos de responsabilidade para com a sua mãe. A maioria dos rapazes é muito sensível em relação à mãe. Além disso, atribuiu a culpa do que aconteceu à gata ao pai dele provavelmente porque essa foi a personalidade responsável. Portanto, ele conseguiu finalmente desabafar sobre a raiva que sente em relação às violações de que foi alvo, ainda que de uma forma indireta. É possível que tenha realmente resolvido o caso dele, Parker. Obrigado. Rose, acho que decifrámos este quebra-cabeças. É claro que não podemos dizer aos pais do Joe o que sabemos, portanto vamos só informá-los de que chegámos à conclusão de que o caso dele é realmente incurável e que terá de ficar aqui indefinidamente, para bem dele. Quanto ao Parker, tire-o do caso.

— Não! — Algo me soava terrivelmente errado na explicação do Dr. A.

O velhote virou-se para mim com um olhar incrédulo.

— Não? — indagou. — Parker, o caso está resolvido. Acabou de confirmar a nossa hipótese, e, mesmo que não o tivesse feito,

acredite em mim, seria preciso um psiquiatra com muito mais experiência do que o Parker para conseguir começar sequer a tratar daquele pobre desgraçado. Mesmo que eu ainda exercesse...

— Mas não exerce. Está reformado. E não me parece que esteja certo. Algo não bate certo.

— Como se atreve?! Seu...

— Calma, Thomas — disse a Dra. G. — Se o Parker tem outra ideia, quero ouvi-la. Não faz mal nenhum ouvir uma segunda opinião.

O Dr. A. resmungou qualquer coisa, mas acenou com a mão na minha direção, num gesto de manifesta irritação.

Sentindo-me novamente nervoso, aclarei a garganta e comecei a falar antes que a tensão que começava a dominar-me me impedisse de o fazer.

— Antes de expor a minha teoria, quero colocar-vos algumas questões, só para me certificar de que tenho os pormenores corretos — disse-lhes.

— Oh, por amor de... — começou por responder o Dr. A., mas a Dra. G. ergueu a mão no ar.

— Sim, Parker?

— Quero começar pelos terrores noturnos — pedi-lhes. — O Joe alguma vez os mencionou depois de ter voltado a ser internado?

O Dr. A. parecia prestes a dar-me uma resposta seca, mas depois uma expressão pensativa assomou-lhe ao rosto.

— Agora que fala nisso... não — respondeu-me. — Mas nessa altura já deveria ser demasiado tarde. Além do mais, ele estava sedado, e ao pai provavelmente não agradou o facto de ele não sofrer.

— Talvez — retorqui, virando-me para a Dra. G. — Mas não me parece que a sua explicação para a origem do «monstro» dele esteja correta. Dra. G., não me disse que o Joe sofria de entomofobia?

A Dra. G. acenou lentamente com a cabeça. Parecia não estar a perceber aonde é que eu queria chegar.

— Sim, foi algo que os pais dele mencionaram na primeira vez

que o trouxeram para cá.

— E o Joe tinha medo de insetos quando o tratou? — perguntei-lhe.

— Não particularmente — replicou ela. — Tentámos alguma terapia de exposição, mas não reagiu como alguém que sofria de entomofobia.

— Era óbvio que a entomofobia era apenas um substituto para o que ele pensava que estava a experienciar — disse o Dr. A. — Rose, francamente.

— Dr. A. — pedi —, importa-se de reproduzir novamente a descrição do Joe do monstro na parede?

O Dr. A. lançou-me um olhar demorado e cansado, mas assim fez, começando a avançar com a fita até alcançar a parte relevante.

J: É grande e peluda. Tem olhos de mosca e dois braços de aranha muito grandes e superfortes, com uns dedos muito compridos. O corpo é de minhoca.

— Isso perturbaria qualquer pessoa que sofresse de entomofobia, não lhe parece? — indaguei.

— Não admira, se a entomofobia resultasse do que ele julgava que o estava a magoar — troçou o Dr. A.

— Certo — retorqui. — No entanto, há mais qualquer coisa. Pode passar à parte em que lhe diz que é da imaginação dele?

Com um suspiro, o Dr. A. avançou com a fita.

A: Então imagina esse monstro grande e assustador como fazer chichi na cama. É uma parte de ti que deixaste que escapasse do teu controlo.

J: Isso é engraçado. O monstro é o meu chichi.

A: Não exatamente. Mas ambos são coisas que consegues controlar porque fazem parte de ti, Joe. Diz-me lá, esse monstro continua a parecer-te assim tão assustador?

J: Não! Sou só eu a assustar-me a mim mesmo. E da próxima vez que o vir vou dizer-lhe que não tenho medo dele!

A cassete parou. O Dr. A. parecia cada vez mais irritado e a Dra. G. mantinha a expressão confusa.

— Ele não parece uma vítima de agressão sexual a quem acabaram de dizer que a culpa é dele, pois não? Parece aliviado. Parece feliz. Não é a reação normal de uma pessoa que está a passar por um episódio dissociativo. E, se era tão suggestionável como dizem, então porque é que não começou logo a comportar-se como se fosse o monstro? Porquê agarrar-se ao seu velho eu?

— O mais certo é a mente dele ainda não o ter processado completamente — murmurou o Dr. A., quase sem prestar atenção.

— Ou, então — sugeriu eu —, não houve episódio dissociativo nenhum. Aliás, e se não tiverem existido maus-tratos parentais nenhuns, ou mesmo terrores noturnos? E se o Joe estivesse a ser realmente torturado por algo que sabia como aproveitar-se da sua entomofobia e que sabe aproveitar-se dos medos de qualquer pessoa com igual habilidade? E se, quando ele disse à coisa que a coisa era parte dele, a coisa se tivesse transformado na segunda personalidade que o Doutor pensa ser resultado das violações? E se ele tiver trazido o monstro com ele quando voltou para cá?

— Ah, sim, e aposto que a cabeça dele anda à roda e também cospe sopa de ervilhas — troçou o Dr. A., começando a soar legitimamente irritado. — Pare de falar como um fã de filmes de terror excessivamente entusiasmado, e controle-se. É um cientista, por amor de Deus!

— Doutor, ouça só o que tenho para dizer — retorqui. — Eu próprio jamais teria acreditado até esta noite, mas a questão é que... — Dei por mim a respirar com alguma dificuldade. — Ouça, eu sei que quer atribuir todo aquele conhecimento dele a uma espécie de coincidência ou que pensa que as pessoas não se lembram do que lhe disseram, mas eu sei que, no meu caso, não é verdade. Quando o Hank me arrastou da frente da porta do quarto, ele desatou a rir-se na mesma voz com a qual ainda hoje tenho pesadelos. E garanto-lhe que, depois do aviso da Dra. G., nunca lhe disse nada sobre os meus problemas ou sobre o que me assustava. Então como é que ele sabe exatamente qual o tom

e timbre a empregar?

— Ouviu o que queria ouvir — respondeu-me rudemente o Dr. A. — Estava à espera de ouvir a voz de um monstro. A sua mente reagiu fingindo estar a ouvir a voz certa.

— Mas a questão é precisamente essa: eu não estava à espera. Não se esqueça de que, quando o Hank me agarrou, eu continuava convencido de que ele era um paciente maltratado e mentalmente são, e *ainda assim* ouvi aquela voz. Exatamente quando eu menos esperava algo sobrenatural, essa coisa aconteceu. E se os outros, como a Dra. G., por exemplo, não estiverem a mentir? E se realmente nunca lhe tiverem contado nada e mesmo assim ele tivesse sabido como os assustar?

— Ele tem alguma razão, Thomas. É um facto que não tenho os apontamentos para o provar, mas não faço ideia de como é que o Joe descobriu que na escola me chamavam «Rosie Cusca». Esse assunto nunca veio à baila para o poder ter ouvido algures. Acho que nem eu própria me recordava dessa maldita alcunha, até a ter visto escrita na parede do quarto dele.

— Ele pode ter ouvido alguém mencionar o seu nome e depois deitou-se a adivinhar e acertou, Rose! — explodiu o Dr. A. — Não há assim tantas palavras depreciativas que rimem com o seu nome.<sup>2</sup> Não é assim tão complicado para uma criança descobrir!

— Thomas, não lhe fica nada bem desvalorizar sintomas como podendo ser meras coincidências só para salvar a sua teoria — disse-lhe a Dra. G. numa voz calma.

O Dr. A. parecia furioso.

— Muito bem. — A voz dele estava agora carregada de um sarcasmo venenoso. — Imaginemos que vocês têm razão, embora isso desfaça em mil pedacinhos a nossa dedicação à ciência. Que tratamento sugerem para um caso de possessão por parte do bicho-papão, então? Fazemos-lhe uma lavagem ao estômago? Furamos-lhe o crânio para deixar escapar o Demónio? Elucidem-me, por favor.

— Disse que pôs de parte todas as hipóteses — continuei. — Por acaso nunca cá trouxe ninguém para lhe fazer um exorcismo?

— Mas que tipo de charlatão é que pensa que eu...

— Oh, deixe de se armar... Como se fosse o cientista mais puro neste gabinete, Thomas — disse-lhe a Dra. G., num tom severo. — Pode tê-lo omitido dos apontamentos, mas ambos sabemos que experimentou uma série de coisas pouco convencionais com o Joe. — O Dr. A. não lhe respondeu, mas pela primeira vez pareceu ficar visivelmente desconfortável. — Se não lhe disser, Thomas, digo-lho eu.

— Oh, por amor de Deus, Rose, sabe muito bem que já descartámos essa hipótese disparatada. Porquê encorajar este cachorrinho insubordinado e com uma imaginação demasiado fértil dando-lhe informação inútil?

— Ou seja, já experimentou um exorcismo — respondi, friamente. — E o que aconteceu?

— O que aconteceu foi exatamente o que seria de esperar de um desordeiro como o Joe — rosnou o Dr. A. — O padre apareceu, começou a recitar uma ladainha e não serviu de nada. A única coisa que o Joe fez foi gozar com ele, dizendo-lhe que era um anjo enviado para a terra da mão direita de Cristo e que o padre estava a traer o seu próprio Deus. Exatamente o tipo de coisa que alguém diria para desconcertar uma pessoa religiosa.

— E aposto que desconcertou realmente esse padre em particular, certo? — insisti. — Aposto que nem sequer consegui concluir o ritual, certo?

— Ele... ele saiu mais cedo, é verdade — respondeu-me o Dr. A.

— Aonde é que quer chegar?

— E tentou gravar o processo?

— É claro que não! — exclamou o Dr. A. — Não quero que ninguém saiba que considerei sequer tal ideia!

— É pena — retorqui. — Porque aposto o que quiser que, se o tivesse gravado, não o teria ouvido a falar sequer. Porque o paciente que tem lá em baixo, o próprio Joe, não é quem está a fazer isto. O que quer que tenha vindo com o Joe é que está a fazê-lo, e está a utilizá-lo como bode expiatório.

— Acha realmente que um bicho-papão qualquer está a morar à borla no nosso hospital? — perguntou-me o Dr. A., com uma

gargalhada desdenhosa prestes a despontar-lhe na voz. — Rose, é melhor pedir ao Hank que traga um colete de forças. Acho que aqui o nosso suposto salvador perdeu completamente o juízo.

— Talvez haja uma maneira de eu provar que tenho razão — respondi, concentrando-me na Dra. G., que parecia mais recetiva.  
— Sei que é uma hipótese estranha, mas se me deixarem recolher dados suficientes para a testar e esta se revelar errada, então poderão tirar-me do caso.

A Dra. G. uniu os dedos das mãos e considerou as minhas palavras por breves instantes. Parecia intrigada, ainda que contra vontade. Por fim, acenou com a mão.

— Está bem.

Respirei fundo.

— Com a vossa devida autorização, gostaria de tirar folga amanhã, para poder falar com as únicas pessoas que podem confirmar ou negar ambas as hipóteses, mesmo que indiretamente. Gostaria de visitar a família do Joe e dar uma vista de olhos ao quarto onde tudo aconteceu.

— Ah, sim, isso vai correr às mil maravilhas — retorquiu o Dr. A., rindo-se. — O que tenciona dizer-lhes? «Desculpe, Sr. M., mas tirou prazer em violar o seu filho e ouvi-lo gritar? Por acaso a vossa propriedade não veio com um aviso de que talvez tivesse infestada com um inseto gigante?»

— Ambos sabemos que há maneiras mais subtils de descobrirmos se estamos perante uma pessoa sádica — repliquei, tentando evitar morder o anzol. — E, seja como for, apenas estou a tentar perceber se a minha hipótese tem algum cabimento; não tenciono alarmar ninguém. Vão sentir-se perfeitamente à vontade, e, se os pais do Joe forem realmente sádicos não assumidos, as pistas deverão ser fáceis de identificar. E se houver algum indício de que algo sobrenatural viveu naquelas paredes, ou de que a casa estivesse assombrada, também isso será fácil de descobrir. — Nesse momento, olhei o Dr. A. diretamente nos olhos. — E sabe que mais? Se não encontrar qualquer prova de que os pais tenham problemas, e se também não houver sinais da existência de algo sobrenatural, então admitirei que o Doutor

tem toda a razão e que o meu cérebro foi acometido por um disparate anticientífico. O que me diz?

Mais uma vez, entreolhámo-nos durante um longo momento. Quando, por fim, desviámos o olhar, percebi que se resignara à sugestão, ainda que não lhe fosse possível respeitar-me por a alimentar. Então apercebi-me de movimento e, quando me virei, reparei que a Dra. G. tinha pegado numa caneta e estava a assentar um apontamento no seu calendário.

Ela ergueu o olhar para mim.

— Pode tirar o dia de folga, sim. Independentemente do que o Thomas diz, quero ser informada do que descobrir. Não se preocupe; direi ao Bruce que se ausentou em trabalho, a meu pedido. Acho que a família nunca mudou de casa, portanto, utilize a morada que está na ficha médica dele. Agora vá para casa e tente dormir. Precisamos de si alerta para amanhã.

---

<sup>2</sup> No original, «Nosey Rosie». [N. T.]

24 de abril de 2008

Subestimei quão difícil iria ser escrever esta história à medida que fosse avançando. Acreditem, quem me dera ter podido publicar esta parte da história antes, mas, como penso que irão perceber, a temática impossibilitou-o. Juro que não estou a tentar fazer render o peixe. É realmente difícil de recordar e recontar, permitir que a minha mente regresse àquele ponto. Por outro lado, quando me sento para o fazer, a história parece jorrar de mim – como uma ferida infetada que precisa de ser lancetada. Sinto-me sempre melhor após cada publicação.

Se têm estado a ler-me até agora, obrigado pela vossa paciência. Se estão à procura de uma resposta para o mistério desta história, então talvez esta seja a publicação pela qual têm aguardado.

Quem me dera poder dizer que segui as instruções da Dra. G. e dormi como um bebé quando cheguei a casa nessa noite; a verdade é que o que me fora contado me impediu completamente de adormecer. O meu cérebro estava em modo roda de hámster, interrogando-se perante a minha própria prontidão crescente para alimentar teorias absurdas erráticas. Ainda uma semana antes estava convencido de que o Joe era um homem mentalmente tão enclausurado por um grupo de profissionais médicos criminosos. Fui apanhado a tentar libertá-lo. Agora ia fazer uma visita de estudo para tentar encontrar provas de que ele fora possuído por... por quê, exatamente? Um demónio? Um espírito vingativo? O bicho-papão? Não é verdade que todas as pessoas loucas estão convencidas de que são as únicas sãs? E se me tivesse passado dos carretos, tal como acontecera aos outros

médicos do Joe, e o pessoal da Dra. G. estivesse à minha espera com um colete de forças, quando regressasse finalmente ao hospital? A propósito, não os censuraria se o tivessem feito.

E pulsando por baixo de tudo isso, juntamente com o meu próprio batimento cardíaco, ouvia-se o som da gargalhada que ecoara do quarto do Joe.

Infelizmente a Jocelyn não estava em casa para me ajudar a processar toda essa informação, ou, em vez disso, para me ajudar a pensar noutra coisa. Havia um bilhete na cozinha a informar que iria ficar até tarde na biblioteca, para adiantar algum trabalho no próximo segmento que andava a escrever. Enviei-lhe uma mensagem a dizer que estava em casa e ela ligou-me, ansiosa por saber se eu ainda tinha emprego ou se a polícia iria aparecer em breve. Não quis adiantar muito pelo telefone, por isso tranquilizei-a explicando que estava tudo bem e que lhe contaria o resto da história quando a visse.

Por fim, desesperado para conseguir dormir, engoli uns ansiolíticos com uma quantidade generosa de vinho, e, de alguma maneira, a combinação de químicos fez-me finalmente adormecer. No entanto, o som do meu despertador, que pelos vistos soou no instante em que fechei os olhos, apenas agravou os horrores da noite anterior com uma dor de cabeça medonha.

Não obstante, depois de um duche, ibuprofeno e um pequeno oceano de café, sentia-me suficientemente funcional para conduzir. E lá parti para o hospital para ir buscar a minha cópia da ficha médica do Joe e procurar, na primeira página, a morada da família dele.

A localização explicou de imediato como é que a família do Joe conseguia custear mais de 25 anos de tratamento de um paciente interno. Situava-se numa parte do Estado tão conhecida pela sua fortuna que só o nome invocava imagens de carros com matrículas douradas, casas apalaçadas e iates privados. Como se não bastasse, uma rápida consulta no MapQuest indicou que a casa da família do Joe ficava no centro de uma vasta propriedade junto à água. Noutras circunstâncias, teria ficado no mínimo

curioso para ver tal opulência mais de perto, mas, no caso em concreto, a única coisa que me veio à cabeça foi quão isolada a casa era e, consequentemente, quão longe de qualquer ajuda uma pessoa — em especial uma criança pequena — estaria nesse lugar. A única vantagem era situar-se apenas a hora e meia de distância de carro de New Haven, a menos que houvesse muito trânsito. Como tal, pousando as indicações do MapQuest no lugar do passageiro para rápida consulta, dei início à viagem da descoberta do que estaria à minha espera no lugar de origem da demência do Joe, se se tratasse realmente disso.

Se eu acreditasse que a natureza tinha sentido de ironia, aquela viagem teria sido prova mais do que concreta disso mesmo. O tempo não podia estar melhor: um perfeito dia de outono; o trânsito, inexistente; e, como se não bastasse, recebi uma mensagem da Jocelyn a desejar-me sorte e a dizer-me que estaria em casa nessa noite, pelo que poderíamos pôr a conversa em dia. Em suma, noutras circunstâncias, teria sido um dia perfeito, o que tornou a viagem de carro ao equivalente secular da boca do Inferno ainda mais inquietante.

O caráter pitoresco da zona do Estado onde a família do Joe morava realçava ainda mais essa dissonância cognitiva. Devo ter passado por centenas de mansões colossais mas elegantes, do tipo que somente dinheiro antigo poderia construir, todas aparentando pertencer a um romance da Jane Austen, e não a uma rua nos Estados Unidos da América. Os poucos moradores que vi nas ruas pareciam saídos de um catálogo da Brooks Brothers ou da J. Press, envergando indumentárias que valiam vários meses do meu salário e relógios que custavam pelo menos tanto quanto eu ganhava num ano. O meu Ford Taurus relativamente modesto, ainda que bem conservado, destacava-se imenso entre o exército de Mercedes, Audis e Bentleys. Surpreendia-me que alguém que morasse numa cidade como aquela acabasse internado num hospital, quanto mais no Hospício Estatal de Connecticut. Aquele era o tipo de lugar onde toda e qualquer dor era adormecida com medicação e visitas a

psiquiatras especializados, ou mantida a uma distância respeitável com gastos copiosos. Em suma, tratava-se de um lugar onde tudo o que era desagradável, e ainda para mais um horror sobrenatural, fora ostracizado para longe da vista e da mente.

Só quando estava a estacionar junto ao pesado portão de ferro forjado, embutido num muro alto e largo de cantaria, na propriedade da família do Joe, é que senti algo de sinistro nesse meio envolvente, embora em parte talvez fosse resultado de ter sido chamado à atenção por um segurança entroncado mais adequado a uma missão da Blackwater do que a uma tranquila casa de família. Sem querer parecer excessivamente nervoso, expliquei-lhe, com os melhores modos possíveis, que era médico e que queria falar com os moradores sobre o filho deles.

Ele deu meia-volta com uma precisão militar e marchou em direção à sua cabina, onde premiu uma série de dígitos numa consola. Uma voz feminina, com uma pronúncia educada e tensa que por norma associamos aos membros idosos de um clube de iates, ecoou de uma pequena coluna e, após uma breve conversa com o indivíduo mandão que acabara de me barrar o caminho, autorizou a minha entrada. O guarda pôs fim à comunicação de uma forma educada e premiu um botão, fazendo abrir o portão com uma delicadeza e um silêncio quase perfeitos. Com o estômago às voltas devido aos nervos que estivera a tentar reprimir desde que saíra de casa nessa manhã, continuei o meu caminho.

O acesso à casa da família do Joe fazia-se por uma colina gradual e obsessivamente cuidada, rodeada por um pequeno bosque de áceres e carvalhos-vermelhos igualmente bem tratado. No cimo da colina, cercada de faias, ficava a casa em si — uma gigantesca mansão neogótica de pedra que parecia transformar os raios do Sol num radiante brilho pastel. Estacionei em frente à mesma e, estendendo as chaves a um arrumador arrogante com um ar angustiado por ter de se sentar num carro tão modesto como o meu, saí do carro com o intuito de encarar o que aquela casa me reservava.

Todavia, quanto mais a fitava, mais inquieto me sentia. Sinceramente, acho que teria considerado menos perturbador se a família do Joe morasse num castelo feito de pedra negra, repleto de gárgulas demoníacas gritantes e permanentemente iluminada por relâmpados. A casa era colossal; tão grande que poderia ter albergado uma escola inteira e ainda assim parecer espaçosa. Estou certo de que rivalizava com o edifício principal do HEC em termos de tamanho. Quanto à ornamentação, era superfluamente agradável, com imensas rosas de pedra e cupidos sorrindo dos inúmeros parapeitos e muralhas, para não falar de um sem-número de adufas esculpidas à mão e quantidades imensas de vitrais. Todavia, mesmo aos meus olhos pouco treinados, tais ornamentos faziam lembrar uma máscara de purpurinas aplicada sobre o que era essencialmente um edifício fortificado sinistro e austero, todo ele ângulos severos, pináculos aguçados e contrafortes protuberantes. Interroguei-me sobre que tipo de arquiteto desenharia uma casa como aquela, e sobre o tipo de pessoa que faria tenção de morar nela. Não era de admirar, portanto, que um doente mental incurável tivesse brotado das paredes de tal imitação de bastilha numa gótica Strawberry Hill.

Enquanto subia as reluzentes escadas de calcário, a porta abriu-se e uma mulher franzina, cujo rosto parecia ser a personificação da beleza graciosamente envelhecida, desceu ao meu encontro. Devo admitir que a primeira coisa que me ocorreu ao vê-la foi que não correspondia, de todo, à minha imagem do tipo de pessoa que conspiraria para manter em segredo a agressão sexual de um filho, mesmo que em negação. Ela possuía uma aura de bondade, mas cercada por uma tal dureza naturalmente aristocrata que calculei que já tivesse nascido a tocar uma sineta para chamar a criadagem.

— Dr. H. — disse-me ela, com a mesma pronúncia afetada que eu ouvira através do intercomunicador —, é um prazer recebê-lo. A Dra. G. telefonou a avisar-me que viria hoje, e devo dizer que fiquei aliviada. Como está o meu menino? Tenho pensado tanto no meu pobre Joseph... Quase não tive notícias do hospital nestes

últimos anos, além das faturas, claro, portanto imagina a minha alegria perante a sua visita. Faça o favor de entrar.

— Muito obrigado, Sra. M. — respondi educadamente, apertando-lhe a mão com o que eu esperava que fosse um profissionalismo adequado. — Fico muito contente por tê-la encontrado em casa, uma vez que esperava poder conversar com os pais do Joe.

— Bem, infelizmente terá de ser apenas comigo — retorquiu ela, com uma leve tristeza. — O pai do Joseph faleceu há já dez anos. No entanto, se o puder ajudar, terei muito gosto em fazê-lo. Venha sentar-se na sala de estar, para conversarmos.

A «sala de estar» era uma câmara abobadada de tetos altos, abundantemente mobiliada com peças antigas de mogno e cerejeira, e o que pareciam ser cabeças de animais decorativas. Pouco acostumado à magnificência de tamanha riqueza, contemplava a sala com um ar deslumbrado quando uma cabeça embalsamada em particular me fez recuar com um salto, chocado, e soltar um pequeno arquejo.

Basicamente, tratava-se de uma cabeça como eu nunca vira, e que também não desejo voltar a ver. Se me tivessem dito que era verdadeira, talvez tivesse pesadelos para o resto da minha vida. Emergindo da placa na qual se encontrava montada, havia uma cabeça bolbosa e quase disforme com cerca de 50 centímetros de comprimento, com um par de olhos segmentados amarelos e enormes, e várias fileiras de tenazes que pareciam escorrer veneno. Pior do que isso, o taxidermista tentara fazê-la parecer o mais real possível, porque os olhos cintilavam com um brilho maligno de sadismo e as tenazes emergiam do rosto com uma agressividade furiosa, como se a coisa pudesse fechar as mandíbulas a qualquer instante e esmagar a cabeça de qualquer criatura inocente que conseguisse apanhar. Uma bocarra escancarada e cheia de dentes, lembrando a boca da maior sanguessuga do mundo, abria-se entre as tenazes e os olhos, a postos para eviscerar o que quer que entrasse nela.

Reparando no meu ar horrorizado, a Sra. M. seguiu o meu olhar e estremeceu.

— É medonha, não é? — comentou. — Mas nunca tive coragem para a tirar da parede. Não se preocupe, é uma peça artística, não é real. O Charles, o pai do Joseph, era um caçador notável e, quando o Joseph começou a sofrer de terrores noturnos, achou que talvez o ajudasse se fingíssemos que ele tinha apanhado e matado a coisa, e depois pendurámos a cabeça nesta sala. Contratámos um artista para reproduzir uma descrição exata das palavras do Joseph e para estudar os desenhos dele. E o resultado foi este. — Ela fungou, desiludida. — Mas esta coisa horrenda não tranquilizou o Joseph, como é óbvio. Acho que até o assustou ainda mais. Porém, como ele continuava hospitalizado, mantive-a aqui, em parte para me lembrar do quanto o Charles queria ver o Joseph curado, em parte como símbolo de esperança para mim, de que um dia o Joseph conseguiria vencer a doença mental que o fez imaginar esta coisa nojenta.

Ainda petrificado com um misto de repugnância e fascínio, foi com algum esforço que desviei o olhar daquele retrato horrendo do bicho-papão de uma criança de 6 anos. Porém, a referência aos terrores noturnos dele lembrou-me o meu propósito, e virei-me para olhar para a mãe do Joe.

— Sra. M., são precisamente os terrores noturnos do Joe que me trazem cá — comecei por lhe dizer, tendo ensaiado o meu timbre inúmeras vezes durante a viagem. — Apesar de já termos experimentado várias abordagens de tratamento, começámos a interrogar-nos se a psicose mais permanente dele não estará relacionada com os terrores noturnos iniciais. Nunca os explorámos verdadeiramente quando ele foi internado pela primeira vez, e talvez exista algo que pudéssemos ter descoberto na altura se lhe tivéssemos feito mais perguntas sobre os terrores noturnos.

A mãe do Joe olhou-me com uma expressão penetrante, e reparei, pela primeira vez, que, não obstante a aparência excessivamente polida dela, na verdade parecia algo ansiosa, desesperada até, por boas notícias.

— Dr. H., antes de mais, trate-me por Martha — pediu. — Se tenciona realmente tentar devolver-me o meu filho ao fim de

tantos anos, no mínimo podemos tratar-nos pelo primeiro nome. Faça-me as perguntas que entender. Se souber a resposta, dar-lha-ei.

Assenti com a cabeça.

— Obrigada, Sra. M... hã... Martha.

Eu sabia que deveria fazer-lhe mais perguntas sobre os pesadelos, mas, ao observar a opulência que nos rodeava, ocorreu-me outra linha de pensamento.

— Primeiro... Bem, tenho de perguntar: por que motivo internaram o Joe no nosso hospital?

A Martha deixou escapar uma breve risada.

— Acha que o vosso hospital é demasiado prosaico para gente como nós? Bem, calculo que nunca tenha tido de lidar com matrículas em colégios particulares? — Neguei com um aceno. — Tínhamos receio de que, se levássemos o Joseph para um hospital ou médico conhecido na nossa comunidade, o estigma das doenças mentais interferisse com a sua eventual candidatura a uma escola e afetasse a vida dele para sempre. O meu marido e o Thomas tinham sido colegas em Choate. Ele aceitou manter a terapia do Joseph na HEC em segredo, a título de favor pessoal. É claro que, ao fim de uns anos, tornou-se evidente que toda essa precaução fora em vão. Mas o Charlie insistiu em manter o Joseph sob os cuidados do Thomas. Sentíamo-nos tranquilizados pelas suas competências e dedicação ao nosso filho.

— Quais foram os primeiros sintomas dele? E quando é que reparou neles?

— O Joseph devia ter uns 5 anos — retorquiu a Martha. — Tínhamo-nos mudado para esta casa e decidimos que estava na altura de ele ter um quarto próprio. Na altura estava grávida da irmãzinha dele, a Eliza, e, embora pudéssemos ter deitado abaixo algumas paredes e aumentado o berçário, todos os nossos amigos nos diziam que com 5 anos ele era demasiado crescido para dormir num quarto de bebés; não seria justo para um menino em crescimento ter de aturar o choro de um recém-nascido. Por isso contratámos um decorador para remodelar uma das suites mais

pequenas no piso de cima e transformá-la no quarto de menino mais encantador possível, e pusemos lá o Joseph. Ele adorou o quarto novo assim que o viu, e a ama dele tinha praticamente de o arrastar de lá quando chegava a hora das refeições. Mas naquela noite... — Ela engoliu em seco e ergueu uma mão. — Se não se importa, Dr. H., vou servir-me de uma bebida antes de continuarmos. Posso oferecer-lhe alguma coisa?

— Trate-me por Parker, por favor — pedi-lhe. — E não, obrigado.

Ela levantou-se e aproximou-se rapidamente de um bar esculpido à mão em forma de globo, despejando uma quantidade generosa de líquido cor de âmbar num elegante copo de cristal, que depois rodou durante uns instantes antes de beber o primeiro trago. Aparentemente fortalecida, tornou a sentar-se e continuou a falar:

— Nessa noite... Parker, não imagina quão terrível foi. O Joseph desatou a gritar como se estivesse a ser assassinado, nem uma hora depois de o termos deitado. E, quando fomos ver o que se passava, explicou-nos que um inseto gigante lhe agarrara a cabeça com as tenazes e ia fazer-lhe mal. A roupa de cama dele não revelava sinais de estragos, e o rosto dele estava perfeitamente normal, pelo que atribuímos o incidente a um pesadelo por estar num quarto novo. Achávamos que acabaria por passar depois dessa noite, mas não passou. Continuou a acontecer. — Ela bebeu mais um trago, dessa vez mais demorado e penoso. — Tentámos tudo — disse ela, enfaticamente. — A princípio pensávamos que era apenas a imaginação dele, mas a reação era tão vívida e expressiva! Montámos ratoeiras junto à parede de onde ele dizia que o inseto saía. Mas nunca foram acionadas quando ele desatava a gritar, e uma coisa do tamanho que ele descrevia jamais as teria evitado. Pedimos à ama para o cansar com atividades físicas durante o dia, na esperança de que dormisse mais profundamente. Mas depois... — Ela fez uma pausa, recordando algo que claramente a desconcertava. — Depois a ama começou a comportar-se de uma maneira estranha, de tal maneira que tivemos de a despedir. Sim, agora me lembro.

Quando a contratámos, logo a seguir a termo-nos mudado para esta casa, pareceu-nos ser uma cuidadora doce e carinhosa. Precisávamos de alguém que tivesse jeito para lidar com um rapaz pequeno, mas que também pudesse acumular a posição de enfermeira interna de um recém-nascido, quando a Eliza nascesse. Mas depois, umas semanas mais tarde, fomos dar com ela a gritar profanidades ao Joe, que estava encolhido num canto. Imagino que os problemas dele a tenham esgotado também, mas fosse qual fosse o motivo para o mau feitio dela não podíamos permitir que descarregasse nele. Acabámos por despedi-la e contratámos uma pessoa mais velha. Com mais experiência. Esperávamos que fosse menos propensa a perder a paciência com o excesso de energia de um rapazinho. Infelizmente, também ela se revelou pouco indicada ao fim de algum tempo. Tornou-se preguiçosa e lenta. Tinha imenso jeito com a Eliza, quando ela nasceu, o que na altura penso que seria o mais importante, mas nunca aguentou o ritmo do Joseph. Por isso, fiz os possíveis para o cansar, antes que a minha barriga ficasse demasiado grande.

» Todos os dias dizíamos ao Joseph que estávamos a «limpar dali o monstro» e a deitá-lo fora, mas ele insistia que o monstro continuava lá. Tentámos mudá-lo para outros quartos no mesmo piso, mas de nada serviu. Durante cerca de um mês, logo no início, trazia-o para o nosso quarto, mas o Charles não queria nada disso. Por um lado, o Joseph continuava muito agitado e a ter pesadelos, ainda que não tão intensos; por outro, precisávamos que aprendesse a dormir sozinho. Que crescesse. A dada altura começámos a sedá-lo, o que parecia proporcionar-lhe umas horas de descanso, até ele acordar aos gritos nas primeiras horas da manhã.

» Então, o meu marido contratou um escultor para fazer aquela coisa que viu e fingiu que tinha sido morta para proteger o Joseph, mas também não serviu de nada. Pensámos que talvez o Joseph visse insetos pela casa e que isso estivesse a desencadear o problema, pois tinha tanto medo de insetos que, assim que via

um, ficava completamente histérico. Então, contratámos um extermínador para fazer visitas diárias e pedimos-lhe que vasculhasse a casa toda, e em especial o quarto do Joseph, todos os dias e matasse quaisquer insetos que se esgueirassem para o interior. Nada resultou. Ele insistia que o monstro o acordava afagando-lhe o rosto com as garras e segurando-lhe a cabeça com as tenazes, todas as noites.

A Martha beberricou mais um gole. Depois prosseguiu:

— O Charles insistia que ele acabaria por ultrapassar aquilo, que todos os rapazes pequenos têm pesadelos recorrentes ou veem algum tipo de bicho-papão, e que a situação dele não seria diferente. Receava que, ao pôr o Joseph a fazer terapia ou ao interná-lo num hospital psiquiátrico, o pudesse traumatizar mais do que o que quer que fosse que ele via a meio da noite. E tinha a certeza de que afetaria negativamente as hipóteses de ele entrar para um bom colégio.

» Mas, ao fim de nove meses, a situação começou a piorar. O Joseph andava apático. Se é possível uma criança com 6 anos sofrer de depressão, então eu diria que era o caso. Já não falava tanto no assunto, e algumas noites apenas o ouvíamos a chorar. Mas depois... Houve uma manhã em que desceu para o pequeno-almoço e estava cheio de nódoas negras. Demorei uns dias a perceber do que se tratava; pensava que eram resultado das brincadeiras mais brutas com os amigos. Porém, depois começou a aparecer com arranhões também, nos braços. Eu já não aguentava mais, por isso pedi ao Charles para ligar ao Thomas, que nos disse para o levarmos para o HEC.

Ela acabou a bebida e, esforçando-se claramente para manter a compostura, fez uma pausa e dirigiu-se para a garrafa de cristal. Virando-se de costas para mim, tornou a encher o copo, e eu não a interrompi. Tinha a perfeita noção de que a história estava a exigir imenso dela.

— Ele ficou internado — prosseguiu. — Penso que uma ou duas noites, já não me recordo. Mas quando voltou para casa, Parker, ninguém diria que aquele menino alguma vez tivera medo fosse do que fosse. Veio o caminho todo a tagarelar, dizendo que já não

tinha medo do monstro. Que agora era muito corajoso e que o monstro era ele a assustar-se a si próprio. «Não tenho medo de mim, mamã, por isso também não posso ter medo da coisa! Foi o médico do castelo das pessoas assustadas que mo disse!» Não parava de o repetir. — Ela esboçou um sorriso irónico. — Parecia uma espécie de versão do que o Charles andava a dizer-lhe há uns anos: que não era real, que os monstros não existem, que era da imaginação dele, mas penso que terá sido por causa do Thomas. O efeito de um tipo de médico muito especial. De qualquer modo, tentámos dar-lhe os sedativos nessa noite, mas ele insistiu que não precisava deles. Disse que queria confrontar o monstro e dizer-lhe que já não o podia assustar. — Reparei nas mãos trémulas dela, quando bebeu mais um trago da bebida. — A princípio ainda gritou, mas, antes de chegarmos à porta do quarto, já se tinha calado. Achámos que talvez fosse ele a fazer frente aos seus medos, que o que o médico lhe tinha dito estivesse a resultar. E, como não voltou a fazer barulho nessa noite, partimos do princípio de que estava finalmente a dormir em paz.

» Mas, na manhã seguinte, fomos dar com o Joseph agachado a um canto. Começou a fazer uns barulhos horríveis na nossa direção e estava... Tinha os olhos raiados; um olhar animalesco. A forma como ele nos olhava... nem o reconheci. Foi horrível.

» Então levámo-lo novamente ao Thomas. E sei que isto lhe vai parecer uma coisa horrível de se dizer, mas, assim que ele partiu para o hospital, foi como se uma nuvem se tivesse dissipado. E tenho noção de que provavelmente não passa da minha própria necessidade desesperada de não me sentir tão impotente, mas.... há muito que penso que talvez tenha culpado o meu menino pelo que estava a acontecer-lhe. Que não o amei o suficiente para o ajudar a ultrapassar a situação. E por isso é que ele é... como é.

Era inconclusivo, em termos da minha própria teoria, mas ouvi-lo assim descrito, com pormenores tão sinistros, serviu para enfatizar ainda mais a tragédia em si.

— Não me parece que deva culpabilizar-se. É óbvio que o ama, e presumo que o mesmo se pudesse dizer do seu marido —

retorqui. Em seguida, empreguei um tom mais carinhoso: — Não leve a mal a pergunta, mas por que razão nunca visitaram o Joe desde que foi internado?

A Martha olhou-me com uma expressão angustiada.

— Nós quisemos fazê-lo, Parker — disse quase num sussurro. — Acredite, durante muitos anos não quisemos outra coisa. Mas o Thomas recusou sempre. Disse-nos que a nossa presença poderia agitar o Joseph e que ele era demasiado imprevisível para ter mais perturbações. Estávamos sempre a insistir com ele, queríamos saber quando é que seria possível visitá-lo, até que, por fim, o Thomas perdeu a paciência connosco. Disse-nos, praticamente aos gritos, que o Joseph, o meu pequenino, era um lunático perigoso. Instável. Violento. Disse-nos que a separação era para nossa segurança, tanto como para segurança do próprio Joseph. E que se a situação melhorasse, explicou-nos, entraria em contacto connosco. Mas já se passaram décadas e... a situação não melhorou. Acabámos por perder toda a esperança. Acho que isso destruiu o Charles... — Fez uma pausa. — Mas agora está aqui. — Ela tentou disfarçar o desespero que sentia, mas, não obstante os vários anos de uma estoica educação branca, anglo-saxónica e protestante, a sua angústia era mais do que evidente.

Ao ouvi-la, senti-me de imediato imundo por ter pensado que aquilo de que o Dr. A. suspeitara pudesse ser verdade, mas também ansioso para evitar que a esperança dela fosse em vão.

— Martha, tenho um favor a pedir-lhe. Talvez ajude com o tratamento do Joe.

— Certo — replicou ela. — Tudo o que for preciso.

— Estamos convencidos de que o Joe ficou com a ideia de que, em vez de o monstro ser fruto da imaginação dele, parte dele era o monstro — expliquei-lhe. — Isso significa que precisamos de saber o máximo possível sobre as origens da coisa e determinar quaisquer fatores relativos ao ambiente. Numa das gravações que temos das sessões de terapia do Joe, ele diz que o monstro saiu da parede. Se não se importa, gostaria de ver o quarto dele e, com a sua autorização, examinar essa parede para ver se há

alguma coisa estranha. Talvez indícios de uma infestação que tenha escapado ao exterminador?

A Martha não precisou de tempo para pensar. Esvaziou o copo de um gole, pôs-se de pé e começou a sair da sala. Apercebendo-se de que eu não me mexera do lugar, virou rapidamente a cabeça para trás, num gesto impaciente.

— Então, do que está à espera? A resposta é sim. Venha lá daí.

Foram quatro longos lanços de escadas de uma casa imponente mas imaculadamente decorada. Os andares inferiores possuíam essencialmente esse luxo dourado e cor de salva, com pisos em madeira nobre, que eu associava aos anos 90, ao passo que o corredor estreito e alcatifado no piso superior revelava tons ferrugem e castanho-escuros típicos dos anos 70. Presumi que qualquer remodelação que tivesse sido levada a cabo durante esses anos desde a partida do Joseph se limitasse aos pisos inferiores. Quanto ao quarto do Joe, assim que entrei, percebi que há muito que essa divisão não era habitada, ou mesmo visitada. Uma camada de pó cobria todas as superfícies, e alguns dos brinquedos antigos pareciam ter enferrujado. Ainda assim, tratava-se de uma divisão que teria exercido um efeito calmante em qualquer criança mais nervosa. Havia brinquedos espalhados por toda a parte, desde figuras de ação a animais de peluche e linhas férreas de comboios miniatura ocupando toda a área do quarto. As paredes estavam pintadas num relaxante tom azul-escuro, à exceção de uma delas, onde fora pintado um enorme e hiper-realista carro de corrida vermelho-vivo, incrivelmente pormenorizado. A cama de dossel mais parecia uma nuvem, tal era a quantidade de almofadas e edredões macios. E o chão encontrava-se revestido com uma alcatifa suave e fofa, no mesmo tom azul calmante do resto do quarto.

Não obstante, a Martha hesitou à entrada, como se a mera imagem do quarto tivesse afetado a sua determinação. Então, com uma expressão dura no olhar, ela entrou e fez-me sinal para que me aproximasse da parede com cerca de três metros junto à cama. Apontou para a mesma com desdém.

— Era daqui que o Joseph dizia que a coisa saía. Completamente

impossível, claro. Mesmo que acreditasse na existência do monstro dele, jamais poderia esconder-se aqui. Esta é uma das paredes mais recuadas desta parte da casa. Não há nada do outro lado a não ser o exterior, nem sequer um orifício por onde algo se pudesse esgueirar.

Os olhos dela deambularam pelo resto da divisão. Fez um pequeno gesto de impotência com a mão e olhou para mim.

— Obrigado, Martha — disse-lhe.

Ela anuiu, num gesto tenso mas gracioso.

— Temos um intercomunicador no corredor, mesmo à porta do quarto dele. Penso que ainda funciona, por isso, se precisar de mim, chame-me. — Ela saiu rapidamente do quarto e fechou a porta atrás de si.

E agora não me restava nada a não ser investigar o quarto. Comecei por vasculhar a quantidade aparentemente interminável de brinquedos, jogos e livros. Havia uma clara ausência de tudo o que se assemelhasse remotamente a insetos ou que mencionasse insetos; não encontrei nada que se parecesse com a coisa horrenda imortalizada numa escultura no piso inferior. À exceção da sua vasta quantidade, não havia nada digno de nota nos objetos pessoais do Joe. Tratava-se do tipo de coisas que se esperaria encontrar no quarto de uma criança endinheirada, ainda que os jogos e os livros datassem claramente do início dos anos 70.

Em seguida, espreitei roupeiros e gavetas, vasculhando por entre as muitas peças de roupa. E também verifiquei a cama, mas com o máximo de cuidado possível, pois a nuvem de poeira que levantaria se o fizesse rapidamente matar-me-ia. O odor a bolor e a decomposição já eram consideráveis. O facto de o espaço aparentar ter sido deixado exatamente como estava desde a partida do Joe era uma grande ajuda, mas não encontrei nada de significativo.

Quer dizer, quase nada. Houve algo que me chamou a atenção. A grande maioria dos brinquedos do Joe estava danificada. Isso era particularmente verdade no que dizia respeito aos animais de peluche, o que era contraintuitivo, tendo em conta que esses

objetos são muitas vezes concebidos para aguentar bastante uso por parte de crianças. E, no entanto, a maioria dos bonecos de peluche que encontrei revelava sinais óbvios de ter sido remendada ou ainda conservava rasgões de onde o enchimento estava a sair. Teoricamente, poderiam ter sido feitos por uma criança, mas seria necessária uma grande imaginação; em especial atendendo a que não vi quaisquer brinquedos ou objetos que me parecessem claramente aguçados ou duros para levarem a cabo essa tarefa. Além de que as partes rasgadas dos animais de peluche não correspondiam às zonas por norma mais massacradas pelas crianças — orelhas, pescoços, caudas —, o que me levava a questionar quem, ou o quê, teria rasgado aqueles brinquedos. Teria sido o Joe? Teria sido o pai dele? Um ato de sadismo com o intuito de danificar os tesouros da criança? A teoria do Dr. A. assomou-me à mente. Mas precisava de mais provas. Tinha de examinar a parede em si.

À primeira vista, não parecia suspeita. Posicionei-me entre a mesma e a cama e comecei a tocar na parede, carregando com força, batendo-lhe com os nós dos dedos, procurando sinais de debilidade ou deterioração. Examinei-a, à procura de indícios de insetos ou outra bicharada.

Os meus olhos perscrutaram a parede, atravessaram a divisão e incidiram na antiga cama do Joe, e então... reparei que havia duas zonas onde a alcatifa parecia ligeiramente torta. As pernas da cama elevavam-na a cerca de 30 centímetros do chão e avistei algo por baixo da mesma.

Interrogando-me se seria um truque de luz, ajoelhei-me e estendi o braço para tocar nessa zona enrugada, acabando por constatar que a alcatifa fora parcialmente arrancada do chão nos dois sítios e depois reposta, ainda que com alguma imperfeição.

Intrigado, puxei o que me parecia ser o ponto de origem do rasgão, e uma longa faixa de alcatifa soltou-se do chão, levantando-se com a mesma facilidade como se estivesse a puxar um lençol para trás. Foi então que reparei que o piso imediatamente por baixo, em vez de ser feito do mesmo mogno elegante existente noutras partes da casa, era de uma madeira

nobre mais clara e modesta, que a alcatifa pretendia esconder.

Mencionei isto porque foi graças à cor clara da madeira que consegui vislumbrar uma fila de pequenas manchas que seguiam o mesmo trajeto que a alcatifa arrancada e acabavam na parede atrás de mim. Se tivesse alguma dúvida em relação ao que se tratava, esta foi imediatamente eliminada quando descobri uma série de pequenos fragmentos de um material rijo perto dos pés da cama, que a minha educação médica me permitiu identificar logo como sendo unhas de uma criança. Uma criança estivera agarrada à alcatifa com tanta força que as unhas lhe tinham saltado quando a própria alcatifa fora rasgada, deixando um rastro de sangue que terminava junto à parede.

Pus-me de pé e fitei a parede durante um longo momento. Então dirigi-me para o intercomunicador e chamei a mãe do Joe. Quando ela chegou, mostrei-lhe a alcatifa rasgada e o chão com sangue, e perguntei-lhe se alguma vez reparara em alguma daquelas coisas. Desconhecendo que a alcatifa se encontrava danificada, ficou muito admirada com o sangue no chão, sem fazer a mais pequena ideia do que significaria. Os olhos dela seguiram o trilho de sangue e depois fitaram a parede com uma expressão assustada.

Tive de acenar com a mão para captar a atenção dela.

— Martha, gostava de espreitar o interior desta parede. É possível?

— Sim... hum. Do que precisa?

— Tem um machado?

Dez minutos depois, a Martha encontrara um machado de bombeiro dentro de uma arca guardada junto à janela, no quarto de bebé ao fundo do corredor. A arma encontrava-se ao lado de uma antiga escada de madeira e corda. Depois de mo entregar, encorajei-a a esperar no corredor; não sabia quanto lixo iria fazer ou o que iria encontrar.

Peguei no machado e comecei a minha investida, usando toda a força que os meus músculos conseguiam produzir em cada golpe. O estuque e as ripas de madeira ofereceram alguma resistência, mas a agudeza da lâmina e o desespero do meu ataque

atravessaram as mesmas, e um pedaço da parede interior soltou-se. Ao fazê-lo, revelou um horror de enregelar os ossos que me fez questionar se já teria perdido o juízo ou se estaria prestes a perdê-lo. Senti um cheiro fétido.

Continuei a minha investida, partindo estuque e vigas de madeira, até que uma grande folha de gesso com cerca de 50 centímetros caiu para a frente, revelando um pequeno nicho por trás da mesma. E no interior desse espaço — a madeira em volta esculpida com tanta perfeição que parecia ter sido talhada de propósito — estava o pequeno crânio de uma criança humana.

Horrorizado, tive de recuar e cobrir a boca para conter um vômito, assim que o fedor de várias décadas de decomposição escondida naquele túmulo esculpido me atingiu as narinas. Pior ainda era a incredulidade que sentia. O que estava a cheirar e a ver parecia-me inconcebível. Como era possível alguém ter esculpido um espaço com o tamanho exato para esconder o cadáver de uma criança dentro de uma parede sólida, de modo tão perfeito que exigisse que a parede fosse deitada abaixo para o encontrar? E para quê? Não servia qualquer propósito! Então, num cataclismo súbito de horror, fez-se luz na minha mente.

*Não tenho medo de mim, mamã, por isso também não posso ter medo da coisa! Foi o médico do castelo das pessoas assustadas que moi disse!*

*Decifrei o motivo por que as alucinações dele estavam constantemente a mudar. Mudam sempre que alguém lhe chama um nome novo.*

*Volta para dentro das paredes assim que eles aparecem. Ele derrete-se. Como um gelado. E depois parece que faz parte da parede.*

*Da próxima vez que o vir vou dizer-lhe que não tenho medo dele!*

O fluxo de pensamentos que me inundou a mente foi tão terrível que não consegui conter um grito. Porque nesse instante concluí que o que acontecera realmente era muito pior do que tudo aquilo de que eu, a Rose ou o Thomas tínhamos suspeitado.

O verdadeiro Joe estava morto desde a noite em que regressara

do hospital pela primeira vez. Fora asfixiado num túmulo criado por mãos que conseguiam derreter-se e atravessar uma parede sólida, as mãos da Coisa que o atormentara. E então, tendo-lhe sido dito que era o Joe, o monstro que se alimentava do medo e do sofrimento dele assumira a sua forma e entregara-se ao bufete que era o nosso «castelo para pessoas assustadas». Aí, durante mais de duas décadas, torturara doentes mentais, funcionários e médicos, sem que ninguém suspeitasse. Engordara ao fim de muitos anos de pensamentos negativos, a ponto de mal ter de se esforçar para produzir. E a cada tentativa que fazíamos para curar esse parasita malevolente e sem nome estávamos a enviar-lhe uma nova vítima. Todos os resquícios de esperança que ainda me restavam nos poderes curativos da ciência e da medicina foram destruídos por essa revelação.

Não obstante, por muito dolorosa que fosse, também trouxe com ela uma espécie de clareza fria. No momento em que a Martha, a mãe do Joe, entrou de rompante no quarto, compreendi que tinha de arranjar maneira de vingar o pobre rapaz assassinado cujo cadáver eu acabara de exumar.

Assim que a Martha olhou para o buraco na parede, penso que a mente dela se recusou, a princípio, a aceitar o que se encontrava no interior do mesmo. Limitou-se a olhar fixamente, com os olhos arregalados e uma expressão perplexa, para o pequeno esqueleto que estivera sepultado naquele quarto maldito durante tanto tempo.

Quando, por fim, desviou o olhar, foi para o erguer para mim com uma expressão infantil que parecia implorar a mim, o médico, que lhe desse uma explicação racional.

— O que significa isto?

Não havia maneira de conseguir formular uma resposta, pelo que não o fiz. Em vez disso, retorqui com uma pergunta também.

— Sra. M., posso ficar com este machado?

Ainda a fitar-me, com um misto de medo e incompreensão, ela acenou lentamente com a cabeça.

27 de abril de 2008

Bem, malta, e é isto. O fim da história que escondi durante mais de dez anos. Estou finalmente a revelar uma verdade que quase destruiu para todo o sempre o meu interesse pela medicina e pela psiquiatria, que quase me despedaçou o coração e levou à loucura, e que foi a causa da devastação de muitas pessoas ligadas ao HEC. Para ser sincero, esta deveria ter sido a parte mais difícil de escrever da história, mas, graças a todo o positivismo que vocês têm demonstrado, foi com uma sensação de alívio que a consegui transmitir. Sei que muitos de vocês não fazem a mesma interpretação que eu da minha descoberta dentro da parede na casa de infância do Joe, mas acho que compreenderão assim que lerem esta última parte.

Logo após aquela minha terrível descoberta, as horas seguintes foram uma espécie de vertigem. Sugeri à Martha, sem grande convicção, que chamasse a polícia; porém, ela parecia demasiado em choque para me ouvir. De qualquer maneira, senti que deveria sair da propriedade dela, em especial tendo em conta que acabara de destruir toda a sua esperança de alguma vez recuperar o filho, ao mesmo tempo que levantara todo o tipo de questões inquietantes e ameaçadoras da sanidade mental sobre o que era, exatamente, aquilo cujo internamento ela andava a pagar há mais de 25 anos. Seria preferível, raciocinei, que eu não fosse o primeiro psiquiatra com quem ela falava depois disso, pelo que pedi licença e dirigi-me para o meu carro.

Lembro-me de serem cerca de 4 da tarde quando deixei a mansão amaldiçoada, de machado de bombeiro na mão, tendo conduzido de imediato em direção ao hospital. Mas não fui

diretamente para lá. Se havia uma maneira de fazer com que a tal Coisa que se fazia passar pelo «Joe» admitisse o que fizera, queria ter a oportunidade de o conseguir, pelo que parei num Radio Shack perto do hospital e comprei um minigravador e uma cassette virgem que coubessem dentro do meu bolso. Calculei que, se ignorasse a presença do gravador, talvez se deixasse enganar e eu conseguisse um registo.

Então, sim, conduzi em direção ao hospital.

Cheguei perto das 17h45 e ainda pus a hipótese de tirar o machado da bagageira para acabar com o problema de uma vez por todas, mas o meu conhecimento dos procedimentos típicos do pessoal impediu-me de o fazer. Haveria demasiada gente por perto, e, embora eu quisesse vingar-me do monstro, não queria ser preso por isso.

Por essa altura o meu objetivo não era matar o «Joe», mas sacar-lhe algumas respostas. Independentemente do que ele pudesse ser, continuava a ser um prisioneiro à mercê da pessoa que tivesse a chave do seu quarto. Entrei de rompante no hospital e, depois de uma pequena paragem no meu gabinete, para ir buscar a minha bata de trabalho, dirigi-me para o covil da malvada criatura. À porta do quarto, enfiei a cassette dentro do gravador, premi a tecla de gravação e escondi o aparelho no bolso da bata. Em seguida, inseri a chave na fechadura e abri-a com um gesto furioso, a minha raiva plenamente justificada a sobrepor-se a qualquer vestígio de medo que pudesse sentir por ir fazer frente a um agente de terror desconhecido.

O «Joe» ergueu o olhar assim que entrei no quarto. Ao ver que era eu, o rosto dele exibiu o sorriso enigmático do costume, como se nada tivesse acontecido desde a minha tentativa fracassada de o libertar. Quando falou, foi no mesmo tom áspero que empregara ao fingir ser são.

- Ena, bons olhos o vejam, Doutor!
- Deixa-te de tretas — respondi, irritado. — Que coisa és tu?
- Que coisa sou eu? Caramba, ela deu-lhe mesmo a volta, não deu? Já lhe disse, sou um homem mentalmente são que eles estão

a usar para sacar...

— Não te atrevas! — gritei-lhe. — Acabei de vir da casa do verdadeiro Joe. Eu vi o que há dentro da parede. Por isso vou perguntar-te mais uma vez: sei que não és humano, portanto que coisa és tu?!

Hesito em escrever o que se seguiu tal como o recordo. Passei anos a tentar convencer-me a mim próprio, recorrendo a todas as ferramentas que a psiquiatria tem para oferecer, de que o que recordo faz parte da minha imaginação. Ainda assim, as recordações mantiveram-se obstinadamente iguais. Como tal, para conseguir transmitir-vos o perigo em relação ao qual sinto que é meu dever avisar-vos, tenho de dar à minha experiência a credibilidade que ela merece e reportá-la tal como a recordo, mesmo que considere mais reconfortante fingir que se tratou da minha própria mente a abandonar momentaneamente toda a sanidade.

O «Joe» fitou-me durante imenso tempo. O meu conhecimento era um desenvolvimento que ele claramente não antecipara. Pôs-se de pé e levantou as mãos na minha direção, expondo os antebraços. Feridas abriram-se-lhe nos pulsos, revelando-se lentamente, como que por magia. Mas não foi sangue que fluiu das mesmas; foi uma avalanche de larvas devoradoras a contorcerem-se. O sorriso dele alargou-se até as faces se rasgarem e se abrirem num ricto ensanguentado. Uma poça amarela horrenda e venenosamente amarela começou a formar-se aos pés dele, com fios escarlates flutuando no centro. As pernas e o dorso esticaram-se até ele ficar acima de mim, e olhou-me com uma expressão divertida maligna e torturante.

Quando a Coisa que se fazia passar pelo «Joe» tornou a abrir a boca, sangue escorria-lhe das gengivas expostas, e ele riu-se com o sibilo húmido e putrefacto dos meus pesadelos.

— Parker... meu menino — garganteou, uma paródia abominável e distorcida da voz da minha mãe. — Ajuda-me.

Por instantes, fiquei paralisado de medo. Fosse eu um homem mais frágil que não tivesse visto o pequeno crânio e os restantes

ossos na parede e descoberto tudo o que descobrira nesse último dia, teria permanecido na mesma posição. Talvez tivesse saído do quarto aos gritos, para depois eu próprio ser amarrado a uma maca. Mas anos a fio do sentimento de culpa típico dos sobreviventes e uma violenta indignação moral tinham surtido o seu efeito, e nesse instante percebi que temer a Coisa era dar-lhe o que ela queria. E isso era algo que eu não podia — não queria — fazer. O meu medo transformou-se em fúria cega e cuspi no rosto mutilado da Coisa que se fazia passar pelo «Joe».

— Vai à merda! Estás a falar como a minha mãe porque achas que tenho demasiado medo para ripostar. Da mesma maneira que sabias que assumires a forma de um inseto gigante assustaria o verdadeiro Joe.

Não houve resposta, apenas mais sangue a jorrar da boca mutilada da Coisa. Todavia, parecia querer comunicar qualquer coisa. Foi preciso muito sangue-frio para eu não recuar quando se inclinou sobre mim para que sentisse o odor fétido do seu hálito, um movimento que não parecia preceder uma investida. Ergueu uma das mãos de aranhiço e encostou-a ao bolso onde eu escondera o gravador. Então, com outra gargalhada húmida, abanou o dedo na minha direção, numa reprimenda trocista. O significado parecia-me evidente: *Isso não vai servir de nada*.

Fui acometido por mais um arrepio. Ignorei-o, mas com muito esforço.

— O que és tu?! Preciso de saber!

O maxilar da Coisa pareceu desprender-se, e, dessa vez, a sua voz húmida e putrefacta conseguiu formar palavras.

— O que... é... que... achas?

Tratava-se de uma armadilha. Queria que lhe desse um novo papel para representar.

— Acho que és um coelhinho branco fofo — respondi, numa voz trocista. — Acho que te chamas Abracinhos.

A Coisa soltou outra gargalhada rouca e horrível.

— Não... achas... — Fez uma pausa mais longa do que o habitual, enquanto mais sangue lhe escorria pelo queixo. — ... nada... disso.

Olhei-o com uma expressão furiosa.

— Talvez não, mas não te vou alimentar com um papel para representares. Já estou a par de como funcionas — repliquei. — Mas posso dizer-te o que sei. Sei que mataste o Joe. Mataste-o e assumiste o corpo dele.

Não me respondeu. Durante uns segundos não reagiu de todo. Então, com outra risada ensopada em sangue, movimentou a cabeça para cima e para baixo, em concordância. Reprimi um arrepió.

— Porquê? — perguntei-lhe, mais por reflexo do que por curiosidade real.

A Coisa parou, parecendo pensar na minha pergunta. Quando a boca se abriu para tornar a falar, estava tão próxima que quase me engasguei com o cheiro nojento do seu hálito.

— Uma coisa... como... eu... nunca... teve... oportunidade... de ser...

— De ser humano? — terminei a frase, num sussurro baixo e aterrorizado.

Ele tornou a agitar o dedo na minha direção, abanando a cabeça com um conhecimento exagerado.

— ... de ser... uma presa.... — concluiu, enfatizando essa última palavra.

Senti-me agoniado, mas forcei-me a confrontar a situação com o máximo de distanciamento que me era possível. Ele estava a provocar-me, mas pelo menos estava a ser sincero.

— Mas porquê ficar aqui? Podias ter saído daqui há muitos anos. Podias ter torturado pessoas sem estares fechado. Porquê passar tanto tempo aqui?

— Não... sabia... como... ser... uma presa... — disse a Coisa, numa voz sibilada. — Aqui... muito alimento. Aqui... é seguro. Aqui... aprendo... como as presas... pensam. — Bateu com o dedo no peito e depois apontou-o para mim. — Curioso — silvou. — Como... tu.

Num gesto reflexo, dei um passo atrás, horrorizado com a insinuação.

— Eu não sou nada como... seja lá o que for que tu és! — respondi-lhe automaticamente.

A gargalhada dele soou qual pieira agonizada nos meus ouvidos.

— Sim... és... sim. Ambos... vivemos... da... desgraça. Tu... lucras. Eu... alimento-me.

— Cala-te — tentei gritar-lhe, mas a palavra saiu-me oca e trémula. A Coisa estava muito inclinada sobre mim, tão perto que me parecia grotescamente íntimo.

— Posso... ajudar-te. Posso... mostrar-te... o que... outras presas... receiam.

Sentia-me tão agoniado que tive de me encostar à parede, mas mantive uma postura desafiadora. Encarei-o com toda a coragem que consegui reunir.

— Não — retorqui. — Sei o que estás a fazer. Sabes que o meu maior medo é não conseguir salvar as pessoas. Só estás a fazer-me pensar que me podes ajudar para me veres fracassar e depois alimentares-te da minha angústia.

A expressão da Coisa, se é que se podia chamar expressão a um rosto mutilado, ficou subitamente sombria. Porém, em menos de nada o sorriso voltou e, com ele, uma risada que soava a uma cascata de ácido.

— Tu... não podes... lutar... — disse-me, num gargarejar medonho. — Presa estúpida. És... fraco.

— Mais estúpido és tu — repliquei, a minha voz enchendo-se de uma coragem irrefletida. — Tu é que és fraco, assim como estás agora. A única coisa que consegues fazer são truques da treta para tentares assustar as pessoas, mas se isso falha ficas na merda.

— Então... porque não... tentas matar-me? Vai buscar... o machado. Volta cá. Tenta. Eu... fico... à espera.

Machado? Por momentos fui apanhado de surpresa e comecei a sentir a intimidação a infiltrar-se no meu consciente. Então ocorreu-me um pensamento e retribuí o olhar sádico e trocista dele.

— Não preciso de te matar — respondi-lhe calmamente. — Basta-me fazer com que todos aqui deixem de te prestar atenção.

O que posso perfeitamente fazer, agora que vi o que fizeste ao verdadeiro Joe. E isso, sim, iria matar-te, certo? Se deixarmos de enviar auxiliares, enfermeiros e médicos, acabarás por ficar sem vítimas. Morrerás à fome. Pois bem, aproveita os pensamentos negativos que estiveres a obter de mim, seu parasita de merda, porque são os últimos que vais devorar. Isso garanto-te. — Dei meia-volta e estava prestes a sair quando ouvi a Coisa falar novamente, dessa vez numa cadência regular e na voz normal do Joe. E, por alguma razão, isso só tornou as suas últimas palavras ainda mais dissonantes, mais desconcertantes.

— Doutor? Ouça a gravação. Para o seu próprio bem, ouça a gravação antes de fazer seja o que for. Por favor.

Virei-me para ele, ainda que contrariado. O «Joe» estava a olhar para mim com uma expressão receosa. Todos os vestígios de sangue e mutilação tinham desaparecido do seu rosto e da sua roupa, e retomara a sua fachada de paciente. O chão estava limpo do fluido, como se eu tivesse sido acometido por uma alucinação. Não permiti que a imagem me assustasse. Saí e bati com a porta atrás de mim, deixando o hospital num acesso de fúria. Quando regressei ao meu carro, saquei do gravador que tinha levado, parei a gravação e rebobinei a fita. Então, enquanto conduzia em direção a casa, premi a tecla *Play* para perceber o que tinha sido gravado.

Quem me dera poder dizer que já estava à espera do resultado, mas infelizmente tinha alguma esperança de poder reunir provas concretas de que não estava louco. Já devem ter adivinhado o que ouvi: a minha própria voz e os meus próprios protestos irados claramente preservados na fita. Mas as respostas trocistas e provocadoras da Coisa que se fazia passar pelo Joe não eram audíveis.

Em vez disso, a única coisa que se ouviu foi a súplica aterrorizada de uma voz masculina esganiçada e familiar, rouca devido à falta de uso, mas de resto perfeitamente normal.

Escusado será dizer que, assim que cheguei a casa, parti a cassette com um martelo e deitei-a fora. Estava tramado. Não

podia contar a ninguém o que descobrira. Aquilo tinha-me vencido sem qualquer esforço. Sem provas de que se tratava de um monstro desumano que se alimentava do medo e sofrimento de todas as pessoas com quem interagia, não poderia esperar que o hospital deixasse de o alimentar e vestir. Verdade seja dita, à medida que as horas foram passando, comecei a duvidar de tudo o que acontecera. Nem sequer tinha a certeza de que conservava a minha sanidade mental.

Sei que nos filmes isto teria acabado comigo a ultrapassar as minhas dúvidas, a regressar para confrontar o monstro que se fazia passar pelo Joe e a cravar-lhe a lâmina de um machado no crânio, ou algo dramático do género. Mas, infelizmente, apesar de esta história ter claramente os seus momentos de um psicodrama de terror bem ao estilo hollywoodesco, não acaba da mesma maneira.

Não regressei ao hospital nessa noite. Aliás, acho que nunca mais voltei ao quarto do Joe, e não pelos motivos que possam estar a pensar.

Por que razão digo que não tenho a certeza? Bem, essa é a última parte estranha desta história.

Quando cheguei a casa, depois da minha visita à Coisa que se fazia passar pelo Joe, deparei-me com a Jocelyn à minha espera. Ela percebeu de imediato que se passava qualquer coisa e que eu ainda não estava preparado para falar sobre o assunto. Serviu-me algumas bebidas e depois abraçou-me até eu conseguir adormecer.

E, nessa noite, sonhei que tinha regressado ao hospital, mas este não estava iluminado da maneira que deveria estar iluminado à noite. Todas as janelas se encontravam às escuras, e, se estivesse acordado, jamais saberia como me orientar lá dentro. Mas, pelos vistos, o sonho sabia o caminho, pois senti uma força implacável instigando-me a continuar em frente. Como é óbvio, a minha mente subconsciente conhecia o hospital melhor do que eu, porque não entrei pela entrada principal. Em vez disso, esgueirei-me por uma porta lateral pouco conhecida que, por algum motivo, fora deixada aberta. Numa situação normal teria

ficado completamente desorientado, tropeçando escadas acima em plena escuridão, sem saber aonde é que estas conduziam, mas, mais uma vez, a parte do meu cérebro que estava a evocar a visão parecia conhecer o caminho, e não tropecei uma única vez.

O meu destino, como já devem ter adivinhado, era o quarto que pertencia à Coisa que se fazia passar pelo Joe. Mas o caminho até lá não me parecia normal. Talvez porque estava descalço no sonho, mas o piso parecia excessivamente escorregadio. Quase molhado, como se o empregado de limpeza tivesse acabado de passar com a esfregona. Mas essa não foi a característica mais irreal da experiência. Isso aconteceu quando cheguei ao quarto, quando ouvi o estalido do trinco da fechadura e vi a porta a abrir-se sozinha.

O eco horrivelmente familiar de uma voz soou no interior e um líquido começou a jorrar da abertura. Fluiu do quarto como se eu tivesse aberto a porta de um aquário selado, descendo o corredor numa enxurrada, escoltado pelo som de uma gargalhada rouca e sepulcral num volume absolutamente ensurdecedor. O líquido cheirava a ferro, a sangue e a urina, o fedor horrível que povoava os meus pesadelos desde a infância. O sonho teria decerto continuado, mas a sensação fria e húmida que me invadiu a pele foi tão real que acordei com um sobressalto, sentindo a Jocelyn a abanar-me com urgência. Pelos vistos acordara-a quando começara a murmurar numa voz profunda e chorosa, assustando-a de tal maneira que se vira obrigada a acordar-me. Além disso, devo ter transpirado profusamente, pois o meu pijama estava encharcado. Pelo menos digo a mim mesmo que foi isso que aconteceu, uma vez que a alternativa é demasiado inquietante.

Quando voltei ao hospital no dia seguinte para falar com a Dra. G. e partilhar com ela o que descobrira em casa do Joe, vi uma carrinha de eletricista e vários carros da polícia parados no parque de estacionamento. Enquanto me dirigia para o gabinete da diretora clínica no piso superior, calculei que algo de muito grave se passava e reparei que alguns elementos do pessoal e pacientes pareciam abalados.

Encontrei a médica reunida com alguns elementos do pessoal, mas mandou-os embora, gesticulando para que eu entrasse de modo a podermos falar a sós.

— Quero saber o que aconteceu durante a sua visita de ontem — disse-me, a tensão evidente na sua voz. — Mas primeiro tenho de o informar... Ontem à noite um cano parece ter rebentado na ala do segundo andar e a água inundou um disjuntor lá perto. O disjuntor está instalado numa zona central e interna porque é um elemento vital do sistema e não pode estar exposto a pequenas coisas como mau tempo ou acidentes. O eletricista conseguiu vir consertá-lo, mas o hospital ficou às escuras durante praticamente duas horas. E durante esse apagão alguém entrou no hospital e destrancou a porta do quarto de um dos pacientes, o quarto do Joe, assim como as portas de acesso à ala de segurança onde ele se encontrava.

— Alguém destrancou a porta?! E deixaram-no sair? — A minha voz soou esganiçada. — E apanharam quem foi? Apanharam-no a ele?

A expressão dela mudou ligeiramente, como se apenas nesse instante tivesse alcançado o que de facto acontecera.

— Sim, deixaram. E não, não os apanhámos. Infelizmente o apagão afetou as câmaras de videovigilância. E não, não o conseguimos apanhar. O Joe fugiu.

30 de abril de 2008

Eu sei que foi uma publicação curta. Depois de ter inserido as últimas palavras — «o Joe fugiu» —, pus o portátil de lado e tive de me afastar durante algum tempo. Nesse dia aconteceram coisas que ainda hoje me assombram e que são particularmente difíceis de partilhar. Não tinha a certeza se o conseguiria fazer, em especial depois da reação que obtive — vejo que muitos de vocês manifestaram as vossas opiniões negativas em relação à minha última publicação —, mas penso que preciso de ser tão sincero quanto possível convosco, independentemente do que optarem por acreditar. Ora bem, já conhecem a parte substancial do mistério, mas a conclusão é igualmente reveladora.

A polícia interrogou-me como suspeito na fuga dele, claro. As câmaras de videovigilância mostravam que eu estivera no quarto do Joe durante 20 minutos nessa mesma tarde, por volta das 18 horas, e o Hank, o auxiliar de ação médica nomeado pela Dra. G. para me vigiar, reportara que eu estivera no quarto do Joe e que me ouvira a discutir com ele. O Hank espreitara pela janela da porta, mas o que vira no interior tranquilizara-o de que não corriamo o perigo de nos magoarmos um ao outro, o que significava que não vira nada da transformação do Joe. Além do mais, existia uma declaração de testemunha por parte do Dr. P. em que dizia que havia a possibilidade de, no dia anterior, eu ter tentado ajudar o Joe a escapar. Mas a Jocelyn confirmou o meu álibi de que na noite anterior nos tínhamos deitado juntos e, como vim a saber muito mais tarde, a Dra. G. fez uma declaração em minha defesa a explicar que os meus atos aquando da «fuga» anterior tinham feito parte de um estudo feito ao paciente, com a

devida autorização dela. Como tal, fui rapidamente ilibado como suspeito. O pessoal do hospital, em especial os auxiliares Marvin e Hank, demoraram mais tempo a acreditar na minha inocência, mas eu estava demasiado preocupado para me chatear sempre que me olhavam de lado.

A ironia da situação é que a polícia estava convencida de que alguém pretendia fazer mal ao Joe. É política do hospital notificar as autoridades caso um paciente fuja, mesmo que se trate de alguém internado voluntariamente. O receio era que o Joe tivesse sido libertado porque alguém lhe quisesse pregar uma partida, ou pior. O Joe não tem qualquer registo criminal na polícia; para eles o Joe não é uma pessoa violenta. E a maior parte da comunidade hospitalar podia ter antipatizado com o Joe ou ter-se mantido afastada dele, mas, na verdade, não estava ali há tempo suficiente para ter conhecimento das agressões que ele cometera em criança. Os pacientes e o pessoal da instituição que tinham ouvido boatos sobre o Joe – de que as pessoas que lidavam com ele acabavam por enlouquecer – não disseram nada, com receio de que fizessem troça deles. A polícia anda à procura de um homem adulto que acreditam não estar bem e precisar de cuidados.

Não fazem a mais pequena ideia.

A minha conversa com a Dra. G. nesse dia foi interrompida pela notícia de que algo de grave se passava com o mentor dela, o Dr. A. Foi obrigada a retirar-se abruptamente, pelo que não tive oportunidade de reportar o que descobrira em casa do Joe, o esqueleto que encontrara nas paredes do quarto da criança. E também não lhe falei sobre o meu confronto vespertino com a abominação que acabara por corroborar as minhas descobertas, mas que me deixara sem a gravação de provas concretas. Em todo o caso, a Dra. G. esteve inconsolável e desligada do hospital nas semanas que se seguiram, e nunca tive oportunidade de voltar a falar com ela. Pelos vistos, o Dr. A. sucumbira a um ataque cardíaco em casa. Foi encontrado por uma empregada doméstica na manhã seguinte, estendido no chão da sua cozinha, e as autoridades estão convencidas de que os sintomas que ele

experienciou foram violentos e terrivelmente dolorosos. Uma cadeira estava tombada no chão e perto do corpo havia uma caneca partida, entre uma confusão de papéis espalhados que, certamente, ele estaria a rever.

Cerca de uma semana mais tarde, recebi uma mensagem da diretora clínica através do Dr. P., que, por incrível que pareça, ficara estranhamente animado e cheio de energia com a partida do paciente que conhecera como sendo o Joe. Era como se eu e o meu colega tivéssemos trocado de lugar. Sentia-me desconcertado e esgotado, cheio de dúvidas sobre se o nosso trabalho serviria de alguma coisa face ao perigo que eu via a toda a nossa volta, ao passo que o Dr. P. andava entusiasmado e com um vigor renovado. De qualquer modo, não era verbalmente agressivo comigo, pelo que aceitei a mudança com uma serenidade de espírito. A mensagem que me transmitiu da parte da Dra. G. foi a informação de que a Martha M., a mãe do Joe, se suicidara. Um jardineiro encontrara-a dois ou possivelmente três dias após a morte do Dr. A. Ao que parece, atirara-se da janela do quarto do filho. Não havia qualquer indicação de que algo sinistro tivesse sido encontrado na casa ou no quarto. Nenhuma referência a um buraco aberto no quarto ou a uma cripta com as ossadas do filho pequeno dela. Não sabia o que pensar disso e, uma vez que não via a Dra. G. desde essa altura, também não tive oportunidade de lho perguntar.

O hospital retomou algum tipo de normalidade cerca de duas semanas depois, mas eu andava profundamente ansioso. Não obstante o meu historial como sendo o único médico a ter sobrevivido ileso após ter trabalhado diretamente com o Joe, sentia-me um fracasso abismal. E ainda faltava acontecer mais uma calamidade.

Cerca de duas semanas depois de o demónio ter desaparecido, fui acordado pela polícia do campus e levado para o hospital da universidade, onde encontrei a Jocelyn espancada e coberta de sangue. Assim que olhei para ela, percebi que tudo estava errado. Os seus olhos verdes, por norma alegres e expressivos, estavam

mortiços e vidrados. O cabelo estava despenteado e desgrenhado. Exibia uma expressão de tal maneira frágil e desvairada que fiquei chocado. Quando tentei pôr os braços à volta dela para a reconfortar, encolheu-se, como se a mera ideia de que lhe tocassem a apavorasse. Então, aos poucos, entregou-se ao meu abraço, com um sorriso destroçado e receoso que parecia gritar bem alto que ela passara por uma experiência profundamente traumática.

A polícia explicou-me que a Jocelyn fora atacada à saída da biblioteca nessa noite. Quando lhe pediram para descrever o assaltante, e tal como já devem ter adivinhado, disse ter-se tratado de um homem pequeno, com o cabelo louro desgrenhado e os olhos meio desvairados — por outras palavras, e para mim, a forma humana assumida pela Coisa que se fazia passar pelo Joe. Presumi que me tivesse seguido até à cidade.

Assim que ouvi isso, tive de me fazer valer de toda a sanidade mental que me restava para não perder completamente o juízo. Como era possível que eu, um homem que seguira Medicina por não suportar a ideia de uma das mulheres mais importantes da minha vida, a minha mãe, ter sido destruída pela negligência, tivesse permitido que outra mulher da minha vida fosse igualmente destruída pela minha própria negligência? Era angustiante só de pensar, e ainda mais pelo facto de amar profundamente a Jocelyn e de me custar imensovê-la magoada de uma forma tão primária e irreversível. Se não estivesse gravemente ferida e a necessitar de cuidados hospitalares, eu talvez tivesse fugido de New Haven, dela, e de toda a minha vida adulta nesse preciso instante, sabendo que aquilo que sentia ser o meu destino — curar e proteger as pessoas — me fizera fracassar com alguém que amava. Eu sei quão irracional isto vos deve soar, mas, verdade seja dita, eu estava um autêntico frangalho emocional.

Não havia como negar o perigo que tinha causado, ainda que inadvertidamente, à Jocelyn, e ao resto do mundo. E quase tão angustiante quanto isso era o caráter *absurdo* de tudo aquilo.

Quando julgava que compreendia finalmente o demónio, ele tornara a surpreender-me. Pensava que ele quisera permanecer enclausurado, rodeado pelos psicologicamente vergados que havia no nosso hospital. Então porquê fugir agora? Vivera confortavelmente naquela ala durante décadas e neutralizara facilmente a ameaça que eu representara. Porquê correr riscos no exterior?

Infelizmente, acabei por criar uma teoria para essa última pergunta, que de imediato me inundou com um tremendo sentimento de culpa. Ao rever mentalmente a última conversa entre mim e a Coisa, recordei que a razão por que se mantivera no hospital fora porque «não sabia como ser uma presa», isto é, comportar-se como um ser humano. Além disso, não mudou de forma como reação à minha provocação do «coelhinho branco fofinho» porque sabia que eu «não acreditava nisso». E, embora todas as suas vias de infligir tortura psicológica dependessem de um tipo de conhecimento não humano, ainda assim eram métodos que um humano empregaria. Consequentemente, a única conclusão que consegui tirar foi que, enquanto todo o pessoal médico tratou a Coisa como se fosse humana, ela foi forçada a alinhar nessa percepção.

Portanto, à sua triste maneira, o Joe menino aprisionara-a obrigando-a a fingir ser humana. Era um facto que um dos pacientes lhe chamara «monstrinho de merda», mas a Coisa deve ter percebido que ele se referia a um monstro metafórico e não a um monstro literal. O paciente não acreditava que não era humana, portanto ela não pudera assumir outra forma. E enquanto ninguém expusesse o seu *bluff*, a Coisa estava encurrallada nessa forma física.

Mas depois eu apareci e disse-lhe que não só acreditava que não era humana como também *sabia* que não era. E com isso devo tê-la libertado, permitindo-lhe assumir a forma física mais eficaz, quer fosse um monstro quer fosse uma pessoa ou mesmo a onda de urina e sangue que eu experienciara no meu sonho. E, com a sua capacidade de mudar de forma totalmente restaurada,

já não precisava de depender do nosso hospital como santuário onde as pessoas eram treinadas para não acreditarem em monstros.

Esta era, e continua a ser, a minha teoria sobre o motivo por que fugiu do hospital. Infelizmente não tenho maneira de alguma vez a provar ou contestar, o que significa que permanecerá na minha consciência, por resolver, para todo o sempre.

1 de maio de 2008

Contava que a minha publicação de 30 de abril fosse realmente a última, mas não posso terminar as coisas assim, num tom tão negativo. Quero que saibam em que pé nos encontramos agora e o que fiz para me tentar redimir neste mundo.

A Jocelyn ficou profundamente marcada pela agressão de que foi alvo. Ficou internada no hospital durante uns dias e depois fez o resto da recuperação no nosso quarto, tendo acabado por entrar numa enorme depressão. Quando começou a insistir que não tencionava concluir o doutoramento, chegando a ponto de partir o computador e os discos externos à minha frente, sugerilhe que mudássemos de cidade. Também nós precisávamos de fugir dali.

A Jocelyn abandonou o curso e eu decidi estabelecer-me numa clínica privada. Os meus contactos do internato e da faculdade de Medicina ajudaram-nos nessa transição. Admito que é noutra região, mas não quero dizer onde. A agressão e o trauma mudam uma pessoa. Durante muito tempo mal reconhecia a Jocelyn, e desconfio que ela sentia o mesmo em relação a mim. Ainda assim, o nosso amor era estável, pelo que nos casámos cerca de 18 meses depois. Todos os dias aprendíamos coisas novas sobre o outro. As nossas cicatrizes permanecem connosco, e a Jocelyn continua a debater-se com a depressão. Mostra-me um lado feliz, mas tornou-se uma pessoa muito caseira e não demonstra qualquer interesse em fazer novas amizades. Diz que eu sou mais do que suficiente.

Da minha parte, sempre senti necessidade de dar um contributo mais forte. Talvez porque não cresci protegido pela segurança da

riqueza, como foi o caso da Jocelyn, ou talvez porque, como sei que tenho uma responsabilidade nesta história, passarei o resto da minha vida a reconciliar-me com isso.

Para tal, tenho empregado o que aprendi com esse paciente em particular da melhor maneira possível. Abri uma clínica de psiquiatria, especializada em tratar crianças com alucinações paranoicas ou transtornos de pânico. Alguns casos têm sido perfeitamente normais, enquanto outros têm implicado alucinações partilhadas, como o rapaz cujos pais estavam convencidos de que ele era assombrado pelo fantasma da irmã nada-morta.

De vez em quando atendo uma criança que me fala sobre um monstro que não a deixa dormir. Às vezes esse monstro sai da parede. Outras vezes sai do armário. Outras vezes ainda sai de debaixo da cama. Mas, de onde quer que saia, é sempre a coisa que elas temem mais. Exceto aquando da presença de outro pormenor, que dificulta o sono, até a mim próprio: às vezes, os monstros provocam as vítimas, dizendo-lhes que são crianças que foram transformadas em monstros e pedindo às crianças que atormentam para os «libertarem» com a justificação de que também são pessoas. Pior ainda, às vezes não sei se essas crianças estão realmente a pedir-me ajuda ou se serão crianças sequer. Talvez sejam demónios como o Joe, exibindo maldosamente a sua obra perante a única pessoa que sabe o que eles são e como os travar. Outras vezes, penso que estão a rir-se na minha cara, por detrás daqueles olhos de criança aterrorizados e manifestamente inocentes.

Porém, independentemente da razão por que esses jovens me contam as suas histórias sobre o que os aterroriza durante a noite, o facto é que alguns deles são efetivamente crianças humanas. E é por essas crianças desesperadas e indefesas, e respetivas famílias, que exerce medicina. Porque, ao contrário dos outros médicos, sei o que está em jogo. Talvez eu seja paranoico também, mas recordo-me bem das palavras do monstro. Lembro-me de que se vangloriara de que «uma coisa como eu nunca teve oportunidade de ser uma presa» e

estremeço perante a conotação dessas quatro primeiras palavras, porque sei o que significam: o que quer que o «Joe» fosse, não era o único. Talvez exista toda uma espécie dessas coisas num mundo paralelo e só agora estejam a despertar para o facto de que podem viver entre nós.

Bem, raios me partam se deixarei que mais alguma tome conta da vida de uma criança! E acredito que as minhas suspeitas costumam estar corretas, pois as crianças que trato que experienciam esse tipo de visitas noturnas raramente precisam de uma segunda sessão depois de eu as ter aconselhado.

Até agora, somente a Jocelyn conhecia esta história. E ela acredita em mim. Tem insistido para que a partilhe com alguém e tem sido tão insistente que, às vezes, acho que está ansiosa por isso.

Até há algum tempo disse-lhe sempre que não. No entanto, há poucos meses, antes de ter começado a escrever isto, informou-me de que estava grávida. E, dessa vez, quando me pediu que escrevesse esta história para o público em geral, tinha um motivo mais do que válido.

«Quero que nunca te esqueças de que és um homem bom, Parker», disse-me ela. «Não comprehendes que és a melhor coisa que alguma vez me aconteceu. Nem imaginas quão livre me sinto contigo. O quanto gosto da pessoa que sou contigo, não obstante tudo o que aconteceu. E talvez nunca o venhas a saber. Mas, se não souberes que és um homem bom, como poderás acreditar que serás um bom pai para os nossos filhos? Talvez contando esta história sejas capaz de te perdoar a ti mesmo? Além do mais, achas que um homem bom deixaria que o mundo continuasse sem saber as coisas que tu sabes?»

Assim que ouvi a Jocelyn dizer estas palavras, por instantes vi a mulher por quem me apaixonei escondida atrás daquele estranho sorriso que ela exibe desde a sua provação. E esse reconhecimento fez-me perceber que não tinha como recusar.

Por isso aqui estou, escrevendo isto no computador e rezando para que acreditem em mim. Se não acreditarem, tudo bem. Eu

próprio não sei se acredito ou se isto não será um episódio de uma psicose maior que um dia me levará à loucura, à semelhança dos meus pacientes. Mas se vocês são pais, ou mesmo psiquiatras, e se tiverem pacientes ou filhos que vos contem histórias como a do verdadeiro Joe, então este é o aviso que a minha natureza humana e a própria medicina me obrigam a fazer-vos:

Façam o que fizerem, nunca digam aos vossos filhos que os monstros que eles veem são coisas criadas pela imaginação deles. Porque, se uma parte que seja desta história for verdade, poderão estar a assinar as certidões de óbito deles.

Obrigado por me terem lido.

Desejo-vos tudo de bom.

Parker.

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, obrigado ao Jaime Levine, da Houghton Mifflin Harcourt (HMH) Books and Media, por me ter presenteado com uma editora a quem pude confiar cegamente o produto da minha mente, sabendo que ela o melhoraria e o obscureceria até ficar perfeito. Obrigado também ao Dr. Harrison Levine por ter respondido a um sem-fim de perguntas sobre o exercício da psiquiatria da parte de um amador entusiástico. Todos os erros que possam existir ou são meus ou são fruto do que o Joe me exigiu que fosse a narrativa desta história. Quero também agradecer à Katie Kimmerer, editora geral da HMH, e à Laura Brady, revisora e editora do manuscrito. A minha gratidão também à Wendy Muto, da Westchester Publishing Services, por ter guiado *O Paciente* por entre os trâmites do processo de produção.

Também na HMH, obrigado à minha agente publicitária, a Michelle Triant, que respondeu a todos os meus e-mails de pânico com um aprumo de mestre. Obrigado à minha negociadora Hannah Harlow; ao editor Bruce Nichols, da HMH; à diretora editorial da HMH, Helen Atsma; à assistente editorial Fariza Hawke; ao Tommy Harron e à equipa de áudio; também ao Ed Spade, à Collen Murphy e a todo o departamento de vendas. Um agradecimento adicional à Ellen Archer, presidente comercial da HMH; à Lori Glazer, vice-presidente sénior do departamento de publicidade; ao Matt Schweitzer, vice-presidente sénior do departamento de marketing; à Becky Saikia-Wilson, editora associada; à Jill Lazer, vice-presidente de produção; à Kimberly Kiefer, gerente editorial; à Emily Snyder, supervisora de design; e

ao Christopher Moisan, diretor do departamento artístico. A propósito: finalmente e não menos importante, obrigado ao Mark Robinson pelo soberbamente claustrofóbico e inquietante design da capa original deste livro.

Obrigado ao meu agente, Josh Dove, da Stride Management, por ter arriscado em mim antes de eu próprio acreditar que merecia; à minha agente de televisão e cinema, Holly Jeter, da William Morris Endeavor (WME), que geriu a minha entrada nas luzes da ribalta de Hollywood; e ao meu agente literário, Joel Gotler, da Intellectual Property Group, guardião da minha criatividade no mundo literário. Também da WME, obrigado à June Horton e ao Beau Levinson por lidarem com as adversidades do sistema legal de Hollywood. Obrigado ao Ryan Reynolds e ao Roy Lee, que mudaram a minha vida para sempre quando decidiram levar o meu pequeno monstro ao grande ecrã.

Obrigado aos muitos amigos que inspiraram personagens e que me encorajam a passá-las para o papel. Em particular, obrigado ao meu grupo do Dungeons & Dragons (vocês sabem quem são), que me incentivou a experimentar escrever ficção. Obrigado ao McKenna, sem quem o paciente não teria tido o seu nome. Obrigado à minha mãe por ter estimulado a minha imaginação durante toda a minha infância e por nunca ter deixado de acreditar nela, mesmo quando eu tinha deixado. Obrigado ao Stephen, o pai que eu deveria ter tido. Obrigado à Sophie, que implacavelmente me forçou a continuar a aperfeiçoar e a acreditar nas minhas capacidades como escritor. Obrigado à IHOP pelos intermináveis cafés gelados que me mantiveram a escrever os primeiros quatro capítulos desta história, ainda eu não pensava em partilhá-la com o mundo.

Por fim, obrigado a todos os utilizadores do Reddit que votaram nesta história quando foi apresentada pela primeira vez em dezembro de 2015. Sem vocês, *O Paciente* jamais teria sido terminado. Sem vocês, não estaria onde está hoje. Sem vocês, eu seria um homem diferente. Muito obrigado, do fundo do meu coração.

**Edição original**

Título: *The Patient*

Texto: © 2020 Jasper DeWitt, LLC

Publicado pela Houghton Mifflin Harcourt Publishing Company, Nova Iorque.

Todos os direitos reservados.

**Edição em português**

Título: *O Paciente* (Jasper DeWitt)

Tradução: Marta Mendonça

Revisão: Teresa Antunes

Capa: Wonder Studio

Fotografias da capa: Shutterstock

Paginação eletrónica: Wonder Studio

ISBN edição impressa: 978-989-564-339-4

ISBN edição eBook: 978-989-564-549-7

1.ª edição: abril de 2021

Versão 1.0: abril de 2021

© 2021 Topseller, uma chancela da 20|20 Editora.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra  
sem prévia autorização da editora.



Rua Alfredo da Silva, 14 • 2610-016 Amadora • Portugal

Tel. +351 218936000 • GPS 38.742, -9.2304

[contacto@topseller.pt](mailto:contacto@topseller.pt) • [www.topseller.pt](http://www.topseller.pt) • [topseller.pt](https://www.facebook.com/topseller.pt)

**Garantia incondicional de satisfação e qualidade:** se não ficar satisfeito com a qualidade deste livro, poderá contactar diretamente a Topseller, juntando a fatura de compra, e será reembolsado sem mais perguntas.

Esta garantia é adicional aos seus direitos de consumidor e em nada os limita.

O *Paciente* (Jasper DeWitt) é uma obra de ficção. Nomes, personagens e episódios resultam da imaginação do autor ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas, acontecimentos ou locais reais é pura coincidência.